

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

**XXVI**

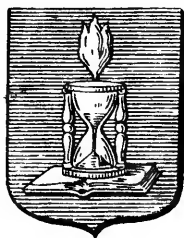
**HISTÓRIA**

DA

**CIVILIZAÇÃO**

**ANTIGA e MEDIEVAL**

**N. 3**



1942

Os Boletins da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo são publicados pelas Cadeiras que constituem suas Secções e Sub-secções.

Tôda a correspondência relativa ao presente Boletim deverá ser dirigida ao seguinte endereço:

**Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval.**  
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Caixa Postal 105-B. São Paulo (Brasil).

## UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

*Reitor:*

Prof. Dr. Jorge Americano.

*Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras:*

Prof. Dr. Fernando de Azevedo.

*Cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval:*

*Professor:*

Dr. E. Simões de Paula.

*Assistentes:*

Licenciado Eduardo de Oliveira França.

" Pedro Moacyr Campos (extra-numerário).

A CADEIRA DE HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO  
ANTIGA E MEDIEVAL

pede e agradece a remessa de suas publicações.

vous prie de lui envoyer vos publications.

shall be glad to receive your publications.

le agradecerá el envío de sus publicaciones.

Cadeira de História da Civilização  
Antiga e Medieval.  
Faculdade de Filosofia, Ciências e  
Letras da Universidade de São  
Paulo.

Caixa Postal 105-B.  
São Paulo (Brasil).



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

**XXVI**

**HISTÓRIA**  
DA  
**CIVILIZAÇÃO**  
ANTIGA e MEDIEVAL

**N. 3**



1942



**E. SIMÕES DE PAULA**

**O comércio varegue e o  
Grão-Principado de Kiev**

**SÃO PAULO**

**1942**





## I N T R O D U Ç Ã O

Poderá talvez parecer estranho termos escolhido para tema da nossa tese de doutoramento, entre a matéria pertinente à Cadeira na qual nos especializamos, um assunto tão afastado da Europa Ocidental, ou pelo menos da bacia do Mediterrâneo, berço remoto da nossa civilização. Mas foi precisamente pensando em realizar uma pesquisa sôbre a História Medieval da Europa Oriental, pouco conhecida entre os estudiosos da História no nosso meio, que empreendemos êste trabalho. E' óbvio que não realizamos uma pesquisa inteiramente original, — coisa difícil no Brasil com os meios bibliográficos existentes e principalmente com a carência de documentos inéditos sôbre o assunto — mas pensamos ter feito um trabalho de síntese, que talvez tenha alguma utilidade para os jovens estudantes de História da nossa Faculdade. Analisando documentos conhecidos e obras de autores de nomeada, procuramos estabelecer um paralelismo, sempre que possível, entre a evolução da História Medieval no Ocidente e no Oriente da Europa. Na comparação dessas duas civilizações, na prova de que elas formam um conjunto harmônico, que não pode ser desassociado, está, ao nosso ver, o valor desta tese.

Se afirmamos que a civilização medieval forma um todo homogêneo, é porque quando estudamos a formação dos Estados na Idade Média, insensivelmente levamos o pensamento para o Ocidente da Europa e nos esquecemos de que no Oriente novos Estados estavam em plena formação. E' verdade que no Ocidente as monarquias medievais tiveram origem em regiões outrora pertencentes ao Império Romano, ou que dêle tinham sofrido a influência, posteriormente barbarizadas pelo afluxo

das invasões germânicas, ao passo que no Oriente e Centro da Europa — fora dos limites do Império Bizantino — novos Estados vão surgir sem base nas velhas civilizações do Mediterrâneo. Pensamos, portanto, que os estudiosos dos problemas históricos da Idade Média não deviam circunscrever suas pesquisas ao Ocidente, mas procurar comparar a evolução política, econômica e social dos diversos povos europeus, mostrando o que há de comum entre êles.

Partindo dêsse princípio, vamos estudar a evolução de um dos mais curiosos Estados surgidos na Europa Oriental durante a Idade Média: o **Principado de Kiev**.

Esse principado é obra dos Normandos que se lançam sobre a Europa desde o fim do século VIII. Enquanto os Noruegueses e Dinamarqueses se dirigem para o Ocidente, os Suecos, dominando o Báltico, procuram atravessar a Europa Central rumo a Bizâncio, atraídos pelo brilho de sua civilização. Não podendo dominar o Império Grego, como os Vikings dominaram o Ocidente, vão organizar ativo comércio com Constantinopla, tendo por base um principado que fundam no vale do Dnieper, aproveitando as cidades eslavas já existentes ao longo dos rios que se lançam no Báltico e no Mar Negro. Esse principado estava fadado a grande êxito porque, dominando então o Islão o Mediterrâneo, êle se transformou, para o Ocidente, para a única rota abastecedora de produtos orientais.

Essa rota comercial, determinando a concentração do poder e da riqueza nas mãos do grão-príncipe de Kiev, contribuiu para a formação do Estado russo. E foi por ela também que Bizâncio — principalmente através do Cristianismo — deu um cunho peculiar à civilização russa, característico que ela jamais perdeu. Mas infelizmente para Kiev, a reabertura do Mediterrâneo pelas Cruzadas e sua própria situação geográfica junto às estepes meridionais da Rússia, trouxeram-lhe a ruína, pois os nômades, depois de repetidos ataques, conseguem por fim destruí-la. Todavia a civilização russa de Kiev não perece, porque os Eslavos estabelecidos em Novgorod, na zona florestal, e mais tarde Moscou, levantam de novo o facho da cultura oriunda de Bizâncio.

Além desses aspectos econômicos e culturais, pensamos que o assunto por nós escolhido tem também interesse para o estudo de nossa História Colonial, pois, como os Portugueses no Brasil, os Varegues invadiram em pequeno número um território até então à margem do mundo mediterrâneo e estabeleceram aí uma colonização e uma civilização de base inteiramente mercantil, mesclando-se com os indígenas e utilizando-os como mão de obra na exploração dos produtos peculiares à região. Mas não é só. Eles vão mais longe ainda: dão seu próprio nome ao Estado que vão organizar.

São esses os aspectos do assunto que vamos apreciar na nossa modesta tese.

---

NOTA: — As citações bibliográficas no texto estão reduzidas ao mínimo possível. Os pormenores sobre a edição das obras utilizadas devem ser procurados na bibliografia geral, que apresentamos nas últimas páginas deste trabalho.



## CAPÍTULO I

### O ESTABELECIMENTO DOS ESLAVOS NAS PLANÍCIES RUSSAS. — OS ANTES.

Os Eslavos apareceram na Historia quando sua unidade primitiva já se tinha desfeito e quando os diferentes ramos desse grupo étnico já se haviam estabelecido em territórios de há muito conhecidos pelos Antigos. O ramo ocidental propagou-se até o Elba, enquanto os Eslavos Meridionais atingiram o litoral do Adriático. Os Eslavos Orientais, que tomaram mais tarde o nome de Russos, se apossaram da região situada ao Norte do Baixo-Danúbio, entre os Cárpatos e o Dniester. Desalojados daí pelos Ávaros e procurando um local onde pudessem se estabelecer, êles ocuparam, desde o século VI, vasto território compreendido entre o litoral do Mar Negro e o gôlfo da Finlândia, e do Alto-Volga ao Don e Mar de Azov (1). Essa região do Baixo-Dnieper — eixo de marcha dos Eslavos Orientais — conhecida atualmente pelo nome de Ucrânia, foi disputada durante muitos séculos pelos povos nômades das estepes. Assim, nos séculos IX, VIII e VII a.C. ela estava ocupada pelos Cimerios, cujo império foi destruído por um povo de pastores iranianos, os Cítas. Êstes, por sua vez, sucumbiram nos séculos III e II a.C. aos golpes de outros iranianos, os Sármatas. No fim do século II da nossa era, êstes foram vencidos por um povo de origem germânica, os Godos, oriundo da Escandinávia. O império gótico sucumbe, por sua vez, destruído por um povo de origem asiática, os Hunos, que vinham das fronteiras da China ( $\pm 375$ ) (2). A partir dessa data, vasta faixa

- 
- (1). — Vide A. CHAKHMATOV, *As mais remotas origens da raça russa*. Leningrado, 1919 (em russo) e V. KROKRINE, *Débuts de l'Etat russe éclairés par des données nouvelles*. Paris, 1930. Apud ECK, *Le Moyen Age russe*, 1; EAST, *Géographie historique de l'Europe*, 195; PEISKER, in *C. M. H.*, II, 418-434.
- (2). — LOT, *Les invasions barbares*, II, 8; GLOTZ e COHEN, *Histoire grecque*, I, 165-166; PEISKER, in *C. M. H.*, II, 428; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 184.

de terra de 300 quilômetros de largura, do Mar Negro ao Mar de Azov, a região estépica do Sul da Rússia, é percorrida e devastada, durante quinze séculos, por povos de origem turca, oriundos da Ásia. Aos Hunos sucedem os Ávaros (do meado do VI ao meado do século VII), os Khazares (mais ou menos em 650), os Petchenegues (na segunda metade do século X), os Polovtzes ou Cúmanos (meado do século XI) e enfim, no século XIII os Tártaros e no XV os Turcos Otomanos (3). São justamente contra êsses nômades que veremos os Eslavos e Varegues lutarem continuamente para manter sempre aberta a rota comercial do Dnieper, entre Kiev e o litoral do Mar Negro, em demanda de Bizâncio.

Êsse Estado eslavo de Leste, a futura Rússia, que se constituiu no século IX, tem pouca cousa de comum com o passado da região em que se organizou. Os Eslavos Orientais receberam apenas algumas palavras dos seus vizinhos do Sul, os Godos, sofrendo também alguma influência das civilizações iranianas (sarmática e cítica) que os precederam no curso médio e inferior do Dnieper e do Don (4).

Os Eslavos tiveram também que lutar contra os Tchudes (Fineses), população selvagem que se defendeu valentemente, e que só paulatinamente cedeu seu território aos invasores. Foi nessa região, nas bordas do lago Ilmen, que êles fundaram Novgorod, “a cidade nova”. Assim, os Eslavos Orientais estabeleceram-se em larga faixa de terra, de Novgorod ao Norte a Kiev ao Sul, compreendendo as atuais cidades de Vitebsk, Smolensk, Mohilev e Tchernigov. Foi a Leste e a Oeste dessa faixa que as tribus eslavas se localizaram (5).

A região em que êsses Eslavos de Leste se estabeleceram, era bem semelhante ao local de origem de todos os Eslavos: os charcos do Pripet. Êles se instalaram em herdades disseminadas ao longo do vale do

---

(3). — LOT, *op. cit.*, II, 8; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 185-186.

(4). — Rostovtzeff relaciona, com alguma razão, o Estado russo com o passado dessa região, no seu artigo, *Les origines de la Russie kiévienne (Revue des Études Slaves.* t. II, 1922, pp. 5-28). Apud LOT, *op. cit.*, II, 9.

(5). — LOT, *op. cit.*, II, 8 e 10.

Dnieper, defendidas por valos ou muros de terra, ou em clareiras das florestas, ou ainda em lugares secos no interior dos pântanos. O rio dividia em duas partes iguais a sua zona de colonização e tornou-se a via de povoamento e de comércio por excelência. Na alta margem ocidental, no limiar da floresta e em face da estepe, nasceu a cidade de Kiev, segundo a tradição, pela reunião de herdades separadas e situadas em colinas contíguas (6).

Caçadores, pastores e até mesmo agricultores, os Eslavos Orientais encontraram excelentes condições para seu estabelecimento nessa nova região de colonização: imensas florestas, inumeráveis cursos d'água navegáveis, terras férteis, espaços infinitos livres de ocupantes — após a partida dos povos germânicos que aí os haviam precedido — vizinhos fracos ao Norte e a Leste. Tudo se prestava, pois, a um intenso povoamento de base agrícola. Mas dedicaram-se sobretudo à caça de animais de pele e à apicultura, porque foram essas atividades que lhes permitiram obter as matérias primas necessárias ao comércio que mantiveram com as populações estabelecidas além das estepes, nas margens do Mar Negro (7).

Quando êsses Eslavos Orientais ocuparam as cabeceiras do Dnieper, do Volga e do Dvina Ocidental, as margens do lago Ilmen e o Volkhov, ficaram de posse da chave das comunicações entre o Báltico, o Cáspio e o Mar Negro. Na sua expansão para o Sul encontraram-se com os Bizantinos que estavam estabelecidos em Cherson, na atual Criméia (8). Êstes perceberam imediatamente que estavam em face dum novo e numeroso povo, pois Procópio e Jordanes assim se referem aos Eslavos:

*ἔθνη ἀμετρα, natio populosa per immensa spatia* (9).

E' provável que a parte situada mais ao Sul dêsse Eslavos tenha formado um importante Estado, muito

---

(6). — EAST, *op cit.*, 195.

(7). — ECK, *op. cit.*, 1-2.

(8). — PLATONOV, *La Russie chrétienne*, 482.

(9). — Apud ECK, *op. cit.*, 1.

antes da chegada dos Varegues à Rússia: os Antes. Se o afirmamos, é porque Jordanes diz ter Vinither, rei dos Godos, estabelecidos então na atual Ucrânia, atacado Boz, rei dos Antes, matando-o, assim como seus filhos e setenta chefes (10). Mas como Jordanes escreveu sua obra *Origem e História dos Getas (Gética)* um século e meio depois da destruição do Império Gótico, essa afirmação deve ser aceita com certas reservas. Não obstante, ela serve para indicar-nos (Gética, § 34) onde viviam êsses Antes. Divide também a inumerável tribu dos Wendes (*Venethae*), que habitavam o Vístula, em *Sclaveni* e Antes (11):

“*Introrsus illis (o Danúbio, o Theiss, o Aluta) Dacia est, ad coronae speciem arduis Alpibus emunita, juxta quorum sinistrum latus, qua in aquilonem vergit, ab ortu Vistulae fluminis per immensa spatia Venetharum natio populosa consedit; quorum nomina, licet nunc per varias familias et loca mutantur, principaliter tamen Slaveni et Antes nominantur. Slaveni a civitate Novietunense et lacu qui appellatur Mursiano, usque ad Danastrium et in boream Viscla (o Vístula) tenus commorantur: hi paludes silvasque pro civitatibus habent. Antes vero, qui sunt eorum fortissimi, qua Ponticum mare curvatur, a Danastro extenduntur usque ad Danaprum, quae flumina multis mansionibus ab invicem absunt.*”

Informa-nos, pois, Jordanes que os mais valentes (*fortissimi*) dos Antes estavam estabelecidos nas proximidades do Mar Pôntico, isto é, do Mar Negro, entre o Dniester e o Dnieper.

Procópio, contemporâneo de Jordanes, referindo-se aos Hunos Kutriguros, os diz vizinhos dos Antes. Não é só. Os imperadores bizantinos Justino e Justiniano lutaram contra os Antes e os venceram, porque ambos se

---

(10). — NIEDERLE, *Manuel de l'antiquité slave*. Paris, I, pp. 47 e 190. Apud LOT, *op. cit.*, II, 9; CALMETTE, *Le monde féodal*, 30; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 186 e 200.

(11). — Ed. de MOMMSEN in *Monumenta Germaniae, Auctores antiquissimi*, t. V, p. 62. Apud LOT, *op. cit.*, I, 216, nota 4.



intitulavam *Anticus*, como era hábito entre os imperadores romanos quando derrotavam seus inimigos (12).

Sabemos também que um *khan* dos Ávaros em 602 fez uma expedição contra os Antes, então estabelecidos na atual Bessarábia. Desde essa época o nome dêsse ramo dos Eslavos Orientais desapareceu das crônicas bizantinas. Julga-se que os Antes o mudaram para *Dulebos* (13), afirmando *Kadlec* (14), entretanto, que seus descendentes são as atuais populações russas chamadas hoje Pequenos Russos ou Ucrânicos. Em todo caso, o certo é que do século VII em diante, não temos mais nenhuma referência acêrca dêles. Isso talvez se explique pela circunstância da historiografia bizantina ter declinado consideravelmente nesse tempo. Todavia, *Kadlec* (15) sugere interessante explicação para a história dos Antes, da última metade do VII ao século IX: logo, no segundo quarto do século VII, o domínio dos Ávaros estava em declínio, e quando, em 679, a principal parte dos Búlgaros trocou as regiões do Mar Negro pela Península Balcânica, uma época favorável se abriu para os Antes. Aproveitando-se dessa circunstância, êles rumaram para Leste. Sabemos por *Procópio* (16) que a colonização eslava já se tinha aproximado do Mar de Azov na primeira metade do século VI. Os Antes, nesse tempo, estavam estabelecidos ao Norte dos Hunos Kutriguros. Mais tarde, provavelmente êles ocuparam tôda a região Norte das estepes do Meridião Russo até o Don, mas foram expulsos dêsses territórios pela chegada de novas hordas nômade, refluindo para a atual Ucrânia.

---

(12). — LOT, *op. cit.*, II,9-10.

(13). — NIEDERLÉ (*op. cit.*, I, pp. 192, 196 e 214) frisa que o rei eslavo *Medsamiras* das fontes bizantinas, morto pelos Ávaros, mais ou menos em 562, é certamente o mesmo rei dos Volínios ou *Dulebos*, *Mâdjak*, de que fala o geógrafo árabe *Masudi* na sua obra *Campinas de ouro*. Vide MARQUART, *Osteuropäische und ostasiatische Streifzüge*. Berlim. 1903. p. XXXLI e pp. 101-103. Apud LOT, *op. cit.*, II, 10.

(14). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 200.

(15). — *ibidem*.

(16). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 200.

Assim, o avanço eslavo foi barrado pelos Ávaros na Besarábia e na Transilvânia, e, no Sul, pelos Khazares (17).

A-pesar-dos Khazares interromperem a expansão dos Eslavos Orientais, não impediram que estes entrassem em contacto com os Árabes, que vinham comerciar no litoral Norte do Mar Negro. Esse fato está provado, porque entre o Sul do Báltico, o Ural e o Volga, foram encontrados numerosos tesouros compostos de moedas árabes do século VIII e mesmo do VII (vide páginas 35, 54-55 e 108). Esses dados numismáticos são exatos, porque sabemos que os Árabes tinham o hábito de cunhar moeda por ocasião do advento dum novo califa. Por outro lado, esses informes concordam com as narrativas dos escritores árabes que deixam patente possuir o Islão um intercâmbio comercial no Sul da Rússia com um povo a que chamam Ross, nome que, como veremos mais adiante, se applicava aos comerciantes varegues estabelecidos em Kiev desde o século IX. Esse comércio era efetuado principalmente pelas vias fluviais ou, pelo menos, nas suas proximidades, porque é aí precisamente que é encontrada a maioria desses tesouros. E' interessante notar que os Khazares favoreciam, ou pelo menos não se opunham a esse comércio com o Oriente; e foi certamente com seu auxílio que mercadores eslavos teriam penetrado na Ásia. Como veremos mais adiante, esses nômades permitiram também que se estabelecesse uma rota comercial entre Kiev e o Mar Negro, passando pelo seu território, rota que será desenvolvida mais tarde pelos Varegues. Certos autores pretendem também que os Eslavos Orientais mantiveram relações com o Ocidente, mas tal fato só está provado no período em que já dominam em Kiev e Novgorod os Normandos (18).

---

(17). — MARQUART, *op. cit.*, pp. 101, 127, 147 e 193; HRUSESKYJ (Michael), *Geschichte des Ukrainischen (Ruthenischen) Volkes*, t.: *Urgeschichte des Landes und Volkes, Anfänge des Kijever Staats*. Leipzig. 1906. pp. 177,578-579. Apud Lot. *op. cit.*, II, 10.

(18). — PLATONOV, *Histoire de la Russie*, 24.

## CAPÍTULO II

### OS VAREGUES NA RÚSSIA.

Antes de iniciarmos o estudo do problema do estabelecimento dos Varegues na Rússia, achamos necessário examinar a significação das palavras “Rússia” e “Varegue”, que usaremos continuamente neste nosso trabalho.

\* \* \*

#### a) O significado dos nomes “Rússia” e “Varegue”.

As origens e a significação etimológica da palavra “Rússia”, de onde deriva o nome do país e do povo russo, são ainda obscuras e deram margem a inúmeras controvérsias. Os polemistas dividem-se em duas escolas: a normanda e a eslava, cujos representantes máximos têm sido M. P. Pogodine e I. E. Zabeline respectivamente (1).

A escola normanda — fundada no século XVIII pelo acadêmico Bayer e desenvolvida pelos seus discípulos Schlötzer, Pogodine, Krug, Kunik, Vassilievsky e por Karamzin e Soloviev e outros — atribue origem escandinava à palavra “Rússia” e nela vê um nome étnico que designava uma tribo da Escandinávia. Kunik (2) sustenta ser êsse vocábulo derivado do antigo norueguês *rôper*, *roslagen* (remador, comunidade de remadores, que posteriormente, deu seu nome a uma província da Suécia Oriental), transformado no finlandês em *ruotsi* (é assim que os Finlandeses chamam os Suecos) e no eslavo em *rusi* (por analogia com *Suomi* — nome que dão a si próprios os Finlandeses — e transformado no eslavo *Sumi*). Outros autores acham que o termo *ross* não é escandinavo e nem eslavo, mas finlandês, por-

- 
- (1). — PLATONOV, *La Russie chrétienne*, 494; IDEM, *Histoire de la Russie*, 35-36; ECK, *Le Moyen Age russe*, 9, nota 1; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 199.
  - (2). — KUNIK, *Die Berufung der Schwedischen Rodsen*. São Petersburgo. 1844. Apud ECK, *op. cit.*, 9, nota 1. Vide também PEISKER in *C. M. H.*, II, 431.

que era assim que os Tchudes — antigos habitantes da Rússia — chamavam os Suecos, e foi dêles que os Eslavos receberam o vocábulo e dêle se serviam para designar seus senhores (3). Parece que essa é a sua verdadeira origem, porque os territórios habitados pelos Suecos na Finlândia são chamados **Ruotsolaiset** (Russos) pelos Finlandeses (4). Chakhmatov (5) aproxima a palavra **rusi** do termo finlandês **ruotsi**, do estoniano **rôts**, do votíaco **rôtsi**, do antigo sueco **ryds**, **rydsar**, do antigo norueguês **rûzaland**, **rûciland** e do antigo alemão **rûz**, **rûza**, **ruise**.

A escola eslava (6) afirma a existência do nome étnico **Rusi** e de numerosos rios chamados **Rosi** no Sul da Rússia e na bacia do Mar Negro, muito antes da chegada dos príncipes varegues a Kiev. Alguns autores dessa escola fazem derivar o nome **Russ** dos longínquos antepassados dos Eslavos (?), os **Roxolanos** ou **Rossilanos**, que habitaram as margens do Mar Negro na época do Império Romano (7).

Os partidários dessa escola afirmam também que os autores árabes conheciam o povo **Rus** (**Russ** ou **Rugs**), localizado no litoral do Mar Negro, muito antes da chegada dos Escandinavos (8). Êles citam ainda o fato de que Liutprando de Cremona, na sua obra **Antapodoseos seu rerum per Europam gestarum libri VI** (V, cap. 15)

- 
- (3). — PIRENNE, *Histoire de l'Europe*, 82; MAWER, in *C. M. H.*, III, 328.
- (4). — THOMSEN, *Der Ursprung des Russischen Staates*. Gotha. 1879. pp. 94-106. Apud LOT, *Les invasions barbares*, II, 15, nota 1.
- (5). — CHAKHMATOV, *As mais remotas origens da raça russa* (em russo). Leningrado. 1919. p. 52; IDEM, *Introdução ao curso da história da língua russa* (em russo), p. 67. Apud ECK, *op. cit.*, 9, nota 1.
- (6). — ILOVAISKY, *Pesquisas sobre a origem da Rússia* (em russo). Moscou. 1876; GHEDÉONOV, *Varegues e Russos* (em russo). São Petersburgo. 1876, 2 vols.; F. KNAUER, *Der russische Nationalname und die indogermanische Urheimat* ("Zeitschrift für indogermanische Sprach und Altertumskunde", XXXI, XXII, Estrasburgo, 1912-1914). Apud ECK, *op. cit.*, 9, nota 1.
- (7). — PLATONOV, *R. C.*, 494
- (8). — IDEM, *H. R.*, 34.

(9), afirma que os Bizantinos, segundo a aparência física, chamavam Russos [“a qualitate corporis... vocant Russos” (isto é, ‘ρούσιος, louro)] um povo que chamamos Normandos, de acôrdo com sua situação geográfica [“nos appellamus Nordmannos... a positione loci...”].

Mas entre êsses Nordmanni êle coloca também os Khazares e os Petchenegues, povos de origem turca, que eram vizinhos dos Varegues de Kiev, como veremos mais adiante.

Klutchevsky (10) acredita que o nome Rusi applicava-se, no início, somente ao truste dos príncipes varegues, composto na sua maioria de Escandinavos (11). Enfim, V. Brim (12) propôs ultimamente a seguinte filiação, que concorda, sob o ponto de vista filológico, com a hipótese de Klutchevsky: do antigo sueco *drôt* (truste, multidão) = *drôtsmenn* = vassalo voluntário, transformado no finlandês em (*d*) *ruots* (*menn*) i = *ruotsi*, originou-se o vocábulo eslavo rusi.

Essas são as principais hipóteses, mas há outras verdadeiramente fantasistas, como a de Michael Hruseskyj — na sua obra *História da Ucrânia* (13) — que nega a origem escandinava da Rússia de Kiev e sustenta ser ela ucraniana; e a do professor Boudilovitch (14) que acredita serem os Russos oriundos dos Godos e que a palavra Russ ou Ross é derivada do nome duma tribo goda chamada *Hroth* (pronuncia-se ross).

---

(9). — Apud ECK, *op. cit.*, 9, nota 1.

(10). — KLUTCHEVSKY, *Curso de História da Rússia* (em russo). 4a. edição. Leningrado. 1919, I, p. 200. Apud ECK, *op. cit.*, 9, nota 1.

(11). — E' interessante notar a afirmação de Constantino Porfirogênetas de que os príncipes varegues cobravam o tributo na região de Kiev (vide página 42) percorrendo-a com todos os “Rhos” [μετὰ πάντων τῶν Ῥῶς] isto é, com seu truste (*De adm. imp.*, cap. 9, p. 79). Apud ECK, *op. cit.*, 9, nota 1.

(12). — BRIM, *Origem do termo “Rusi”*, in *Rússia e o Ocidente*, I, Leningrado, 1923. Apud ECK, *op. cit.*, 9, nota 1.

(13). — Pp. 397, 399, 686 e 689 da tradução alemã — Apud LOT, *op. cit.*, II, 13, nota 1.

(14). — Apud PLATONOV, *H. R.*, 36.

A teoria sustentada pela escola normanda (15) é aceita pela maioria dos autores e parece-nos de tôdas a mais procedente. Pensamos, como Platonov (16), que a confusão estabelecida sôbre o assunto pode ser em parte sanada, se atentarmos para o fato de que a **Crônica de Nestor** (17), quando relata o estabelecimento dos Escandinavos no vale do Dnieper, chama de **Russ** a região de Kiev e suas províncias vassaladas, isto é, o **território eslavo**. Pelo contrário, quando os autores bizantinos falam de **homens**, não se referem aos Eslavos, mas sim aos Normandos; o mesmo sucedia com a **língua russa**, que era a escandinava.

Embora a questão tenha sido ardentemente contestada pelos partidários da escola eslava, não há dúvida que os **Rhos** ou **Russ** eram realmente Vikings suecos. Alguns dêles acompanharam uma embaixada bizantina enviada ao imperador Luiz-o-Piedoso em 839 (vide páginas 26-27) e, embora chamassem a si mesmos **Rhos**, fez o soberano certas averiguações e soube que eram de nacionalidade sueca. Foram, em consequência, detidos durante algum tempo, sob a suspeita de serem espiões; sem dúvida, o Imperador receava algum novo plano contra o Império da parte dos Normandos. Poucos anos depois, quando os Vikings atacaram Sevilha (844), um escritor árabe chama-os de **Russ**, usando provavelmente um nome já consagrado no Ocidente. As descrições da vida dos antigos **Russ** que encontramos nos escritores bizantinos e árabes, condizem de maneira notável com as dos Vikings no Ocidente e provas arqueológicas e filológicas tendem a reforçar a crença de que o seu local de origem era a Escandinávia. Certos tipos de broches encontrados no Oeste da Rússia provêm da Escandinávia e os montes de moedas anglo-saxônicas lá encontrados devem provir do **danegeld** pago pelos habitantes da Grã-Bretanha aos Normandos. Uma inscrição rúnica, pertencente ao século XI e onde se vêem provas de

---

(15). — Segundo LOT (*op. cit.*, II, 13, nota 1) a melhor obra sôbre as origens escandinavas de Kiev é o livro de THOMSEN, traduzido do dinamarquês para o alemão por BORNEMANN, que já citamos.

(16). — PLATONOV, *R. C.*, 495.

(17). — Tradução de Léger. Paris. 1884.

conexão com a região escandinava, foi encontrada num montículo funerário em Berezan, ilha situada na foz do Dnieper. Diz o professor Braun (18) que não foram encontradas outras, devido à raridade de pedra adequada na região. Por outro lado, o texto da *Crônica de Nestor* indica também os nomes dos embaixadores que os príncipes de Kiev enviavam para Bizâncio. Ora, êsses embaixadores são chamados de **Russ** e seus nomes são todos escandinavos e não eslavos. Constantino Porfirogêneta cita os nomes dos rápidos do Dnieper em eslavo e em russo, êstes todos oriundos de raízes escandinavas. Assim, os homens chamados **Russ** falam um idioma escandinavo e pertencem aos povos germânicos do Norte.

Pensamos, também como Platonov (19), que a palavra **Russ** era o nome dado pelos Eslavos Orientais não a uma tribo especial dos Normandos, mas aos Suecos e às suas *drujinas* (*druzina* ou *druzhina*: guarda especial dos príncipes varegues). Ao lado do termo **Suoma**, que designava no idioma dos Eslavos os Finlandeses, o nome **Russ** entre os Eslavos Orientais serviria para indicar primitivamente êsses Suecos de além-mar, que os Finlandeses chamavam de **Ruotsi**, nome derivado do distrito de Uppland, denominado também **Ropr**, com o qual êles estavam mais familiarizados (20). **Russ** era empregado também, entre os Eslavos Orientais, paralelamente a **Varegue**, o que nos explica a fusão de ambos numa só expressão que encontramos nos cronistas: **Varegues-Russos**. Essa é a etimologia que nos parece mais justa e razoável.

Nestas condições, os principados fundados pelos Escandinavos entre os Eslavos Orientais chamavam-se russos. Suas *drujinas* tomaram igualmente o nome de **Russ**. Como estas operavam sempre com os Eslavos vassallos, o nome **Russ** passou gradualmente para êles e para a região que habitavam.

Os Bizantinos faziam curiosa distinção: chamavam **Varegues** os Normandos a seu soldo, e **Russos** um gran-

---

(18). — Apud MAWER, in *C. M. H.*, III, 328.

(19). — PLATONOV, *R. C.*, 494-495.

(20). — MAWER, in *C. M. H.*, III, 328.

de povo, composto de Eslavos e Escandinavos, que habitava nas proximidades do Mar Negro (21).

A questão da etimologia da palavra **Varegue** (ou **Variague**) é também muito debatida e, portanto, deve ser examinada com grande cautela. A **Crônica de Nestor**, em duas passagens muito interessantes, elucida como e porque nasceu a controvérsia. Enumerando as tribus estabelecidas na costa do Báltico, assim se refere ela no primeiro tópico a respeito (22):

“Ao longo dêsse mar **Varegue** (Báltico) estão estabelecidos os **Varegues**... ora, os **Varegues** são: os **Svei** (Suecos), os **Urmans** (Noruegueses), os **Godos**, os **Russos**, os **Inglezes**”...

No segundo, referindo-se ao convite feito pelos Eslavos Orientais aos Normandos para que viessem governá-los, lemos o seguinte:

“Eles foram além-mar até aos **Varegues-Russos**, porque há entre os **Varegues**, **Russos**, como há **Svei**, **Urmans**, **Inglezes**, **Godos**”...

Assim haveria, segundo a **Crônica**, **Russos**, **Inglezes**, **Suecos**, **Godos** entre os **Varegues**, e os **Russos** não seriam entre êles mais do que uma tribu. Isso nos prova pelo menos que os **Varegues** eram conhecidos pelo cronista e pelos Bizantinos. Encontramos, com efeito, entre certos escritores a palavra *βαραγγοί*, correspondendo à palavra russa **variag**, que se pronunciava **vareng** (23).

A palavra **Varegue** seria derivada, segundo **Niederlé** (24), do norueguês **vaering**, **varing**, com o sentido de **soldado mercenário**. Mas outros autores apresentam

---

(21). — PLATONOV, *R. C.*, 495.

(22). — Apud PLATONOV, *H. R.*, 32.

(23). — PLATONOV, *H. R.*, 32; ECK, *op. cit.*, 6, nota 1; PI-RENNE, *H. E.*, 82; PEISKER, in *C. M. H.*, II, 431 dá a seguinte explicação: *vaeringjar* = *βαραγγοί*; MAWER, in *C. M. H.*, III, 328.

(24). — NIEDERLÉ, *Manuel de l'antiquité slave*. Paris. 1923, I, p. 206. Apud ECK, *op. cit.*, 6, nota 1.



etimologias diferentes. Assim, Brian-Chaninov (25), a-pesar-de dar o mesmo significado de Niederlé, grafa as palavras de outro modo: **variagues** (de **varegres**, **varingas**). Platonov (26) dá a seguinte etimologia: **variagues** derivada de **varangs** e **verings**. Certos autores (27) fazem derivar a palavra **variag** de **vrag** (**homem de presa**, **inimigo**, **vagabundo**), mas Lot (28) acha que o vocábulo escandinavo **varing** deu em grego *βαρβαγ* (**varyag**) [plural *βαρβαγοι* (**varyazi**)] (28-a) e em árabe **varang**. Não é só. Sophus Bugge (29) pensa, contrariamente a Thomsen (30), mas de acôrdo com Kunik, que **vaering** é derivado do anglo-saxão **waergenge**, com o significado de **estrangeiro** (31); outros a traduzem por **Schutzbürger** (**cidadãos protetores**) (32). A. Chakhmatov (33) afirma, curiosamente, que *βαρβαγός* = **waeringjar** é de origem ávara e apresenta uma deformação da palavra **Franco**. E' interessante notar também que em certas províncias russas **varjag** significa **mascate** — lembrando, talvez, as antigas atividades mercantis dos **Varegues**, como veremos mais adiante — e o verbo derivado **varjaziti** tem o sentido de **entregar-se ao comércio miúdo** (34).

De tôdas essas opiniões podemos concluir que a palavra **Varegue** — como o vocábulo **Rússia** — deve ter sido derivada do nome duma tribo ou dum grupo d'esses **Russ** que se estabeleceram entre os **Eslavos Orientais**.

---

(25). — BRIAN-CHANINOV, *Histoire de Russie*, 14.

(26). — PLATONOV, *R. C.*, 480.

(27). — IDEM, *H. R.*, 34.

(28). — LOT, *op. cit.*, II, 15.

(28a). — Essas palavras são de origem bárbara e deviam ser acentuadas na última sílaba, como era hábito entre os Bizantinos.

(29). — Apud ECK, *op. cit.*, 6, nota 1.

(30). — THOMSEN, *op. cit.*, pp. 111-128. Apud LOT, *op. cit.*, II, 15.

(31). — Esse é também o significado dado por PIRENNE, *H. E.*, 82.

(32). — *Arch. für Nord. Filologie*, II, 225. Apud ECK, *op. cit.*, 6, nota 1.

(33). — Apud ECK, *op. cit.*, 6, nota 1.

(34). — KLUTCHEVSKY, *op. cit.*, I, p. 158. Apud ECK, *op. cit.*, 6, nota 2.

Como todos os Varegues se entregassem ao comércio ou à guerra, êsse nome passou a designar tanto mercador como guerreiro. E essa nossa afirmação é apoiada no fato de que ela servia para designar, entre os Bizantinos, as companhias de guerreiros compostas de Normandos, como já dissemos. Não é tudo. A palavra **Waeringir** nas Sagas escandinavas é empregada com o mesmo sentido. Além disso, na França, perto de Dieppe (nome de origem dinamarquesa), existe uma aldeia cuja denominação lembra um acampamento de Varegues (Variagues ou Varangues): **Varangeville** (35), e ao Norte da Noruega, no Oceano Glacial Ártico, um fjord tem o curioso nome de **Varanger** e uma península o de **Varjag**.

A origem escandinava dos Russos ou Varegues é ainda atestada pelos nomes que deram aos rápidos do Dnieper e pelos nomes dos seus príncipes (36):

|                               |                              |
|-------------------------------|------------------------------|
| Rurik-Hroereker               | Askold-Hoeskuld, ou Höskuldr |
| Oleg-Helgi ou Helgu           | Dir-Dyri                     |
| Olga-Helga                    | Rogned-Rognheidhr            |
| Sineus-Signuitr ou Signotr    | Ruald-Hroaldr                |
| Fruvor-Thruvardr ou Thorvardr | Farlaf-Farulfr               |
| Turd-Thordhr                  | Igor-Ingvarr, etc.           |

Mas, curiosamente, a influência dos Varegues-Russos não se fez sentir de maneira intensa na formação da língua russa. Entre os vocábulos russos de origem escandinava podemos citar (37): **grid** (**gridh**) guarda-costa; **knut** (**knutz**) látego; **lar** (**lar**) cofre; **stiag** (**stiang**) estandarte militar; **sneka** (**snekkz**) navio, etc.

\* \* \*

#### b) A expansão normanda e o estabelecimento dos Varegues na Rússia.

Após termos examinado a questão da etimologia das palavras Rússia e **Varegue**, analisemos agora o problema do estabelecimento dos Vikings no vale do Dnieper.

(35). — LOT, *op. cit.*, II, 15, nota 2.

(36). — *ibidem*, II, 15; ECK, *op. cit.*, 6-7; MAWER, in *C. M. H.*, III, 327.

(37). — THOMSEN, *op. cit.*, 135. Apud LOT, *op. cit.*, II, 20.

No século IX houve grandes movimentos de povos na Europa, desencadeados pelas invasões normandas. Do Norte da Europa hordas escandinavas se lançam em vagas sucessivas sobre a Europa Ocidental, ao mesmo tempo que uma parte delas — os Suecos, situados na parte interna da Península Escandinava, no litoral do Báltico — se dirige para a região de Novgorod. Como veremos mais adiante, são repelidos inicialmente, mas acabam por dominar todo o vale do Dnieper e o litoral Sul do Báltico, transformando êsse mar num verdadeiro lago sueco.

Essas invasões normandas foram sumamente devastadoras e tiveram grandes repercussões na História da Europa, como trataremos de demonstrar neste estudo. E o mais interessante é que os Vikings eram desconhecidos na Europa Ocidental e Oriental. Tão desconhecidos que suas vítimas no Ocidente, por ignorarem seu nome, os chamaram de Homens do Norte: *Noord-mannen* = Normandos.

Mas qual teria sido a causa da súbita expansão dos Normandos? Os historiadores dão diversas explicações. A primeira é evidentemente a necessidade que tiveram de procurar alhures os meios de subsistência, que o solo ingrato e pobre da pátria não lhes podia dispensar em quantidade suficiente, devido ao grande aumento da população. A êsse motivo acrescentam outro, não menos importante: a luta pela supremacia entre as diversas tribus e a recusa de algumas delas de submeter-se à vontade da maioria. A êsses fatores políticos e econômicos, devemos acrescentar o espírito de aventura e o desejo de saque que contribuíram para levar êsses Normandos, desde o fim do século VIII, aos litorais do Mar do Norte, do Atlântico, do Báltico e posteriormente às águas azues do Mediterrâneo.

Dêsses Escandinavos, os únicos que nos interessam são os Suecos. Atravessando o Báltico, procuravam um caminho para atingir Bizâncio e Bagadá, os grandes centros que os atraíam com suas riquezas imensas, principalmente Bizâncio, cidade considerada como “a rainha de tôdas as outras”. A fama da cidade imperial ecoava então por tôda a extensão do mundo conhecido. Os homens sonhavam com ela, desde os nevoeiros úmidos

da Escandinávia até às humildes aldeias eslavas situadas ao longo dos rios russos. Mas, contrariamente aos Dinamarqueses e Noruegueses, os Suecos não foram destruidores da civilização dos lugares que invadiram, talvez por não possuírem êstes as riquezas que almejavam, e também porque não puderam se apoderar nem de Bizâncio, que estava muito bem defendida, nem de Bagadá, que estava muito longe.

Os Suecos invadiram a Rússia por diversos lugares. Alguns, remontando o Narova, internaram-se no lago Peipus, o lago dos velhos Tchudes. Outros, subiram o curso do Dvina Ocidental e penetraram no interior da região. E outros ainda, pelas ilhas do delta do Neva, atingiram Novgorod, que Jordanes, o historiador dos Godos, afirma ter sido fundada pelos Germanos (38), mas que a maioria dos estudiosos da História julga ser de origem eslava. De Novgorod, demandaram o Sul em busca de Bizâncio, organizando assim as rotas comerciais do Báltico ao Mar Negro e do Báltico ao Mar Cáspio, as quais estudaremos mais adiante.

Êstes Varegues formavam bandos militares ou associações comerciais, e tanto se ocupavam do comércio como se engajavam ao serviço de chefes que só tinham por mira o saque e a aventura. Pouco a pouco, foram se estabelecendo ao longo dessas rotas comerciais em postos militares — chamados em russo *gorods* — ou nas aldeias eslavas, que se transformaram em seguida em cidades (39). Foi assim que nasceram Smolensk, Novgorod, Kiev, etc. Como vemos, os Suecos se aposaram da terra e do poder, dominando os Eslavos Orientais.

Mas a tradição, sem dúvida para justificar a posse da terra eslava pelos Escandinavos, narra de outra maneira a chegada dos Suecos na Rússia. Essa tradição está contida na chamada *Crônica de Nestor* (40), escrita em Kiev mais ou menos em 1100, que nos diz terem os Varegues o hábito de vir cobrar tributos em Novgorod,

---

(38). — BRIAN-CHANINOV, *op. cit.*, 16.

(39). — PIRENNE, *Les villes et les institutions urbaines*, I, 329.

(40). — Vide as *Publications de l'Ecole des Langues Orientales*, t. XIII. Apud LOT, *op. cit.*, II, 13.

desde os tempos mais antigos. Um dia, os Eslavos Orientais se revoltaram e os expulsaram, mas não souberam gozar em paz a liberdade conquistada: lutas intestinas surgiram entre êles. Decidiram, então, chamar novamente os Varegues para que êstes fizessem, como outrora, reinar entre êles a ordem (41). Uma delegação dos habitantes de Novgorod que, em 862, foi pedir aos príncipes varegues que viessem de novo governá-los assim se expressou (42):

**“Nosso país é grande e nele tudo existe em abundância, mas a ordem e a justiça faltam. Vinde dêle tomar posse e nos governar.”**

Essa oferta foi aceita por três príncipes irmãos que vieram com suas famílias e suas **drujinas**, e segundo a opinião do cronista, com tôda a tribu dos Russos. O irmão mais velho, Rurik, estabeleceu-se em Novgorod; o segundo, Sineus, em Bielo-Ozero; e o terceiro, Truvor, em Isborsk, perto do lago Peipus. Após a morte dos seus irmãos, Rurik torna-se o único soberano. Seus descendentes apossaram-se de Kiev e aí se instalaram em 881, permanecendo a dinastia no poder na Rússia até Fedor I Ivanovich (1557-1598) (43).

- 
- (41). — ECK (*op. cit.*, 6, nota 3), PEISKER (in *C. M. H.*, II, 457), KADLEC (in *C. M. H.*, IV, 186) e MOSS (*La naissance du Moyen-Age*, 232), mostram um interessante paralelo entre o papel dos chefes varegues na Rússia do século IX e o dum mercador chamado Samo — *rex Sclavinorum*, de acôrdo com a *Crônica de Fredegário* — que organizou no século VII (623-658) a defesa dos Checos e dos Eslovenos contra os Ávaros. Esse mercador, vindo do Oeste, tornou-se o chefe do primeiro Estado eslavo. Esse Estado foi efêmero, porque nem sua situação geográfica, nem a época, nem as condições econômicas eram favoráveis ao seu desenvolvimento. Afastado das grandes rotas comerciais, fundado pouco antes da feudalização da Europa Ocidental e formado por povos economicamente atrasados, o reino de Samo não podia ter futuro e logo desapareceu.
- (42). — NIEDERLÉ, *op. cit.*, I, 222. Apud LOT, *op. cit.*, II, 14. PEISKER, in *C. M. H.*, II, 434.
- (43). — PLATONOV, *R. C.*, 492-493; LOT, *op. cit.*, II, 14; MARKOFF, *Historia de Rusia*, 16; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 200.

Esse texto nos vem provar que, como afirmamos, os Varegues formavam companhias de guerreiros e de mercadores que se entregavam ao comércio, ou se engajavam a serviço de príncipes ou cidades eslavas (e mais tarde de Bizâncio), procurando sempre riquezas e saqueando o país quando havia oportunidade. O seu número tornou-se cada vez maior e êles começaram a mesclar-se com os indígenas. Juntos — Eslavos e Varegues — praticaram o comércio com os Bizantinos e Árabes e juntos lutaram contra os nômades das estepes do Meridão. Mas de tempos em tempos surgiam rixas entre êles. Estas quasi sempre terminavam pela submissão dos Eslavos e, às vezes, pela expulsão dos Varegues para além-mar (44).

Outro problema interessante é o da data do estabelecimento dos Varegues na Rússia. Como mostramos, a *Crônica de Nestor* afirma que em 862 Rurik veio para Novgorod e que somente em 881 seus sucessores se apossaram de Kiev. Ora, sabemos que em 860, durante o reinado do imperador Miguel III, o Ébrio (842-867) (vide páginas 42-44), os Russos apareceram pela primeira vez em grande número diante das muralhas de Bizâncio (45). Evidentemente as datas citadas pela *Crônica* são erradas, porque, para organizarem uma expedição contra Bizâncio — que foi uma empresa muito séria, pois chegou a fazer o Imperador voltar apressadamente numa campanha que estava empreendendo contra os Árabes — de há muito os Varegues deveriam estar de posse de Kiev, que domina o curso do Dnieper. Além disso, parece que os cronistas árabes os conheciam desde a primeira metade do século IX (46).

Possuimos também um testemunho precioso, que destroe as datas propostas pela *Crônica de Nestor*: uma crônica do Ocidente (*Annales Bertiniani*) (47) narra como o imperador Luiz-o-Piedoso (814-840), quando se

---

(44). — PLATONOV, *H. R.*, 20-21.

(45). — DIEHL e MARÇAIS, *Le monde oriental de 395 à 1081*, 322.

(46). — *ibidem*; KLUTCHEVSKY, *History of Russia*, pp. 35 e 37. Apud LOT, *op. cit.*, II, 14.

(47). — Edição WAITZ, pp. 19-20. Apud LOT, *op. cit.*, II, 14.

encontrava em Ingelheim (no Reno), recebeu uma embaixada enviada pelo imperador bizantino Teófilo (829-842), que trazia uma proposta de tratado de paz e de aliança. Ora, no séquito dos embaixadores bizantinos encontravam-se alguns homens que alegavam chamar-se Rhos (48):

“qui se, id est gentem suam, Rhos vocari dicebant”.

Seu soberano, chamado **chacanus** (49), tinha-os enviado a Bizâncio para negociar um tratado de paz. Teófilo não tinha ousado reenviá-los pelo mesmo caminho, porque êste passava por regiões dominadas por bárbaros duma crueldade selvagem. O imperador bizantino pedia, pois, a Luiz que os deixasse passar pelos seus Estados em demanda de sua pátria. Um inquérito feito pelo mesmo, revelou que êsses homens eram **Sveones**, isto é, Suecos. Êsse testemunho nos interessa muitíssimo, pois com êle podemos provar que os Varegues já estavam em contacto com Bizâncio, muito antes da data fornecida pela **Crônica de Nestor**, e que era impossível, ou pelo menos perigoso, recambiar os Rhos pelo Dnieper, sendo necessário enviá-los pelo Ocidente, mostrando assim que a expansão normanda foi simultânea no Oriente e no Ocidente, onde os Rhos eram conhecidos como **Sveones**.

Platonov (50) afirma também que as datas da **Crônica de Nestor** estão erradas, porque, diz êle, vinte anos antes uma tribu chamada **Russ** fazia guerra aos Bizantinos no Mar Negro. Êsse autor pensa que essas datas foram interpoladas no texto, posteriormente à sua redação. Mas, como partidário da escola eslava, sustenta que se trata duma tribu eslava e não escandinava, contrariando, assim, a maioria dos autores, como já mostramos.

---

(48). — Apud ECK, *op. cit.*, 3, nota 1; MAWER, in *C. M. H.*, III, 327-328; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 203.

(49). — Segundo LOT (*op. cit.*, II, 15), êsse título é de origem tártara e seria a corrupção da palavra *Khagan*. Isso provaria que os Varegues já estavam em contacto com os Khazares, que habitavam então a Ucrânia.

(50). — PLATONOV, *R. C.*, 493.

Após termos analisado a **Crônica de Nestor** e demonstrado que antes das datas nela fixadas já existiam príncipes varegues entre os Eslavos Orientais, vejamos agora — para terminar êste capítulo — as consequências do estabelecimento dos Vikings em Novgorod.

Novgorod, cidade de origem eslava, organizou a colonização da planície setentrional da Rússia. Ela se estendia pelas duas margens do Volkhov, no local em que o rio sai do lago Ilmen, e estava estreitamente ligada ao Báltico pelas águas dêle, do lago Ladoga e do rio Neva. E' aí que os Varegues se instalam e logo a transformam em centro de comércio com a Península Escandinava e Europa Ocidental. Mas não ficaram somente em Novgorod. Remontando o Lovat, atingiram os vales do Dnieper e do Volga e após algum tempo trocaram Novgorod por Kiev, que apresentava muito maiores vantagens comerciais, por estar mais próxima do Mar Negro e por ser também o local onde começava a estepe, sempre perigosa devido às populações nômades de origem turca (51).

A **Crônica de Nestor** cita Rurik como tendo sido o primeiro soberano de Novgorod, mas disso não temos muita certeza. O que sabemos com exatidão é que seus descendentes se mantiveram com dificuldade em Novgorod, quando esta tomou grande desenvolvimento. As lutas entre a cidade e as regiões que submetera foram intensas, renunciando os conflitos que contribuíram para a perda da independência russa (vide páginas 89-100). Sabemos também que talvez Rurik tivesse sido expulso da cidade, tendo habitado durante o exílio nas margens do lago Ladoga, na foz do Volkhov, e que teria voltado para Novgorod após a morte de seus irmãos. Seu governo teria provocado grande descontentamento e mesmo suscitado uma revolta, chefiada por um indivíduo chamado Vadim, o Bravo. Rurik o teria matado e reprimido a revolta. Os descontentes fugiram para Kiev, onde governavam dois guerreiros varegues: Askold e Dir. Êste pertencera à **drujina** de Rurik e fundara em Kiev um principado independente (52).

---

(51). — EAST, *Géographie historique de l'Europe*, 200.

(52). — PLATONOV, *R. C.*, 496; BRIAN-CHANINOV, *op. cit.*, 17; MAWER, in *C. M. H.*, III, 327.



Rurik, que se considerava suzerano de Dir, não teve oportunidade de empreender a conquista de Kiev, porque morreu em 879. Um dos seus parentes, Oleg, succedeu-lhe no poder em Novgorod, como tutor do seu jovem filho Igor. Acompanhado dêste, Oleg dirigiu-se para o Sul e apoderou-se de Smolensk e de Lubetch, cidades situadas no vale do Dnieper. Avançou posteriormente sobre Kiev, de que se apossou, capturando astuciosamente Askold e Dir. Êstes foram mortos sob o pretêsto de que

**“não eram príncipes, nem pertenciam à família principesca, ao passo que êle era príncipe e Igor era filho de príncipe.” (53).**

Tendo ocupado Kiev, Oleg aí fixou sua capital, dizendo que ela seria a **“mãe das cidades russas”**. Assim, conseguiu concentrar em suas mãos as principais cidades situadas ao longo da grande via fluvial: o Dnieper. Não contente com isso, empreendeu a submissão das tribus eslavas que estavam situadas nas proximidades dêsse rio. Kiev torna-se dessa maneira o centro dum Estado que vai libertar os Eslavos Orientais da tutela dos Khazares.

Examinemos agora a grande rota comercial — principal objetivo de Oleg — entre o Báltico e o Meridiano da Rússia.

---

(53). — Apud PLATONOV, R. C., 497.



## CAPÍTULO III

### O COMÉRCIO VAREGUE.

#### a) A rota comercial do Báltico ao Mar Negro.

O comércio de Bizâncio com as regiões situadas ao Norte do Mar Negro sempre existiu, sob forma esporádica, desde sua fundação, como tinha existido outrora na época de sua antecessora grega, que muito comerciara com as colônias helênicas da região do Chersoneso e de Ólbia (1). O próprio imperador Justiniano — como seu sucessor Justino II — quando quis livrar-se dos intermediários persas no tráfego que mantinha com o Extremo-Oriente, procurou desenvolver a rota que existia da Criméia para a longínqua China, a grande produtora de sêda em bruto, de que tanto tinha necessidade a indústria textil de Bizâncio (2). Não conseguiu de todo seu intento, mas manteve grande comércio com o Sul da Rússia, através dos portos de Cherson e de Bosporos, trocando produtos manufaturados da indústria bizantina pelas peles das regiões frígidas do Norte (3).

Até o século VIII êsse comércio de trânsito foi considerável, como o prova a grande quantidade e variedade das moedas estrangeiras (*solidi* bizantinos e *dirhems* árabes) dêsse século e do precedente encontradas no território ocupado pelos Eslavos Orientais. Êsse comércio atingia a Índia e a China — pois como mostramos no nosso trabalho acima citado, a rota da sêda tinha uma ramificação até Cherson — passando pela Pérsia e Bagadá. Bizâncio nessa época era o centro distribuidor dos produtos do Oriente. Mas como o Islão

- 
- (1). — GLOTZ e COHEN, *Histoire grecque*, 164-172; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 183.
  - (2). — Cf. o nosso trabalho: *O comércio de Bizâncio com o Extremo-Oriente*. Vide também DIEHL in *C. M. H.*, II, 40-42.
  - (3). — DIEHL e MARÇAIS, *Le monde oriental de 395 à 1081*. 93; DIEHL, in *C. M. H.*, II, 40-42.

impedia que êsse comércio se fizesse por mar, a sêda, as pedras preciosas, as pérolas, a púrpura, a pimenta e outros condimentos, eram obrigados a passar pelo território russo, em demanda do Báltico e do Mar do Norte. Por outro lado, armas escandinavas, brocados, panos de Flandres, marroquins, e outros produtos ocidentais, transitavam pela Rússia rumo a Bizâncio e Oriente (4).

Nesse século VIII os Tchudes ao Norte e a Leste, as tribus polacas e lituanas ao Oeste, não se opunham à penetração comercial dos Eslavos Orientais. Parece mesmo que nessa época êles atingiram, nas suas explorações em busca de peles, o Oceano Glacial Ártico e o Mar Branco ao Norte, e o médio Volga e o Ural a Leste. Em tôdas essas regiões estabeleceram feitorias para explorar comercialmente as riquezas naturais e pouco a pouco acostumaram os indígenas ao comércio. Ao Sudeste, os Khazares — povo nômade que estudaremos mais adiante (vide páginas 101-110) — a-pesar-do vago domínio que exerciam sôbre os Eslavos que habitavam a região de Kiev, favoreceram de certa maneira o comércio com o Oriente, servindo mesmo de intermediários nesse tráfego (5).

A expansão árabe, que teve tantas repercussões no mundo, também influenciou o comércio entre o Mar Negro e o Báltico porque, tendo o Islão dominado quasi todo o Mediterrâneo, principalmente a bacia ocidental, nos séculos VIII, IX e X, as rotas de comércio marítimo que por êle passavam, ficaram inteiramente interrompidas (6).

Henri Pirenne (7), o grande historiador belga recentemente falecido, demonstrou nas suas obras que a Europa Central e Ocidental tiveram seu desenvolvimento comercial paralizado pelo domínio árabe no Mediterrâneo e conseqüentemente sua economia reduzida à troca *in natura*. A Europa Oriental e a Ásia procuram,

---

(4). — ECK, *Le Moyen Age russe*, 4.

(5). — *ibidem*, 5; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 201.

(6). — PIRENNE, *Histoire de l'Europe*, 80-81; EAST, *Géographie historique de l'Europe*, 268.

(7). — Vide seu excelente livro póstumo *Mahomet et Charlemagne*.

a partir do século VIII, reorganizar o intercâmbio internacional noutras direções. Com a transferência da capital árabe de Damasco para Bagadá, o comércio do Oriente com o Báltico, através da Rússia, intensificou-se extraordinariamente, transformando-se os povos estabelecidos nas proximidades das novas rotas marítimas e fluviais em intermediários forçados. Por outro lado, Bizâncio afastada quasi que completamente dos mercados ocidentais pela pirataria árabe, reanima as suas velhas relações comerciais com as regiões do Mar Negro e do Danúbio, que floresceram na época grega.

Bizâncio dominava com sua marinha a região dos Estreitos, o Egeu, parte do Adriático e o Mar Negro — que também banhava terras do Califado — onde comerciava com Trebizonda, Cherson e com as regiões das bacias do Borysthenes (Dnieper) e Rha (Volga) da época clássica. Assim, durante séculos, enquanto o comércio ocidental periclitava no Mediterrâneo, os Bizantinos mantinham florescente intercâmbio nas águas que dominavam. Entram em relações, através do Dnieper e do Mar Negro, com o Estado russo em formação e organizam a mais intensa rota comercial para o Ocidente dos séculos IX e X (8). Além dessa via, o Danúbio serviu durante os séculos X e XI para o transporte esporádico da sêda e das especiarias para o Ocidente, oriundas da rota comercial do Oriente que terminava no litoral setentrional do Ponto Euxino. Essa via danubiana não era muito segura por serem então os Magiares pouco civilizados, pois só depois de sua derrota na batalha do Lech (955) é que eles se tornaram mais acessíveis (9).

Por mais exquisto que possa parecer, a expansão árabe teve influência bem grande no desenvolvimento dessa rota do Báltico ao Mar Negro. Durante a Antiguidade o Báltico permaneceu quasi completamente estranho ao mundo romano, que teve conhecimento perfeito do litoral setentrional da Europa apenas até a Mancha. Essa situação perdurou até o século IX, pois os Carolíngios não penetraram no Báltico, que permaneceu como domínio da barbárie pagã. Entretanto, nes-

---

(8). — EAST, *op. cit.*, 269; ECK, *op. cit.*, 2.

(9). — EAST, *op. cit.*, 334.

sas regiões setentrionais os Cristãos ocidentais tiveram nítida superioridade cultural sôbre os bárbaros — cousa que não acontecia no Mediterrâneo, onde estavam em posição de inferioridade aos Muçulmanos e Bizantinos. Foi justamente êsse fator que desenvolveu as atividades comerciais no Norte da Europa. Mas, cousa curiosa, o foco dessa expansão comercial não surgiu nas costas da Flandres ou da Inglaterra, mas sim nos golfos de Bótnia e da Finlândia (10). E, se isso aconteceu, foi porque a atração do Califado e de Bizâncio se fez sentir nessas regiões longínquas, como o comércio das especiarias fará mais tarde, durante as Cruzadas, renascer e tomar grande vulto a navegação das cidades do Norte da Itália. Sem dúvida o comércio renasceu da procura, no Ocidente, dos produtos orientais e êsse renascimento comercial ocorreu inicialmente na Rússia varegue.

O Báltico durante muito tempo foi um verdadeiro ninho de piratas, mas foi justamente essa atividade marítima que fez com que os Vikings empreendessem sua expansão para o Oeste e para o Sul, em demanda de Bizâncio. Assim, êsses “homens de longos bigodes louros, vestidos de peles, altos como palmeiras” (11), tripulando pequenos barcos, longos e estreitos, de pouco calado, geralmente construídos de carvalho, governados e acionados por remos e por uma única vela, com cêrca de trinta metros de comprimento e uma tripulação de cinquenta homens, empreenderam ousada aventura (12) em busca da fortuna, pois nada possuíam em comparação à riqueza de que gozavam, por exemplo, os Bizantinos e Muçulmanos. Inúmeros pereceram nos combates travados, mas alguns triunfaram devido à sua coragem, inteligência, arrojo e audácia. . . Vejamos agora a epopéia dos vencedores.

Sabemos que desde o fim do século VII e início do VIII os Varegues se lançaram sôbre a Rússia — onde encontraram mercadores árabes, judeus e bizantinos — e foram lentamente penetrando no país, utilizando-se das

---

(10). — PIRENNE, *H. E.*, 150.

(11). — DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 522; DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 750.

(12). — EAST, *op. cit.*, 287; HALPHEN, *Les barbares*, 291.

vias comerciais já existentes. Assim, percorreram, em busca das mercadorias do Oriente, duas rotas: a primeira, do Báltico ao Mar Negro, passando pelo golfo da Finlândia e atingindo a cidade de Novgorod no lago Ilmen e daí, alcançaram o curso superior do Dnieper; a segunda, em direção ao Mar Cáspio, através do Volga, em busca das riquezas do Califado. A importância desse tráfego, tanto para o Califado, como para Bizâncio, é atestada pelo número extraordinário de moedas árabes e bizantinas encontradas na Rússia (vide páginas 54-55 e 108) e em tôdas as regiões litorâneas do Báltico, principalmente na Suécia (13) e na ilha de Gotland, onde foram achadas mais de 24.000 moedas árabes e 14.000 fragmentos, enquanto as moedas bizantinas são 2.000 mais ou menos (14). Esses números nos levam à conclusão de que talvez a via do Cáspio fôsse utilizada pelos Varegues antes da rota do Dnieper, que começou a ser certamente percorrida por eles a partir de 839 — data da embaixada de Teófilo a Luiz-o-Piedoso (vide páginas 26-27) — e principalmente depois do estabelecimento da dinastia de Rurik em Kiev. Além disso, muitas das moedas árabes datam dos séculos VIII e IX e foram cunhadas em Samarcanda e Bagadá. Tudo isso vem atestar a grande importância dessas rotas comerciais, que tinham como ponto de partida inicialmente a colônia de Birka na ilha de Björkö e depois a ilha de Gotland (15).

Dessas duas rotas, vamos examinar mais detidamente a que passava por Kiev, por ser a que nos fornece maior documentação e também por ser ela precisamente o assunto do nosso trabalho. Como já dissemos, essa rota, depois de sair dessas ilhas do Báltico acima citadas, penetrava no golfo da Finlândia, seguia o Neva, o

---

(13). — Pirenne afirma que foram descobertas mais de 200.000 moedas árabes e bizantinas na Suécia e que as mais antigas datam de 698 (*Histoire de l'Europe*, 82).

(14). — ARNE, *A Suécia e o Oriente*. Upsala. 1914, pp. 14 e 89-90 (em sueco); CHAKHMATOV, *As mais remotas origens da raça russa*. Leningrado. 1919. pp. 43-45 e 50-56 (em russo). Apud ECK, *op. cit.*, 3, nota 1; MOSS, *La naissance du Moyen Age*, 211; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 201.

(15). — EAST, *op. cit.*, 292; ECK, *op. cit.*, 3, nota 1.

lago Ladoga, o Volkhov, o lago Ilmen, o rio Lovat; dêste, passavam os Varegues para o Dvina Ocidental e depois para o Dnieper, puxando os barcos por terra. No Dnieper deixavam suas embarcações seguir a correnteza até a região dos seus rápidos, onde faziam o mesmo transbordo de mercadorias e arrastavam os barcos por terra até onde o rio não tinha mais escolhos. Depois dessa operação, desciam-no até o Mar Negro. Alguns Varegues costumavam remontar o Dvina Ocidental ou o Narova, mas sempre atingiam depois o Dnieper, que era a grande via de transporte para o Sul (vide fig. 1) (16).

A rota do Báltico ao Mar Negro era balizada não somente por feitorias varegues, mas também por postos militares, posteriormente transformados em cidades, que eram destinados a proteger as flotilhas dos mercadores escandinavos contra as depredações dos nômades da estepe. Esses postos seriam as futuras cidades de Novgorod, Smolensk, Lubetch, Kiev, Pereiaslav, etc. Aquí surge nova disputa entre as duas escolas, normanda e eslava, que examinamos a propósito da origem dos vocábulos “varegue” e “Rússia” (vide páginas 15-22). Certos autores sustentam que os Eslavos Orientais não possuíam cidades e que foram os Varegues os seus fundadores na Rússia. Outros afirmam, pelo contrário, terem já os Varegues, na sua invasão, encontrado essas cidades, que, entretanto, lutavam entre si e não formavam um único Estado (17). Pensamos que a verdade está no meio-termo, porque, sem dúvida alguma, os Eslavos Orientais já se entregavam ao comércio com as regiões do Mar Negro e deviam possuir feiras periódicas onde esse intercâmbio estivesse centralizado. Mas, também é certo que os Eslavos Orientais foram levados ao regime urbano pelas exigências dos mercados externos, que reclamavam cada vez mais peles — muito em voga em Bizâncio e Bagadá — mel, cera, etc. Em consequência da organização dessas exportações, sua civilização desen-

(16). — HALPHEN, *op. cit.*, 306; EAST, *op. cit.*, 196; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 202. Vide também a obra de CAMEANA d'ALMEIDA, *États de la Baltique. Russie*, 67, 129-130 e 155.

(17). — PLATONOV, *Histoire de la Russie*, 25; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 202.



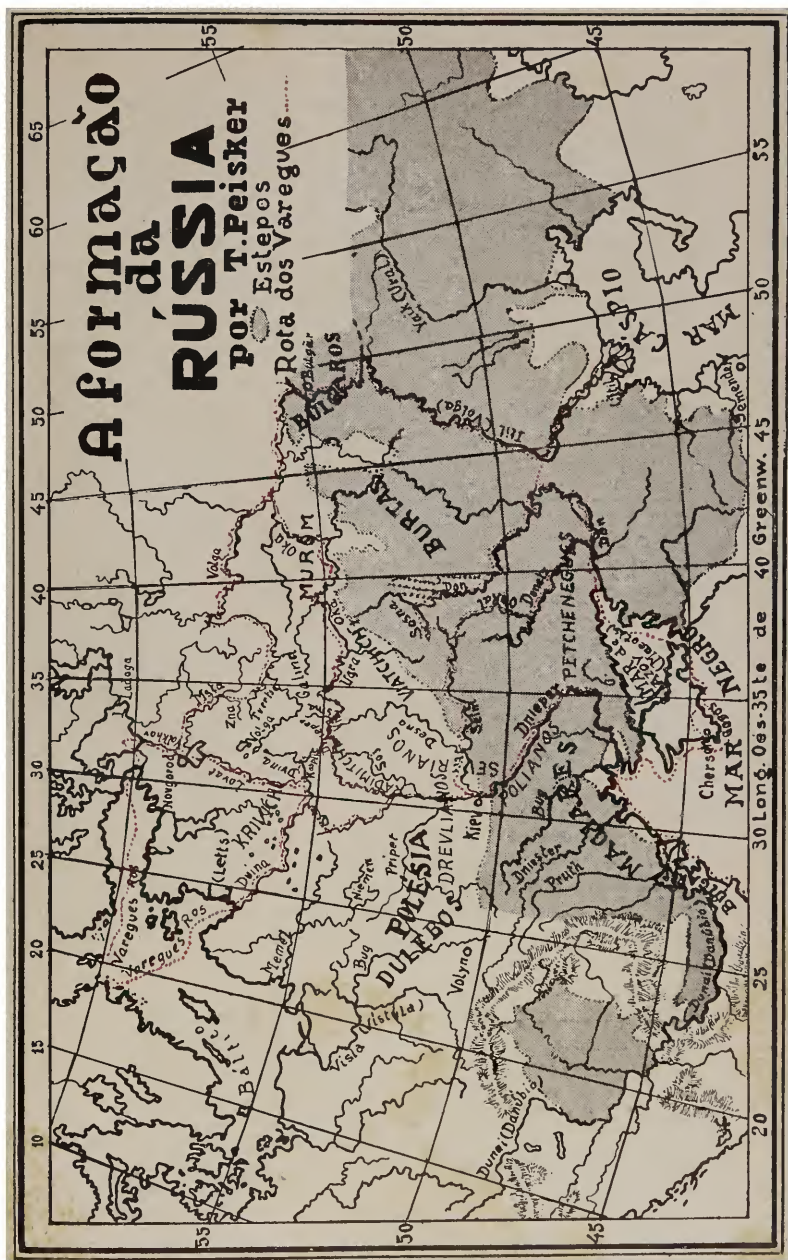


Fig. 1. — A formação da Rússia segundo T. Peisker (Apud C. M. H., II).



volveu-se duma maneira notável e as aldeias primitivas transformaram-se em cidades. Simples feiras periódicas deram origem aos **pagost** (18), que eram entrepostos fixos de mercadorias. Para proteger êsses lugares contra o saque dos nômades, os Eslavos Orientais os cercavam com uma paliçada, ou com um muro de terra batida. Com essa fortificação o **pagost** transforma-se no **gorod** (**grad** no antigo eslavo e **gardr** no norueguês), isto é, no burgo (castelo-forte), cidade fortificada. Entre as 35 cidades russas que já existiam na primeira metade do século XI, 25 tiveram essa origem (19).

Os Varegues se estabeleceram em grande número nesses **gorods**, onde encontraram mercadores árabes, judeus e khazares que vinham em épocas fixas comprar aos Eslavos Orientais peles, mel e cera. Em pouco tempo suplantaram os outros concorrentes e dominaram em todos êsses postos fortificados. Como vemos, o gôsto dos Eslavos Orientais pelas aldeias e cidades foi partilhado pelos Suecos desde a sua chegada à Rússia, ainda antes que seus príncipes tivessem conseguido o poder. Pensamos mesmo que êles não conheciam a urbanização na sua pátria e ficaram muito admirados com tudo que viram, porque a palavra **gardr**, que designava na Escandinávia sômente uma paliçada ou um cercado, tornou-se sinônimo de cidade quando se referia aos **gorods** russos. Assim, êles designavam Kiev pelo nome de **Knaenugardr**, Novgorod por **Holmgardr** ou **Ostragardr** e Bizâncio por **Tsargardr** (cidade imperial) ou **Miklagardr** (cidade grande). Mais tarde, quando os Varegues dominaram todo o vale do Dnieper e organizaram o Estado de Kiev, êste é conhecido nas sagas pelo nome de **Gar-**

---

(18). — Termo derivado de *gosti* (*hospes*), que significa ao mesmo tempo mercador e hóspede. Com a aparição habitual duma igreja, *pagost* passou também a significar *adro* e mais tarde, com o estabelecimento dum cemitério em torno da igreja, êsse vocábulo designou também um *cemitério*. Novgorod possuiu um distrito com êsse nome (KLUTCHEVSKY, *Curso de História da Rússia*, 4a. edição. Petrogrado. 1916. I, p. 148 (em russo). Apud ECK, *op. cit.*, 3, nota 2; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 201.

(19). — ECK, *op. cit.*, 3-4; EAST, *op. cit.*, 196.

**darriki**, isto é, **reino das cidades**, título que conservou durante muito tempo (20).

Com o aumento do comércio, muitas dessas aldeias fortificadas, situadas no território de diversas tribus eslavas, transformaram-se em grandes cidades. Assim Kiev desenvolveu-se entre os Polianos, Tchernigov entre os Severianos, Lubeth entre os Radimitchi, Smolensk e Polotsk entre os Krivichi, Novgorod entre os Eslavos do lago Ilmen (21). Duas dessas cidades são aparentemente mais antigas que as outras e tornaram-se, nas duas extremidades da grande rota do Dnieper, os principais centros econômicos e políticos da velha Rússia: Novgorod-a-Grande e Kiev, cujo nome primitivo entre os Bizantinos era **Sambatas**, como se pode ver pelo seguinte trecho da obra de Constantino Porfirogêneta (**De administrando imperio**, cap. 9) (22): “a fortaleza **Kioaba** que se chama também **Sambatas**” [ τὸ κάστρον τὸ Κιοάβα τὸ ἐπονομασόμενον Σαμβατάς ].

Essas duas cidades, que pela sua posição geográfica se tornaram preponderantes, eram os locais por onde passava todo o comércio internacional da Rússia, principalmente Kiev, verdadeiro centro de caravanas oriundas do Cáspio, Azov e Mar Negro. Portanto, não foi por acaso que ela se tornou a capital do primeiro Estado organizado em território russo. Ela foi também a “mãe de tôdas as cidades”, como diziam as velhas crônicas

---

(20). — PIRENNE, *H. E.*, 82; LOT, *Les invasions barbares*, II, 16; BRIAN-CHANINOV, *Histoire de Russie*, 13-14; PLATONOV, *H. R.*, 25; PEISKER, in *C. M. H.*, II, 431.

(21). — PLATONOV, *La Russie chrétienne*, 487; IDEM, *H. R.*, 29.

(22). — Página 75 da edição Becker, Bonnae, 1840. Segundo ECK (*Le Moyen Age russe*, 4, nota 1) a palavra *Sambatas* têm sido dado várias interpretações etimológicas. Assim, M. BRUZKUS [in *Carta dum judeu kharzar do Xº século* (em alemão). Berlim, 1924] a diz derivada das raízes turco-tártaras *sam* (burgo) e *bat* (forte), mas GHEDÉONOV [in *Fragmentos dos estudos do problema varegue*. São Petersburgo. 1862, pp. 107, 115 e 116 (em russo)] a aproxima da palavra húngara *Szombat* (fortaleza). ILLINSKY [in *Mélanges Grouchevsky*. Kiev. 1928, pp. 166-177 (em russo)] propõe as raízes eslavas *Son-vodi* (beira d'água), mas de tôdas as explicações esta é a menos clara.

russas, porque desempenhou o papel de capital e de cidadela avançada, provida de castelo forte e de muralhas, em torno das quais vagavam, às vezes, os nômades das estepes do Sul. Além disso, Kiev construíra, a dois dias de marcha, várias obras de fortificação, que a cobriam dos ataques súbitos dos seus inimigos. Tudo isso contribuiu para lhe dar certa segurança, fazendo com que os mercadores varegues e eslavos transportassem para aí as mercadorias destinadas a Bizâncio. Era também na sua feira que os mercadores de diversas regiões tinham oportunidade de se encontrar. Em breve, Kiev transformou-se no centro econômico e político da Rússia e tôdas as outras cidades dela passaram a depender. Esses fatos explicam, de sobejo, porque os príncipes varegues se apressaram em apoderar-se dela e porque a transformaram em sua capital (23).

Kiev possuía no início do século XI tal importância que nenhuma cidade da Europa do Norte com ela se podia comparar. Sua população era muito numerosa, e em grande parte composta de Escandinavos. Estes eram ainda mais numerosos em Novgorod, onde os homens de Gotland possuíam, no século XII, uma *Gildhalle* (24).

A organização política da Ucrânia decorreu das possibilidades econômicas oferecidas por Kiev. Os príncipes russos dessa cidade conseguiram fazer se reconhecer como suzeranos por grande número de cidades, mas esses laços políticos sempre foram muito frouxos. Os limites meridionais dessa Rússia ucraniana, primeiro Estado russo, iam até a zona de transição entre a floresta de carvalhos e a estepe herbosa. Os príncipes varegues nunca tentaram conquistar esses territórios abertos e, a-pesar-de empreenderem muitas expedições contra os acampamentos dos nômades, adotaram uma política estritamente defensiva, ao abrigo de fronteiras fortificadas (25).

---

(23). — EAST, *op. cit.*, 197; PLATONOV, *R. C.*, 506; IDEM, *H. R.*, 50.

(24). — PIRENNE, *H. E.*, 151.

(25). — EAST, *op. cit.*, 199.

Tendo conseguido a unidade territorial, primeira condição para o desenvolvimento duma civilização, Kiev vê formar-se no século X, em torno de si, a unidade nacional. A Crônica de Nestor afirma que desde 945 a denominação de “terra russa” se applicava à região de Kiev e que no fim do século X esse nome se estendia de Novgorod até o baixo Dnieper e do Pripet até a bacia do Alto-Volga. No século XII, um Ἡγούμενος (hegúmeno) (26) russo, Daniel-o-Peregrino, visitando o túmulo de Cristo em Jerusalém, aí dedicou um círio “em nome dos príncipes, do povo e de toda a terra russa” (27). Na formação dessa unidade nacional intervieram muitos fatores, mas o principal foi, sem dúvida, a unidade de vida econômica, baseada no tráfego com as regiões do Mar Negro e do Cáspio. Todo o país estava interessado nesse comércio internacional e dêle vivia. Os centros regionais reuniam os produtos para exportação em Kiev, por ser esta cidade a mais próxima de Bizâncio, principal centro consumidor e esse fato é a prova de que aí estava o centro econômico e político de toda a Rússia (28).

Os Eslavos Orientais fundaram muitos desses centros de permutas, mas foram os Varegues que os transformaram em grandes centros políticos e econômicos, em torno dos quais se cristalizou a massa ainda amorfa das tribus eslavas. Esses estabelecimentos escandinavos permaneceram até o fim do século XI em estreitas relações com a mãe-pátria, de onde sempre receberam novos afluxos de sangue, que, entretanto, pouco influíram antropológicamente nos atuais Russos, devido à grande superioridade numérica dos Eslavos Orientais. (29). A partir desse século o elemento eslavo — muito numeroso nos meios rurais — foi se sobrepondo ao escandinavo nas cidades e paulatinamente o absorveu. Os Eslavos Orientais compreenderam que tinham interesse em viver em paz com os Varegues, a quem deviam sua prosperidade. Além do mais, esses conquistadores não agiram da ma-

---

(26). — Abade ou superior de mosteiro na Igreja greco-ortodoxa.

(27). — Apud ECK, *op. cit.*, 9.

(28). — *ibidem.*

(29). — PIRENNE, *H. E.*, 150; LOT, *op. cit.*, I, 20.

neira violenta dos Normandos do Ocidente e parece que houve acôrdo tácito entre Suecos e Eslavos Orientais, mais tarde confirmado por atos escritos, onde se estabeleceram direitos, deveres e privilégios de ambas as partes contratantes, isto é do poder supremo (príncipes varegues) e da cidade livre (Eslavos), como mostraremos mais adiante (30).

Os mercadores russos se aventuraram em longínquas regiões. Os Árabes mencionam colônias mercantes russas entre os Khazares e os Búlgaros do Volga; Constantino Porfirogêneta fala também do comércio russo com êsse povo e com a Síria; o escritor árabe Ibne Cordabe viu mercadores russos em Bagadá muito antes de 846. Ibne-Iacube os encontrou em 965 em Praga. Penetraram no século X em Ratisbona e Rafelstetten; existia uma igreja russa (de rito grego) em Gotland no século XII. Frederico Barbaruiva menciona na sua carta estatutária à cidade de Lubeck (segunda metade do século XII) os mercadores russos, aos quais concede o privilégio de comerciar sem pagamento de taxas (31):

“absque theloneo et absque gansa”.

Os mercadores de Novgorod são também assinalados na Dinamarca em 1134 e, durante o século XII, em muitas cidades bálticas, de onde traziam o pano de Flandres, muito apreciado na sua cidade nessa época (32).

\* \* \*

#### b) O ataque russo a Bizâncio em 860 (33).

Desde que se tornaram senhores de Kiev e da rota do Dnieper, os Varegues tiveram como supremo objetivo Bizâncio. E' por isso que dirigiram contra essa cidade

---

(30). — BRIAN-CHANINOV, *op. cit.*, 16-17.

(31). — Apud ECK, *op. cit.*, 18; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 201.

(32). — Vide PIRENNE, in *Revue Belge de Philologie et d'histoire*, 1930, n.º 2 e o artigo de ECK na mesma revista, 1931, n.º 3. Apud ECK, *op. cit.*, 18, nota 2.

(33). — Sôbre êsse assunto vide as seguintes obras: BURY, *History of the Eastern Roman empire (802-867)*, 1912, p. 419 e segs.; VASILIEV, *Histoire de l'Empire byzan-*

inúmeras expedições, quasi tôdas elas marítimas (34). Todos os anos os mercadores de Novgorod, de Smolensk, de Tchernigov e de outras cidades russas, reuniam-se em Kiev para descer o curso do Dnieper em direção ao Mar Negro, como veremos mais adiante. Êsses mercadores entraram em relações primeiramente com Cherson, cujo governador bizantino vigiava atentamente seus movimentos. Enviaram em 838 a Bizâncio uma embaixada que não teve, entretanto, ânimo para regressar pelo mesmo caminho (vide páginas 21-22). Evidentemente a riqueza bizantina aguçou a cobiça dêsses Vikings e assim resolveram dar um grande assalto a Tsargardr.

Enquanto o imperador Miguel III, o Êbrio (842-867), estava na Ásia combatendo os Árabes — cousa que sucedia quasi todos os anos — e a frota imperial empenhada na Sicília, piratas russos, cujo número foi calculado mais ou menos em 12.000, atravessaram o Bósforo e atacaram inesperadamente Bizâncio, então quasi desguarnecida. Essa agressão dum “povo bárbaro e feroz” causou pânico indescritível e enorme emoção, e talvez a cidade tivesse capitulado se não fôsse a firme atitude do patriarca Fócio, que animou a resistência (35). A aproximação do exército bizantino, que estava na Ásia e que viera em marcha forçada, fez com que os Russos se retirassem precipitada e desastrosamente.

Mas quando se teria dado essa primeira ofensiva russa contra Bizâncio? Até época recente, a maioria dos historiadores afirmava que essa invasão ocorrera em

---

*tin.* 1932, p. 241 e segs.; BOOR, *Der Angriff der Rhos auf Byzans* (*Byz. Zeitschr.*, t. 4, 1895); GERLAND, *Photios und der Angriff der Russen auf Byzans* (*Neue Jahrb. für Klass. Alterthum*, t. II, 1903). Apud DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 323.

(34). — PIRENNE, *H. E.*, 83; HALPHEN, *op. cit.*, 307; LOT, *op. cit.*, II, 16.

(35). — As duas homílias de Fócio (51 e 53) encontram-se na edição de ARISTEREKIS, *Φωτίου λόγοι καὶ ὁμιλίαι* 1901, t. II, p. 5 e 30. Apud DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 323; DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 46 e KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 203.



865 ou 866 e a associavam a uma expedição feita pelos príncipes Askold e Dir em direção ao Sul. Mas depois de 1894, com a descoberta pelo sábio belga Franz Cumont (36), em Bruxelas, duma crônica até então desconhecida, tal opinião foi reconhecida como falsa. O documento fornece uma data precisa e declara que os Russos se aproximaram de Bizâncio, tripulando 200 barcos, no dia 18 de Junho de 860, sendo derrotados e perdendo a maioria das suas embarcações. Mas, em abono da verdade, devemos dizer que, bem antes do sábio belga, alguns escritores tinham posto em dúvida a data geralmente aceita. Assim, o famoso escritor italiano do século XVIII, Assemani (37), fixara a data da primeira expedição russa contra Bizâncio no fim de 859 ou começo de 860, mas os escritores posteriores esqueceram completamente o resultado de suas pesquisas. Entretanto, catorze anos antes da descoberta da crônica anônima de Bruxelas e sem conhecer Assemani, um historiador da Igreja russa, Goloubinski (38), tinha chegado a idêntica conclusão.

E' interessante observar também a impressão que os Varegues causaram ao patriarca (39). Êle se refere aos Russos como sendo

**“um povo cíta grosseiro e bárbaro”**

e à expedição como

**“um oceano bárbaro, desencadeado, temeroso”, uma terrível tempestade nórdica”.**

---

(36). — *Anecdota Bruxellensia; I: Chroniques byzantines du manuscrit 11376*. Gand. 1894. p. 33. Apud VASILIEV, *Histoire de l'Empire byzantin*, I, 366.

(37). — ASSEMANI, *Kalendaria Ecclesiae Universae*. Roma. 1755. t. I, pp. 240-243; t. IV, p. 9. Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 366.

(38). — GOLOUBINSKI, *História da Igreja Russa*, Moscou. 1880. t. I, pp. 21-22 (em russo). Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 366.

(39). — FÓCIO, *In Rossorum incursionem Homiliae*, I-II. — *Lexicon Vindobonense, rec. A. NAUCK* (Petropoli, 1867. pp. 201, 209 e 221). Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 367.

Mas Fócio teve consciência de que um novo Estado se formara, quando afirmou (40):

**“que um povo sem glória se tinha tornado illustre, que um povo obscuro e pobre se tinha erguido para a luz da glória e da riqueza”.**

Foi sem dúvida essa desastrada expedição que, revelando a presença em grande número dos Vikings ao Norte do Mar Negro, mostrou ao mundo mediterrâneo a Europa cercada pelos Normandos (41). Mas também foi ela que forçou a entrada da Rússia para a História. O tratado que logo após foi concluído entre Russos e Bizantinos, abriu grandes perspectivas ao comércio entre os dois povos.

\* \* \*

### c) O govêrno dos grão-príncipes varegues de Kiev.

Depois de se terem apoderado da grande rota comercial do Báltico ao Mar Negro, os Varegues puzeram-se a submeter as tribus eslavas que viviam fora do vale do Dnieper (Drevlianos, Viatchichi). Após a conquista, os grão-príncipes de Kiev enviaram para essas regiões, como governadores, seus filhos ou seus **drujinniki** (ou **druzinniki**: guerreiros da sua **drujina**), ou então mantiveram “submissos” os príncipes locais (42).

O poder dos príncipes (43) varegues exercia-se nas

- 
- (40). — FÓCIO, homilia 52, Edição ARISTEKERIS, *Φωτίου λόγους καὶ ὁμιλίαις*, 1901. t. II, p. 35. Apud DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 324.
- (41). — CALMETTE, *Le monde féodal*, 30.
- (42). — PLATONOV, *R. C.*, 503; IDEM, *H. R.*, 46-47; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *Histoire de Russie*, I, 90.
- (43). — De acôrdo com seu significado em russo moderno, costuma-se traduzir o antigo vocábulo russo *kniáz*, (*knyaz* ou *knjazi*) por *príncipe*. Isso, entretanto, não é correto para o período mais remoto. Mas não é só. A antiga palavra eslavônica *kunedzi*, idêntica ao antigo termo escandinavo *konung* e ao anglo-saxão *cynning*, é traduzida pelos escritores latinos dos séculos XI-XIII invariavelmente por *rex*, como podemos ver pelo título da bula baixada em 1227 pelo papa Honório III: *universis regibus Russiae* (Apud MIRSKEY, in *C. M. H.*, VII, 599, in nota).

cidades paralelamente ao do *vetche* (ou *vêce*) (44), instituição de origem eslava. O príncipe era sobretudo o protetor militar da cidade ou da província (*kniajestvo*), o que lhe permitia cobrar um tributo: sua principal fonte de renda. Com sua *drujina* — composta inicialmente apenas de guerreiros escandinavos — inteiramente dedicada à sua pessoa e armada à maneira escandinava, o príncipe se colocava à frente da milícia local e a coman-

- (44). — Assembléia popular onde se reuniam, desde tempos imemoriais, os homens adultos e livres para o govêrno da comunidade. Era ela que distribuia justiça entre os cidadãos, que declarava guerra e concluiu a paz com os vizinhos. Quando a dinastia dos grão-príncipes de Kiev submeteu a seu poder as outras comunidades eslavas, sua atividade tornou-se naturalmente reduzida, ocupando-se, então, sômente com os assuntos locais. Mas quando no século XII, como veremos mais adiante (páginas 89-100), a dinastia de Kiev enfraqueceu-se pelas guerras civis, os *vetches* de Kiev e das províncias recobriram sua primitiva importância. Passaram então a negociar com os príncipes, convidando para governar suas comunidades os que mais lhe agradassem e não permitindo a entrada nas cidades dos que, entre êles, lhes eram desagradáveis; exerceram sua influência no decorrer das disputas entre os príncipes, exigindo, às vezes, que a paz fôsse feita, ou desencadeando guerras contra os príncipes hostis. Para o govêrno interno da cidade o *vetche* escolhia os *anciãos* (conselho consultivo) entre seus próprios membros. O mais importante entre os *anciãos* era o *tyssiatski* (ou *tysjacnik*: comandante de mil. O *tyssiatski* era o comandante da milícia da cidade (*tyssiatcha*: mil) e sob suas ordens estavam os *sotskis* (ou *sotnik*, *sotskij*: comandante de cem) e os *dessiatskis* (ou *desjatskij*: comandantes de dez). Quando os príncipes eram fortes e gozavam dum poder bastante grande nas províncias, eram êles que nomeavam o *tyssiatski*. Mas quando seu poder periclitava, o direito da nomeação dêsse personagem passava para o *vetche*. Os *vetche* das cidades “mais velhas” se arrogavam o direito de enviar seus governadores (*posadnik*) para as cidades vassalas; e algumas vêzes, como acontecia em Novgorod, elegiam seu próprio governador, independentemente da vontade do príncipe e dos seus subordinados. Assim, o govêrno da cidade por intermédio do *vetche* se firmou, em detrimento dos privilégios principescos.

A constituição interna do *vetche* é muito pouco conhecida, porque nenhum documento subsistiu dessas assembléias. Parece que ao toque do sino todos os ho-

dava contra o inimigo. Em tempo de paz, participava do governo da cidade, julgava os casos mais importantes, deixando os mais simples aos seus subordinados (os *tiunes* ou *tiun*, *tivum*); dirigia a atividade do *vetche*, convocando-o e presidindo-lhe as reuniões; entrava em relações com as cidades vizinhas e soberanos estrangeiros, a propósito de assuntos políticos e comerciais. Mas, o interessante é que sua ação era partilhada pela *drujina* (44a). Esta compunha-se de duas partes: a *drujina* superior e a inferior. A primeira pertenciam os *boiardos* (45) e os *muji* [ou *muz* (*vir*): servidores livres e mesmo nobres] e à segunda os *gridi* (*gridl*) e os *otroki* (*òtrok*), guerreiros e trabalhadores escravizados. Da *drujina* superior o príncipe formava sua *duma*, conselho para os casos políticos. Para essa *duma* eram às vezes convidados os anciãos do *vetche* da cidade. Era da sua *drujina* tam-

---

mens livres e adultos da cidade iam para o *vetche*; se por acaso houvesse cidadãos de outras comunidades "mais moças", êles também compareciam. A questão era exposta ao *vetche* pelo príncipe, se era êle que a convocara, ou pelos *anciãos* da cidade, isto é, pelas autoridades municipais, que formavam um conselho particular. O *vetche* votava por aclamação e para se chegar a uma decisão era necessário que todos concordassem. Não se contavam os votos, mas *duma* maneira aproximativa inteirava-se da existência de alguma oposição. Se as objeções continuassem e se a minoria não se submetesse à vontade da maioria, o debate degenerava em luta aberta, com a repressão ou expulsão da minoria. Não havia data fixa para a reunião do *vetche*; batia-se o sino quando era necessário. A praça pública, servia geralmente de local de reunião (Apud PLATONOV, R. C., 542-544; MIRSKY, in C. M. H., VII, 606).

- (44a). — Essa guarda desempenhava o mesmo papel que as famosas *anhrustions* dos primeiros chefes francos, dos *thanes* anglo-saxões ou dos *ministeriales* da Alemanha feudal, sendo, portanto, uma instituição tipicamente germânica.
- (45). — Ou *bojarin*. Alguns autores sustentam ser êsse vocábulo derivado de *boj* (*combate*) e outros de *bolij* (*maior, melhor*). Entretanto, existem outras hipóteses etimológicas, como: de *bojlu* (*alto em turco-tártaro*) ou *bajar* (*ser rico em mongol, ou homem de qualidade em turco*) derivou *bojarin*. Parece, em todo o caso, que essa palavra é de origem búlgara e passou mais tarde para o russo (Apud ECK, *op. cit.*, II, nota 1).

bém que o príncipe tirava os juízes, os funcionários de que tinha necessidade e os **posadniks**. O príncipe não podia tomar nenhuma decisão importante sem ouvir seus **boiardos**, porque êstes estavam a seu serviço condicionalmente e podiam recusar-lhe auxilio em qualquer causa de que não tivessem tido prévio conhecimento. Podiam deixar também o serviço dum príncipe e passar a servir outro, sem que isso fôsse considerado traição. Por outro lado, cada **boiardo** tinha sua **drujina** particular — às vêzes bem numerosa — possuindo grandes extensões de terra e de servos, que serviam de índice do seu valor social. A **drujina** inferior, dependendo inteiramente do príncipe, formava sua famulagem e seu exército pessoal. Quanto maior a **drujina**, mais poderoso era considerado o príncipe. O tributo percebido das cidades e das províncias servia para a manutenção da **drujina**, que às vêzes chegava a ter o efetivo dum milhar de homens. Como vemos, existe grande semelhança entre essas instituições varegues e as do feudalismo ocidental (46).

Os grão-príncipes de Kiev não eram, na realidade, senão os defensores do país, os protetores e beneficiários dos interesses comerciais das cidades eslavas. Mas, apesar-disso, podemos afirmar que êles representam o primeiro poder estável e geral numa região até então fragmentada e que êles e suas **drujinas** foram os instrumentos da unidade nacional russa. Deslocando-se dum lado para outro, agrupando tribus, anexando cidades, empreendendo expedições militares e comerciais, prepararam o terreno sôbre o qual devia surgir e expandir-se a consciência nacional. Dando ao Estado de Kiev coesão externa, criaram condições e possibilidades duma coesão interna (47). Foram os interesses comerciais que determinaram a reunião dos Eslavos Orientais e dos Varegues num único Estado, sob a hegemonia de Kiev, “a mãe das cidades russas”. Assim, o seu grão-príncipe sempre procurou: unificar tôdas as tribus eslavas e orga-

---

(46). — PLATONOV, *R. C.*, 544-545; IDEM, *H. R.*, 29-30; LOT, *op. cit.*, I, 22-23 e II, 15-16; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 101-103; MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 606.

(47). — PLATONOV, *H. R.*, 50.

nizar um Estado indivisível; estabelecer com os vizinhos vantajosas relações mercantis e assegurar a manutenção das rotas comerciais para os mercados estrangeiros; proteger a Rússia contra seus inimigos externos (48).

A principal preocupação do grão-príncipe de Kiev era a percepção dos tributos. Estes eram recolhidos em parte pelos **posadniks** e em parte pelo príncipe e sua **drujina**. Constantino Porfirogêneta (49) narra, com minúcias, a curiosa viagem de inspeção do príncipe (ou seus representantes) pelas províncias, distribuindo justiça, reparando os erros dos seus governadores, impondo multas, cobrando uma taxa especial sôbre as mercadorias dos negociantes particulares, percebendo os devidos tributos em dinheiro ou **in natura** e recebendo os mantimentos (**korm**) necessários à sua subsistência e à da sua **drujina**. A tôdas essas fontes de renda êle acrescentava os lucros dos seus domínios particulares, colonizados com os prisioneiros de guerra. Essa viagem de inspeção chamava-se **poliudie** (ou **poljudle**) e se processava geralmente no início do inverno, em Novembro, quando a neve permitia o uso do trenó (50). Em Abril, na primavera, quando o Dnieper se abria à navegação, o príncipe voltava a Kiev carregado com os tributos percebidos e principalmente com grandes quantidades de mercadorias. Nos distritos rurais a estação hibernal era aproveitada para se abater as árvores necessárias à construção de embarcações que, quando os cursos d'água se tornavam navegáveis, eram levadas a Kiev para serem vendidas. Em Junho, importante flotilha de barcos — que os Eslavos chamavam **ladia** e os Bizantinos **monóxilos**, porque eram feitos dum único tronco de árvore —

---

(48). — MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 90; PLATONOV, *H. R.*, 46.

(49). — *De administrando imperio*. Sôbre êsse texto, escrito mais ou menos em 950, deve-se consultar o comentário de W. THOMSEN, *Der Ursprung des Russischen Staates*, Gotha, 1879. Apud PIRENNE, *Les villes et les institutions urbaines*, I, 331.

(50). — MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 91 e 101; PLATONOV, *H. R.*, 47; IDEM, *R. C.*, 503; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 206; sôbre o clima e as estações na Rússia, vide CAMENA d'ALMEIDA, *op. cit.*, 47-64.

reunia-se em Kiev. Cada um dêles podia transportar muitas dezenas de toneladas de carga e 40 ou 50 homens de equipagem. Aos barcos do príncipe, se juntavam os dos membros da sua guarda e os dos mercadores particulares. Uma vez organizada a caravana fluvial, principiava a descida do Dnieper sob a proteção da drujina.

\* \* \*

#### d) O comércio de Kiev com Bizâncio.

Constantino Porfirogêneta, na sua obra **De administrando imperio** (51), descreveu pormenorizadamente a viagem que os grão-príncipes faziam rumo a Bizâncio. Após ter sido organizada em Vititchev, a cinquenta verstes (1 verste = 1.067 metros) abaixo de Kiev, a caravana começava sua marcha. Descendo a correnteza do Dnieper, ela atingia os rápidos formados por barreiras de rochas graníticas que obstruíam a navegação — situados entre as atuais cidades russas de Ekaterinoslav (ou Dnepropetrovsk) e Alexandrovsk (52). Como não era possível transpor as corredeiras com as embarcações carregadas, a caravana se aproximava duma das margens do rio para a descarga das mercadorias. Em primeiro lugar desembarcavam os prisioneiros de guerra encadeados — destinados ao mercado de escravos de Bizâncio — que transportavam a braço a carga até o local em que os barcos, depois de terem sido esvaziados e rebocados, a esperavam. Enquanto parte dos membros da expedição superintendiam o transbordo das mercadorias, os outros montavam guarda nas margens do rio, na previsão dum ataque dos Petchenegues — que tinham o hábito de surpreender os mercadores russos nesse local. Depois de franquearem os rápidos, os Varegues continuavam a descida do rio até a ilha de Berezan, situada na foz do Dnieper. Aí, êles rendiam graças aos seus deuses e aparelhavam seus barcos para a travessia do Mar Negro. Bordejando o litoral, atingiam a foz do Danúbio e dessa região rumavam para Bizâncio. Devemos dizer, entretanto, que êsse não era o único ca-

---

(51). — Apud PIRENNE, *H. E.*, 151.

(52). — CAMENA d'ALMEIDA, *op. cit.*, 157-158; LESCAFT, *Geografia de la Rusia Soviética*, 91-92.

minho de que dispunham os Varegues para atingir o Mar Negro — a-pesar-de ser êle o mais usado — pois sabemos que também costumavam seguir o curso mais longo do Don. Além dêsses dois rios, os Suecos desciam o Volga rumo ao Mar Cáspio para entrarem em contacto com os mercadores árabes e judeus do Califado. Mas em tôdas essas caravanas a sua guarda, devido aos nômade das estepes, sempre coube aos príncipes varegues e às suas **drujin**as, que assim representavam o papel de organizadores de expedições e de protetores das vias comerciais (53).

Os Bizantinos não permitiam, e com tôda a razão, que os membros da enorme caravana russa franqueassem os muros de sua cidade. Destinavam para a estadia dos mercadores varegues o arrabalde São Mamas — situado fora das muralhas e junto ao Corno de Ouro — onde êles deviam ficar confinados durante os seis meses que geralmente aí permaneciam, até a liquidação final dos seus carregamentos. Os Bizantinos recenseavam também todos os seus membros, tanto mercadores como guerreiros e lhes forneciam, durante sua permanência, alimentos por conta do tesouro público. Permitiam também aos mercadores a entrada no recinto muralhado de sua capital, porém, sômente a grupos inferiores a cincoenta pessoas, mas mesmo assim sempre desarmados e acompanhados dum guia. Nenhum dêles estava autorizado a passar o inverno em Bizâncio e para venderem rapidamente suas mercadorias, tinham obtido licença de instalarem uma feira fora dos muros da cidade, que era bem vigiada, pois os Bizantinos ainda não se tinham esquecido da agressão de 860. Certas regras presidiam às transações comerciais entre Russos e Bizantinos, que estavam geralmente inseridas nos tratados existentes entre os dois povos: por exemplo, estava regulamentado que sômente era permitido aos Varegues o envio duma caravana por ano a Bizâncio. Foi por isso que os grão-príncipes de Kiev faziam essa grande concentração de barcos e de mercadorias, estas representando donativos e tributos percebidos durante sua

---

(53). — PIRENNE, *H. E.*, 151; IDEM, *V. I. U.*, I, 331; PLATONOV, *R. C.*, 503-505; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 91; EAST, *op. cit.*, 197-198.



viagem de inspeção e os carregamentos pertencentes aos mercadores particulares que tomavam parte na expedição. Os grão-príncipes de Kiev, como eram obrigados a fornecer forte escolta às caravanas, costumavam acompanhá-las pessoalmente ou, então, delegavam o comando das suas *drujinas* a membros de sua família. Eles também deviam assegurar, nas suas negociações com o estrangeiro, condições vantajosas ao comércio russo, ou então impô-las pela força das armas, como o fizeram com Bizâncio várias vezes no IX e X séculos (860, 907, 941, 944, 971, etc.). Assim, sua política exterior estava subordinada à sua política comercial (54).

Mas quais seriam os produtos que os Varegues transportavam tão penosamente para Bizâncio? Que obtinham eles em troca? Sabemos que as imensas florestas russas produziam grandes quantidades de cera e de mel — produto de grande importância nessa época, em que o açúcar ainda não era utilizado no mundo mediterrâneo — e que as regiões frígidas do Setentrião forneciam inúmeras peles, que estavam em voga tanto em Bizâncio como em Bagadá, sendo usadas nas vestimentas e no mobiliário. Os escravos eram também exportados pelos Varegues, tendo eles grande aceitação devido aos haréns muçulmanos e aos grandes domínios e oficinas de Bizâncio. O mercado interno russo exigia sobretudo produtos alimentícios, como trigo, peixe-sêco, sal, etc. Mais tarde, com o desenvolvimento da agricultura, o Estado de Kiev passou a ser exportador desses produtos. Novgorod e Pskov começaram também a enviar para Bizâncio couros, linho, cânhamo, produtos de pesca (peixe-sêco, caviar), sem excluir, é óbvio, a exportação de grandes quantidades de peles, mel, cera e escravos. Em troca de tudo isso, os Varegues levavam de Bizâncio vinho, especiarias, tecidos de seda, produtos manufaturados — oriundos na sua maioria do comércio bizantino com o Extremo-Oriente — não só para o limi-

---

(54). — PLATONOV, *H. R.*, 48-49; IDEM, *R. C.*, 504-505; EAST, *op. cit.*, 198; HALPHEN, *op. cit.*, 307; PIRENNE, *V. I. U.*, I, 331; consulte sobre esse assunto o artigo de VASILIEV, *Economic Relations between Byzantium and Old Russia*, in *Journal of Economic and Business History*, vol. 4, pp. 323-326. Apud RUNCIMAN, *La civilisation byzantine*, 182.

tado consumo interno russo, como, principalmente, destinados à reexportação para o Ocidente (55).

Sabemos também que desde o fim do século IX o comércio renasceu no Baixo-Danúbio, devido precisamente às atividades dos mercadores varegues. Aí os Búlgaros tinham fundado um Estado poderosamente organizado entre a Trácia e o Danúbio. A cidade chamada Grande Preslav, sua capital, era uma grande e florescente povoação mercantil, apenas excedida em tamanho e grandeza pela própria Bizâncio, enquanto a Pequena Preslav — atualmente substituída por modesta aldeia sôbre o braço São Jorge do delta do Danúbio, nas proximidades da sua confluência com o braço Sulina — era pôrto e mercado, que mantinha ativas relações comerciais além da Rússia, com a Grécia, Hungria e Boêmia (56).

Com o incremento do seu comércio, os Varegues negociaram uma série de acôrdos com os países vizinhos. Depois dos tratados comerciais de Kiev (século X) com Bizâncio e com os Búlgaros do Volga (1006) e depois do renascimento do comércio na Europa Ocidental — oriundo do movimento das Cruzadas — sabemos da existência de numerosos acôrdos comerciais das cidades russas com as cidades bálticas, mas entre elas não mais aparece Kiev, porém as cidades situadas mais ao Norte, que não sofreram muito a concorrência das comunas italianas, ao desviarem estas o comércio dos produtos orientais em seu benefício. Assim, Novgorod efetua uma série de tratados com a Hansa a partir de 1195; Smolensk conclue em 1229 um tratado comercial com Riga, Gotland, Lubeck, Munster, Gruninga, Dortmund, Bremen, etc. Como estamos vendo, antes das Cruzadas, Kiev era o centro da exportação das especiarias e da sêda para o Ocidente, mas depois dêsse movimento, a Rússia perde completamente seu monopólio em detrimento das repúblicas italianas, e do seu antigo comércio con-

---

(55). — RUNCIMAN, *op. cit.*, 177 e 212; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 91; PLATONOV, *H. R.*, 24; PIRENNE, *V. I. U.*, I, 330; ECK, *op. cit.*, 17; OLSEN, *La conquête de la Terre*, I, 198; PEISKER, in *C. M. H.*, II, 429; DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 762.

(56). — EAST, *op. cit.*, 198 e 334.

serva apenas a exportação de peles, mel e cera para os países do Báltico (57).

Examinemos agora as conseqüências da intensificação do tráfego comercial na Rússia. Primeiramente houve, como já mostramos, a aparição de numerosas cidades ao longo dos rios — únicas vias econômicas de transporte da época — e concomitantemente o aparecimento de grande número de mercadores varegues; logo após, vieram os príncipes escandinavos acompanhados de suas **drujin**as, que consolidam a fundação dos centros urbanos, organizando os primeiros Estados que existiram em território russo. Os Eslavos Orientais afluíram de tôdas as partes para as cidades, abandonando suas antigas associações tribais e organizando-se em comunidades, de acôrdo com suas ocupações e ofícios: uns tornaram-se guerreiros — pois muitos conseguiram penetrar nas **drujin**as escandinavas — outros converteram-se em artezões e mercadores. Novas classes sociais surgiram, modificando completamente a antiga forma patriarcal da família eslava. Os homens eram agora soldados, mercadores ou artezões, que não dependiam mais do chefe de tribo, mas sim das autoridades locais — o **kniaz** e o **vetche**. Mesmo os que permaneciam nos campos e nas clareiras das florestas sofriam a influência das cidades, devido ao comércio que mantinham com elas. Na época da organização patriarcal, cada tribo e mesmo cada família vivia fãcilmente, bastando-se a si própria. Cada uma lavrava a terra e caçava para si, construía sua cabana com a madeira de sua propriedade, vestia-se e calçava-se com os tecidos e peles trabalhadas a domicílio, construía seus próprios instrumentos. Não se comprava nada e nada se vendia. Não se faziam aprovisionamentos senão do que era estrictamente necessário para a família ou clã. Essa economia natural era independente de outras e não conhecia a troca de produtos do que se tinha em excesso. Mas quando o comércio se desenvolveu na Rússia e quando as cidades apareceram, os mercados urbanos reclamaram cada vez maiores quantidades de gêneros — sobretudo cera, mel e peles, que se tornaram os principais produtos de exportação russa. A população rural procurava êsses produtos na

---

(57). — ECK, *op. cit.*, 18-19; PIRENNE, *V. I. U.*, I, 331.

floresta e, graças à procura, a produção aumentou. Esses produtos, outrora objeto de consumo familiar, tornaram-se mercadorias de exportação, que se trocavam por outras ou por dinheiro, fato anteriormente desconhecido. Onde antes não se produzia senão o necessário para o próprio consumo, acumulavam-se agora mercadorias para a venda e entesourava-se o produto dessa operação. A economia monetária substituiu a economia natural (58).

A êsse propósito, a evolução da moeda nos dá uma imagem muito interessante do desenvolvimento da economia russa. Segundo a **Pravda Russkaja** (59) (**Justiça Russa**, código de leis estatuido por Yaroslav-o-Sábio, grão-príncipe de Kiev, que estudaremos mais adiante), a primeira moeda russa foi o **kun** (pl. **kuny**: martas), que consistia em peles de marta. Mais tarde, essas peles foram substituídas pela prata em lingotes; êstes, chamados **grivnas**, pesavam de 36 a 48 **zlotniks**, isto é, de 460 a 614 gramas. Os Eslavos Orientais, entretanto, logo começaram a usar as moedas estrangeiras, pois foram encontradas, perto de Smolensk, moedas persas da época sassânida, datadas de 532 a 592. **Dirhems** árabes do fim do século VII, moedas abácidas (séculos VIII-IX) e samânidas (século X), foram descobertas nas proximidades das cidades que marginavam as velhas rotas de comércio da Rússia, assim como moedas de Bizâncio e de Cherson dos séculos IX ao XII; as moedas ocidentais (anglo-saxônicas e escandinavas) parece que penetraram na Rússia somente no fim do X ou começo do século XI — o que concorda com a época da expansão varegue — a-pesar-da **Crônica de Nestor** (60) mencionar a existência de **schtilings** em 883. Parece que os Eslavos Orientais davam preferência às moedas estrangeiras — sem dúvida muito melhor cunhadas e de mais fácil uso do que os grosseiros lingotes de prata por êles até então utilizados — e que tinham o hábito de entesourá-las. Mas o que espanta é a quantidade de moedas encontradas nesses tesouros (vide página 35), pois foi

(58). — PLATONOV, R. C., 488-489; IDEM, H. R., 32.

(59). — Apud PLATONOV, R. C., 548.

(60). — Apud ECK, *op. cit.*, 19.

descoberto perto da foz do Volkhov, ao Norte de Novgorod, cêrca-de 115 quilogramas de moedas, em Velikiia-Luki um tesouro de 100 quilogramas de ouro e em Murom mais de 11.000 moedas. Tudo isso prova sobejamente a intensidade do comércio a que se entregavam os habitantes da Rússia (61).

A moeda tipicamente russa só aparece na época do grão-príncipe Vladímiro (fim do século X) e essa mesma é uma imitação — quanto ao peso e à forma — do besante bizantino de ouro ou de prata. Os sucessores de Vladímiro continuaram a cunhá-la sobretudo em prata e a cunhagem constituia um privilégio do grão-príncipe. Parece que essa moeda foi muito popular, porque os Escandinavos tinham o hábito de falsificá-la no século XI, visando, sem dúvida, com isso obter grandes lucros (62).

Esse comércio de Kiev teve outra consequência muito interessante: muitos dos Varegues, seduzidos pelo brilho e esplendor da metrópole bizantina, entraram para a guarda imperial — como outrora o tinham feito os Germanos nas legiões de Roma — ou, então, para o exército bizantino, na qualidade de fôrças auxiliares e de acôrdo com cláusulas dos tratados comerciais (63). Bizâncio possuía um exército nacional, mas o governo imperial apelava também para o recrutamento mercenário que, às vêzes, julgava melhor e cuja fidelidade sobretudo lhe parecia mais segura, por estarem isentos os soldados estrangeiros dos preconceitos políticos e religiosos, tão comuns entre os Bizantinos. E, como o Império pagava muito bem, sempre havia estrangeiros dispostos a se engajarem. Assim, nos exércitos bizantinos dos séculos X e XI, vemos aparecer Khazares, Pet-

---

(61). — ARNE, *op. cit.*, 76-81. Apud ECK, *op. cit.*, 19, nota 1; MOSS, *op. cit.*, 211; PEISKER, in *C. M. H.*, II; 428-429.

(62). — ECK, *op. cit.*, 19.

(63). — Cf. VASILIEV, *Bizâncio e os Árabes na época da dinastia macedônica*. São Petersburgo, 1902, pp. 166-167 (em russo). Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 425. Vide também VASSILIEVSKY, *A guarda varegue-russa* (em russo) in "*Jornal do Ministério da Instrução Pública de São Petersburgo*", 1874-1875). Apud RUNCIMAN, *op. cit.*, 154.

chenegues, Varegues, Iberos (Georgianos), Eslavos, Árabes, Turcos, Normandos da Escandinávia e da Itália. Na época da dinastia dos Comnenos e Ducas (1057-1185) havia no exército bizantino Latinos, Anglo-Saxões, Escandinavos, Italianos, Germanos, Franceses, Normandos da Sicília, etc. Esses estrangeiros também eram recrutados para a guarda imperial, mas, no século X, uma das suas unidades era composta exclusivamente de Varegues, Escandinavos da Noruega e da Islândia e de Anglo-Saxões, daí o seu nome de **Companhia Varegue** ou **Companhia Varegue-Inglesa**. Essa **Companhia** prestou serviços inestimáveis a Bizâncio, principalmente na luta que esta sustentou contra os Normandos da Itália pela posse da Sicília. Foi nessa ocasião que o imperador Romano III Argiro (1028-1034) enviou para a Itália o famoso general Jorge Maniaces em companhia do príncipe escandinavo Haraldo Hardrade, herói de muitas sagas nórdicas e futuro rei da Noruega, que então servia na guarda imperial (64). Não é tudo. Sabemos também que os Varegues foram muitas vezes recrutados pela marinha bizantina, por serem considerados excelentes marinheiros (65).

---

(64). — DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 463-464 e 545; LOT, *op. cit.*, II, 16; VASILIEV, *op. cit.*, I, p. 141, 414, 425 e 436; IDEM, in *C. M. H.*, IV, 150; MAWER, in *C. M. H.*, III, 328; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 209; CHALANDON, in *C. M. H.*, IV, 327 e 347-348; DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 752.

(65). — DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 742.

## CAPÍTULO IV

### A DINASTIA DOS GRÃO-PRÍNCIPES DE KIEV.

#### a) Oleg (879-912).

Após havermos examinado o comércio entre o Báltico e o Mar Negro, voltemos agora nossas vistas para a Kiev de Oleg (vide página 29). Com êste príncipe de Novgorod, os dados históricos começam a ser mais seguros, a-pesar-de muita cousa de sua vida estar ainda encoberta por uma série de lendas. Em todo o caso, as crônicas russas afirmam que êle, após ter transposto o lago Ilmen (em 882) e submetido Smolensk e Lubetch, estabeleceu-se em Kiev, transformando-a na capital do Estado que fundou. As crônicas afirmam também que conseguiu reunir tôdas as cidades do vale do Dnieper ao Estado de Kiev, submetendo os Drevlianos, os Severianos e os Radimitchi, tornando-se assim o senhor das principais cidades e tribus eslavas, libertando-as do jugo khazar. Em seguida, fortificou as fronteiras meridionais contra as investidas dos nômades das estepes (Khazares e Petchenegues) (1).

Oleg não se limitou a unificar os Eslavos Orientais e conquistar as cidades do vale do Dnieper. Segundo a tradição, êle seguiu o exemplo dos seus antecessores Askold e Dir — que tinham empreendido uma incursão contra Bizâncio para vingar a morte de mercadores varegues (2) — e, à frente dum grande exército (inclusive cavalaria) transportado em barcos, aproximou-se de **Tsargardr** em 907 e a sitiou, após ter devastado seus arredores. Os Bizantinos conseguiram entabolar nego-

---

(1) — MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *Histoire de Russie*, I, 88; CALMETTE, *Le monde féodal*, 30; PLATONOV, *Histoire de la Russie*, 32 e 39; BRIAN-CHANINOV, *Histoire de Russie*, 18-19; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 204.

(2). — PLATONOV, *H. R.*, 39; IDEM, *La Russie chrétienne*, 497; ECK, *Le Moyen Age russe*, 6-7; MAWER, in *C. M. H.*, III, 327.

ciações com Oleg e concordaram em lhe pagar um “tributo”, preservando assim a cidade do saque. Além desses subsídios, êle obteve também um tratado comercial (3), pelo qual eram concedidas grandes vantagens aos mercadores varegues em Constantinopla. Esse tratado foi ratificado em 912 (4).

O sucesso de Oleg impressionou profundamente a Rússia. O seu feito foi celebrado em prosa e verso e a narrativa de sua façanha não tardou a revestir-se de grande número de lendas. Entre estas, algumas são muito curiosas. Segundo um cronista da época, Oleg, depois de equipar seus barcos com rodas, aproximara-se de Bizâncio com o “auxílio de velas”; êle afirma também que o príncipe varegue, para provar sua vitória, teria suspenso seu escudo numa das portas de **Tsargardr**. Em todo o caso, a obra de Oleg é grandiosa: reuniu cidades e tribus num grande Estado, arrancando-as da dependência dos Khazares e concluiu com Bizâncio um tratado comercial vantajoso; êle foi o verdadeiro fundador do Estado de Kiev e do poderio dos Eslavos Orientais (5).

Certos autores (6) sustentam, entretanto, que a expedição de Oleg contra Bizâncio foi inteiramente inventada pela analística russa, pois os cronistas bizantinos nada disseram sobre sua façanha; segundo esse modo de ver, o tratado de comércio entre Kiev e Bizâncio teria sido assinado sem ameaça de saque, havendo mesmo dúvida que êle tenha sido firmado durante o governo de Oleg. Mas, por outro lado, sabemos ter havido, no período em que a dinastia macedônica esteve no poder

---

(3). — Embora esse tratado entre Oleg e os Bizantinos seja o primeiro de que conhecemos o texto, sabemos da existência de outros, datados do século IX. Um deles é mencionado como sendo de 839 (vide página 27) e o outro de 860, pois esta expedição, que foi empreendida sob o pretêsto de violação do tratado anterior pelos Bizantinos, terminou também com a assinatura dum novo tratado (KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 205).

(4). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 205.

(5). — PLATONOV, *H. R.*, 39-40; IDEM, *R. C.*, 497-498; ECK, *op. cit.*, 7.

(6). — Apud BRIAN-CHANINOV, *op. cit.*, 19.



(867-1057), estreitas relações comerciais entre a Rússia e Bizâncio — principalmente durante o reinado de Leão VI-o-Sábio (886-911), contemporâneo de Oleg. Apesar de não existirem textos que mencionem diretamente essa expedição e não obstante conter sua narrativa por menores lendários, ela não é, talvez, de todo falsa. Se afirmamos isso é porque possuímos um texto muito interessante: a famosa *História de Leão-o-Diácono* (segunda metade do século IX), que é fonte inestimável para os acontecimentos dessa época. Nele existe uma passagem muito curiosa — a qual, segundo Vasiliev (7), não foi ainda apreciada como devia — que deve ser considerada como o único documento bizantino que faz alusão ao tratado assinado por Oleg. Trata-se da ameaça dirigida a Sviatoslav por João I Tzimisces (969-975) (8):

“Espero que não esqueceste a derrota sofrida pelo teu pai, Igor, que, desprezando os tratados jurados [*τὰς ἐνορκίους σπονδὰς*] chegou por mar diante da cidade imperial, seguido por um exército e numerosos navios.”

Esses tratados jurados, concluídos com Bizâncio antes do governo de Igor, devem ser os assinados por Oleg. Além do mais, durante o período decorrido da morte do imperador Leão VI-o-Sábio à do *tzar* Simeão da Bulgária (927) houve entre Bizâncio e Búlgaros do Danúbio hostilidades quasi ininterruptas, empregando o *tzar* todos os esforços para se apoderar de Constantinopla. Foi em vão que o patriarca Nicolau-o-Místico lhe enviou humildes epístolas, escritas “não com tinta, mas com lágrimas”. Foi debalde que êle o ameaçou com uma aliança com os Russos, Petchenegues, Alanos e Magiares. Bizâncio não caiu. E isso foi devido,

---

(7). — VASILIEV, *Histoire de l'Empire byzantin*, I, 424.

(8). — LEÃO-O-DIÁCONO, *Historias*, VI, 10. Edição de Bonn. p. 106; vide RAMBAUD, *L'Empire grec au Xe siècle*. Paris. 1870, p. 374; A. KOUNIK, *A narrativa do toparca Gótico*. São Petersburgo. 1874. p. 87 (em russo); M. SOUZOUOMOV, *As fontes de Leão-o-Diácono e Scylitzes (Vizantiiskoié Obozrenié, t. II, 1916, p. 165)* (em russo); RUNCIMAN considera, entretanto, a incursão de Oleg como quasi certamente apócrifa, in *A History of the first Bulgarian Empire*, Londres. 1930 (p. 36, n. 2; 110). Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 425, nota 1.

sem dúvida, ao auxílio que os Russos lhe forneceram, de acôrdo com as cláusulas do tratado de comércio negociado por Oleg (9).

\* \* \*

b) Igor (912-945).

A Oleg sucedeu seu sobrinho Igor, que era manifestamente desprovido dos talentos militares e das qualidades administrativas do seu antecessor. Logo após seu advento êle teve que reprimir um levante de várias tribus eslavas. Depois foi obrigado a lutar com os Petchenegues que, num certo momento, tinham invadido o território do Grão-Principado de Kiev. Mas êsse papel repressor lhe repugnava, pois sempre pensava numa frutuosa expedição a Bizâncio que, sem dúvida, lhe encheria as arcas de ouro, com o qual contentaria sua *drujina*, sem falar no aumento de seu prestígio junto aos habitantes de Kiev (10).

Igor, contrariamente ao seu antecessor, é um personagem de que os textos bizantinos falam profusamente. Assim, por intermédio dêles, sabemos que durante o reinado do Imperador Romano I Lecapeno (919-944), Bizâncio foi atacada duas vêzes pelo grão-príncipe Igor. Sua primeira tentativa foi realizada no verão de 941. O motivo por êle invocado parece ter sido a cessação do pagamento dos tributos prometidos a Oleg. Dessa expedição, temos informações, não só por intermédio dos textos bizantinos, como também pelas crônicas russas. Os Varegues escolheram novamente a época em que a frota grega estava ocupada em operações contra os Sarracenos, para atacar. Igor reuniu numerosa frota de barcos e rumou primeiramente para o litoral da Bitínia, devastando cruelmente essa região até o Bósforo. Tendo chegado a Crisópolis (a atual cidade de Scutari), em face de Constantinopla, os Russos lançaram um ataque naval contra a capital do Império Bizantino. A marinha imperial estava em operações no Mar Egeu, como dissemos, mas a-pesar-disso os Bizantinos, improvisando uma frota com velhos navios de

---

(9). — VASILIEV, *op. cit.*, I, 420; vide também a obra de GUÉRIN-SONGEON, *Histoire de la Bulgarie*, 137-162.

(10). — BRIAN-CHANINOV, *op. cit.*, 22.

guerra e navios mercantes, repeliram o assalto naval de Igor (11). O fator decisivo do triunfo bizantino foi o emprego do famoso **fogo grego** (12). Derrotado, Igor voltou novamente para a Bitínia. Enquanto êsses acontecimentos se desenrolavam, o exército bizantino começou a mobilizar-se. Geadas, a ameaça das forças armadas inimigas, a falta de alimentos e as perdas sofridas durante a campanha, forçaram Igor a voltar para a Rússia. Dizem que êle fugiu apenas com dez barcos para o Bósforo Cimeriano, de onde conseguiu chegar são e salvo a Kiev (13).

- (11). — LIUTPRANDO, *Antapodosis*, 137 e segs. Apud RUN-CIMAN, *La civilisation byzantine*, 160; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 205.
- (12). — Composição química usada na Idade Média, cuja invenção parece datar do século VII. Durante a Antiguidade empregavam-se matérias combustíveis nas operações de cerco. Lançavam-se sobre as habitações e obras de defesa projéteis incendiários, como faláricas (lanças com estôpa inflamada na ponta), brandões incandescentes, carvões ardentes, massas a arder untadas de pez, resina, cera, etc. O *fogo grego* compunha-se de salitre, enxofre, resina e outras matérias facilmente fusíveis e tinha a vantagem de aderir aos objetos e abrasá-los sem que a água os pudesse apagar; só cedia êsse fogo terrível, à terra molhada ou areia. O segredo, foi em 673 ensinado aos Bizantinos por um engenheiro sírio chamado Calínico de Heliópolis. Desde então o seu emprego espalhou-se sobretudo nas guerras navais. Ele era lançado nos navios inimigos por intermédio de tubos ou então por *sifões*, ou ainda por meio de granadas de mão. A fama dessa arma terrível, exagerada pela imaginação popular, enchia de terror todos os adversários de Bizâncio. Os soldados derrotados de Igor diziam: “Os Gregos têm um fogo parecido com o relâmpago do céu e quando êles nos lançaram êsse fogo êles nos queimaram; por essa razão nós não pudemos vencê-los”. No século XIII Joinville fala do *fogo grego* com igual emoção. Qualquer homem tocado por êle, considerava-se perdido; todo o navio atacado, era devorado pelas chamas. E os Bizantinos, concientes das vantagens que auferiam com essa arma formidável, guardavam cuidadosamente seu segredo. Os imperadores, nas suas recomendações no leito de morte, pediam aos sucessores que não o desvendassem a ninguém, e ameaçavam com anátemas terríveis qualquer ímpio que ousasse revelá-lo (Apud DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 743-744).
- (13). — PLATONOV, *H. R.*, 40; IDEM, *R. C.*, 498; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 205.

Entretanto, Igor não desanimou. Três anos mais tarde (944), tendo reunido forças consideráveis, fez nova tentativa. Os cronistas russos nos dizem que ele recrutou contingentes de Varegues, Eslavos e Petchenegues — que tinham feito um acôrdo momentâneo com Kiev — com os quais marchou sôbre Tsargardr. Romano I Lecapeno, apavorado com seus preparativos, enviou-lhe emissários com ricos presentes e ofertas de pagamento de tributos. A **drujina** foi consultada e resolveu aceitar as propostas do Imperador e voltar para Kiev. No ano seguinte (945) Igor e Bizâncio assinaram um tratado cujas cláusulas foram muito mais vantajosas para os mercadores russos que as do tratado de Oleg. Nesse novo acôrdo não só os tratados anteriores foram confirmados, com algumas modificações e adições vantajosas, como também ficou decidido que Russos e Bizantinos não se atacariam, mas se auxiliariam mutuamente em caso de necessidade. Sabemos também por êsse tratado, que o Estado de Kiev estava dividido em principados não só entre os membros da dinastia de Rurik, como também entre os chefes mais importantes da **drujina** e, que até mesmo as mulheres tinham nêle sua parcela. Oleg, no seu tratado de 907, já tinha combinado com os Bizantinos o montante dos tributos que êles deviam pagar às diversas cidades russas, ou melhor, aos seus governadores (**posadniki**). Como já mostramos, no Ocidente os familiares dos príncipes eram recompensados com terras; na Rússia, êles recebiam territórios sôbre os quais impunham taxas e cobrá-las era seu principal cuidado (14).

Esse tratado de paz e comércio devia durar “tanto tempo quanto o sol brilhasse e o mundo existisse, nos séculos presentes e nos séculos futuros” (15). Na ver-

---

(14). — ROTH, *Historia del Imperio bizantino*, 80; BRIANCHANINOV, *op. cit.*, 22; PLATONOV, *H. R.*, 40; IDEM, *R. C.*, 498; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 205-206.

(15). — *Crônica Laurentina*. A. CHAKHMATOV, *Poviest vremennich liet*. Petrogrado. 1916. t. I, p. 60. — Sôbre os tratados concluidos entre a Rússia e Bizâncio no século X, existe uma vasta bibliografia, principalmente em russo. Vide J. KULISCHER, *Russische Wirtschaftsgeschichte*. Iena. t. I. 1925. pp. 20-30; A. VASILIEV, *Bizâncio e os Arabes*, t. II, pp. 164-167,

dade, a paz durou apenas 25 anos, mas ela foi de inestimável valor para Bizâncio, então ocupada no Oriente com novas investidas dos Arabes.

Os autores árabes nos fornecem informações sôbre as expedições predatórias dos Varegues às costas do Mar Cáspio. Tôdas essas incursões, desde a primeira — empreendida em 880 —, redundaram em desastres para êles. Uma delas, particularmente audaciosa, foi realizada em 944. Os Varegues chegaram com seus barcos, através do Cáspio, à foz do Ciros e, navegando rio acima, invadiram a região chamada Arran pelos Arabes (a antiga Albânia do Cáucaso) e pertencente ao Califado. O primeiro sucesso que obtiveram foi a captura de Berdaa, capital de Arran, situada no rio Terter, tributário do Ciros, de onde êles devastaram tôda a região circunvizinha. O governador de Azerbaijão reuniu um grande exército e derrotou os Varegues depois de ter perdido uma batalha. Essa derrota, entretanto, não foi suficientemente decisiva para decidí-los a abandonar a região. Mas a disenteria, espalhando-se ràpidamente entre o exército varegue, livrou os habitantes de Arran de sua presença. Depois de seis meses de depredações os Varegues voltaram para Kiev com ricos despojos (16).

As crônicas russas, entretanto, silenciam êsses acontecimentos, o que não deixa de ser estranho, pois não podemos duvidar da sua realidade, à vista dos textos dos autores árabes. Mas em todo o caso, essas expedições ao litoral do Mar Cáspio vêm provar mais uma vez que o Estado de Kiev estava suficientemente forte no tempo de Igor para empreender não só uma guerra contra Constantinopla, como também investir na direção do Califado (17).

Tendo voltado para Kiev, depois da sua expedição a Bizâncio, Igor não gozou por muito tempo as vanta-

---

246-249, 255-256 (em russo). Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 426, nota 2. Vide também RAMBAUD, *L'Empire grec*, p. 346 e segs.; RUNCIMAN, *Romanus Lecapenus*, pp. 109-113. Apud DIEHL e MARÇAIS, *Le monde oriental de 395 à 1081*, 470, nota 154.

(16). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 206.

(17). — *ibidem*, 206-207.

gens que ali obtivera. Sua avidez lhe foi funesta, pois tendo se apresentado para cobrar pela segunda vez o tributo da tribu dissidente dos Drevlianos, foi por êles preso e esquarterado vivo.

\* \* \*

c) **Olga (945-957).**

Igor tinha se casado com uma princesa de origem escandinava como êle, Olga (**Helga** em grego e no velho idioma escandinavo), da qual teve um filho a que deu o poético nome de Sviatoslav (brilhante glória). Tendo se tornado viúva, Olga, mulher enérgica e de decisões rápidas, chorou a morte do marido durante o tempo prescrito pelos costumes e após, à frente dos guerreiros da sua **drujina**, avançou sôbre o território dos Drevlianos, assassinos de Igor, abatendo-os e queimando suas cidades, saqueando suas colheitas e lhes impondo grande resgate em dinheiro e em mercadorias (18). Vingada, ela voltou para Kiev, onde assumiu o govêrno de acôrdo com um velho costume eslavo, pelo qual as viúvas gozavam de todos os direitos cívicos. Isso vem provar que a situação da mulher entre os Eslavos Orientais era muito superior à de suas irmãs entre os outros povos contemporâneos da Europa. Assim, nada houve de extraordinário ao tornar-se Olga a soberana do Grão-Principado de Kiev (**kniaguinia** em eslavo). Os cronistas russos falam dela com simpatia e a consideram mesmo como “o mais sábio dos homens” e lhe atribuem grandes méritos na organização do país, que visitava continuamente e onde fazia reinar a ordem (19).

A fama de Olga chegou até Bizâncio, onde então reinava Constantino VII Porfirogêneta (912-959), que a convidou para visitar sua capital. Certos autores duvidam que êsse gesto tenha sido inteiramente desinteressado, porque sempre houve, depois do tratado de não-agressão entre Igor e os embaixadores bizantinos, tenta-

(18). — A morte de Igor, o pedido de casamento que teria sido feito pelo príncipe dos Drevlianos à sua viúva, a vingança desta, são temas narrados numa lenda poética, uma das mais célebres da velha Rússia de Kiev. Vide L. LÉGER, *Les anciennes civilisations slaves*, Paris. Payot. in-16. Apud PLATONOV, *H. R.*, 40.

(19). — PLATONOV, *H. R.*, 41; IDEM, *R. C.*, 499.

tivas por parte do Império de se imiscuir na política interna da Rússia. Os embaixadores bizantinos tinham obtido de Igor o compromisso de vigiar os nômades das estepes, afim de que estes não inquietassem suas colônias da região da Península da Táurida (Criméia). Essa obrigação tinha a aparência de vassalagem, a-pesar-dos Varegues receberem tributos de Bizâncio. Em todo o caso, seja o que for, a princesa russa aceitou o convite e visitou Constantinopla em 957, onde foi recebida em audiência solene pelo Imperador rodeado de toda sua corte. Após a cerimônia ele lhe ofereceu um jantar de gala, no qual ela foi colocada na mesa das *zostae*, nas proximidades da mesa da Imperatriz. Alguns dias depois dessa primeira recepção, o Imperador e seu filho Romano II, suas espôsas e filhos, ofereceram a Olga um novo repasto. Constantino Porfirogêneta descreveu no seu famoso livro *De Cerimoniis aulae byzantinae* (II, 15) (20) todos os pormenores da recepção de Olga em Bizâncio. Entretanto, ele não se referiu ao seu batismo em Constantinopla, contrariamente à afirmação da analística russa. E' muito provável que ela já tivesse sido batizada anteriormente em Kiev (vide página 69). Quanto ao tratado de aliança com Bizâncio, parece que ela não o assinou, porque seu filho Sviatoslav foi convidado a fazê-lo mais tarde pelo imperador Nicéforo II Focas (963-969), quando este estava lutando contra os turbulentos Búlgaros do Danúbio (21).

Os cronistas russos afirmam não só que ela foi batizada em Constantinopla pelo patriarca, tendo o Imperador como padrinho, como também, ingenuamente, dizem que este se apaixonou pela princesa russa e que à viva força queria desposá-la, devido à sua grande beleza e inteligência. Os cronistas ainda nos contam de que maneira ela recusou esse pedido de casamento e o tributo que o Imperador também lhe pedira. Após o triunfo do Cristianismo na Rússia, a memória da princesa Olga, batizada com o nome de Helena, foi reverenciada pela Igreja Ortodoxa que a canonizou (22).

---

(20). — Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 427; vide também VOGT, in *G. M. H.*, IV, 66.

(21). — BRIAN-CHANINOV, *op. cit.*, 23-24.

(22). — PLATONOV, *R. C.*, 499-500; IDEM, *H. R.*, 41-42; LOT, *Les invasions barbares*, II, 17.

d) Sviatoslav (957-972).

O filho de Olga e Igor tem um nome eslavo, mas foi um verdadeiro guerreiro varegue. O elemento escandinavo não estava ainda inteiramente absorvido pela massa eslava, o que ocorreu somente no século XI. Sviatoslav foi um príncipe aventureiro, pois não sentia atração alguma pela terra russa e sempre pensou em transferir a capital do seu Estado para a Península Balcânica. Os cronistas russos o descrevem como galante, ousado, empreendendo sempre expedições longínquas e descurando dos interesses de Kiev. Apenas adulto, reuniu numerosa e brava *drujina* e com ela partiu em busca de glórias e de despojos. Logo que pôde esquivou-se da influência materna e zangou-se com Olga quando esta tentou convertê-lo ao Cristianismo, dizendo: "Como poderei mudar de religião sozinho? A *drujina* zombaria de mim". Era muito afeiçoado a seus homens, partilhando com êles a rude vida militar. Todas as suas operações eram extremamente rápidas: "marchava ligeiramente como uma pantera (*pardus*)," diz um cronista contemporâneo (23).

Sviatoslav empreendeu suas primeiras expedições ainda durante a vida de sua mãe, a qual permanecia em Kiev como regente. Marchou inicialmente em direção ao rio Oka, forçando os Viatchichi a pagar tributo pela primeira vez aos Varegues, sob o pretêsto de que êles tinham sido antes tributários dos Khazares; em seguida, lançou-se sobre êstes e devastou seu território, após ter se apoderado de suas principais cidades (Sarkel e Itil). Ao mesmo tempo, submeteu a tribo dos Ias (Ossetas), remanescentes dos Alanos, e a dos Kassog (Tcherkesses) no rio Cuban e apoderou-se da localidade situada perto do Mar de Azov, chamada Tmutarakan (atualmente Tamame). Com a submissão dessas tribus, que eram dominados anteriormente pelos Khazares, Sviatoslav lançou os fundamentos da Rússia Tmutarakana, a antiga Tamaratarca. Finalmente, tendo atingido o Volga, Sviatoslav devastou o território dos Búlgaros do Kama e tomou sua capital Bulgar. Portanto, em muito pouco tempo êle venceu e aniquilou

(23). — PLATONOV, *R. C.*, 500; IDEM, *H. R.*, 42; LOT, *op. cit.*, II, 19; ECK, *op. cit.*, 7; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 207.







todos os vizinhos orientais da Rússia, que faziam parte do Império dos Khazares, e tornou-se a principal força nas regiões ribeirinhas do Mar Negro. Mas a queda desse Império favoreceu os Petchenegues, pondo à sua disposição tôdas as estepes do Meridião Russo, que tinham sido ocupadas anteriormente pelos Khazares. Em consequência desse erro político de Sviatoslav, a Rússia sofreu muitíssimo com o ataque dos nômades, principalmente com a contínua ameaça da interrupção das comunicações com Bizâncio, como veremos mais adiante (24).

O imperador Nicéforo II Focas (963-969), indignado com o *tzar* Pedro — por não ter êste impedido a invasão da Península Balcânica pelos Magiares e por ter exigido o pagamento do “tributo habitual”, que Bizâncio tinha outrora pago ao poderoso *tzar* Simeão, aventurou-se a uma guerra contra os turbulentos Búlgaros do Danúbio (25). Nicéforo enviou a Sviatoslav o patricio Calocero para pedir-lhe auxílio nessa guerra, mas êste foi um traidor. Concluiu em seu proveito, com Sviatoslav, um tratado de auxílio mútuo, pelo qual o príncipe varegue ficaria com a Bulgária e êle com o trono imperial. Sviatoslav, cuja valentia e qualidades de chefe militar eram conhecidas em tôda a Europa Oriental, aceitou de muito bom grado essa incumbência, que serviria para manter aberta a grande rota comercial do Danúbio, política que sempre procurou praticar. A frente de seus guerreiros varegues e eslavos, e seguido pelos seus aliados Magiares e Petchenegues, desembarcou em Agosto de 967 na costa búlgara, e quasi sem resistência conquistou a região, sendo bem acolhido e secretamente apoiado por uma parte da nobreza, hostil ao *tzar* Pedro. Sviatoslav estabeleceu-se em Pereiaslavets (Grande Preslav, que posteriormente foi chamada Eski-Estambul pelos Turcos e que é atualmente a cidade Preslav, ao Sul de Chumla), residência do *tzar*. Êle percebeu imediatamente as grandes vantagens comerciais que essa

- 
- (24). — PLATONOV, *R. C.*, 500-501; IDEM *H. R.*, 42; ECK, *op. cit.*, 7; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 89; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 207-208.
- (25). — DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 470; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 208; GUÉRIN-SONGEON, *op. cit.*, 179-182; MILLER, in *C. M. H.*, IV, 239.

cidade oferecia, pois, segundo a tradição, teria exclamado um dia (26):

**“Quero viver em Preslav; lá se encontra o centro das minhas atividades, para lá afluem todos os bens: dos Gregos — ouro, estofos, vinhos e frutas; dos Checos e Ugres (Húngaros) — prata e cavalos; da Rússia — peles, cera, mel e escravos.”**

Mas uma súbita invasão dos Petchenegues o obrigou a voltar para Kiev (968), porque na sua ausência êsses nômades tinham atacado a Rússia e cercado sua capital, cujos habitantes, sob a chefia de Olga e dos filhos de Sviatoslav, difficilmente se mantinham na defensiva. Com a chegada do grão-príncipe, os Petchenegues levantaram o cerco e voltaram para suas estepes. Olga, moribunda, pediu a seu filho que não partisse de novo para a Bulgária, pelo menos antes de sua morte (969). Sviatoslav assim o fez; mas logo após o sepultamento de sua mãe, para lá partiu novamente, deixando seus filhos como governadores, Yaropolk em Kiev e Oleg entre os Drevlianos. Quando os habitantes de Novgorod pediram também um príncipe para governador, êle lhes deu seu filho bastardo Vladímiro. Mas na realidade, o govêrno do Estado de Kiev estava nas mãos dos boiardos, porque todos os príncipes eram menores (27).

Infelizmente para Bizâncio, Sviatoslav tinha achado a Bulgária muito a seu gôsto e pensava mesmo em mudar a capital do Grão-Principado para Preslav. Nicéforo tinha lançado os Varegues contra os Búlgaros do Danúbio — a-pesar-de estar em paz com êste último povo (Cedreno, II, 372) (28) — porque estava muito ocupado com a luta que sustentava contra Otão I e com sua expedição à Síria. Por outro lado, sabemos que a diplomacia bizantina sempre teve por regra fundamental opor aos inimigos do Império outra nação, para diminuir as despesas e os riscos de guerra. Constantino Porfirogêneta (*De administrando imperio*, 67, 72, 80-81)

---

(26). — PLATONOV, *H. R.*, 24 e 43; IDEM, *R. C.*, 501; ECK, *op. cit.*, 7; BRIAN-CHANINOV, *op. cit.*, 24; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 208 e 213.

(27). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 208.

(28). — Apud RUNCIMAN, *op. cit.*, 166.

(29) chega mesmo a propor uma interessante fórmula para se conseguir êsse desideratum. Assim, êle sugeria que, contra os Khazares se apelasse para os Petchenegues ou para os Búlgaros Negros; contra os Petchenegues se utilizasse os Russos ou os Magiares, pois cada uma dessas nações tinha seus inimigos potenciais. Até o fim do Império, os Bizantinos sempre praticaram com maestria essa arte de lançar umas nações contra as outras, em beneficio próprio.

A volta de Sviatoslav para a Bulgária não podia, pois, agradar aos Bizantinos de maneira alguma. Nicéforo procurou reparar o erro político que cometera ao convidar os Varegues para invadi-la, concluindo a paz com a côrte de Preslav. Mas a morte do velho tzar Pedro (969) e a proclamação, pelo partido nacionalista dos filhos de Shisshman de nomes bíblicos (Daví, Moisés, Arão e Samuel) como soberanos, tinham lançado o país em plena anarquia e contribuído para que sua capital caísse novamente nas mãos de Sviatoslav. E nessa hora crítica para Bizâncio, um trágico acontecimento veio privá-la de seu soberano: na noite de 10 ou 11 de Dezembro de 969, Nicéforo foi assassinado por João Tzimisce, com a cumplicidade da imperatriz Teofano, sua amante. João I Tzimisce (969-975), genro e sucessor de Nicéforo, declarou guerra a Sviatoslav, porque êste não escondia sua intenção de invadir e conquistar o Império Bizantino, como o tinha feito com a Bulgária. Na primavera de 970 os Varegues transpuzeram os Balcãs, saquearam Filipópolis e franqueando as fronteiras bizantinas, lançaram-se sôbre a Trácia (30). O pânico foi terrível em Bizâncio. Mas êsse grande perigo foi conjurado graças a Bardas Scleros, cunhado do Imperador, que derrotou os Varegues em Arcadiópolis, a actual Lule-Burgas (971). O Império estava salvo e os Russos tinham sido repellidos para a Bulgária, mas não estavam ainda aniquilados. Para isso, o Imperador organizou

---

(29). — *ibidem*, 167.

(30). — Essa é a primeira tentativa feita pelos Russos para obterem uma safda no Egeu, depois do relativo fracasso das campanhas dos rios Oka, Don e Volga (vide páginas 66-67), feitas com o mesmo fito de buscar um escoadouro marítimo, em direção dos mares de Azov, Negro e Cáspio.

contra êles uma expedição e em Março de 972 pôs-se à frente de suas tropas. Enquanto a frota bizantina, sob as ordens do grão-drungário Leão, entrava no Danúbio, o βασιλεύς, com o exército, transpôs os Balcãs. Tzmisces apoderou-se de Preslav e repeliu Sviatoslav para Doristolon (Silístria) onde o sitiou. Após três meses de resistência, o príncipe russo resolveu capitular — dos 60.000 homens que tinha consigo ao iniciar a campanha, apenas lhe restavam 22.000. Leão, o Diácono (31), nos deixou uma curiosa descrição da sua chegada para a entrevista que então teve com o Imperador:

“Sviatoslav veio a Constantinopla para concluir a paz com o Imperador João Tzimisces, num barco, manejando o remo como um guerreiro qualquer; sua estatura era mediana, o nariz chato, os olhos azues, possuía barba e longos bigodes. Tinha a cabeça raspada, porém deixara uma pequena trança que caía sôbre a espádua, a qual indicava a sua nobre ascendência; seu pescoço era forte, seu peito amplo e seu aspecto era sombrio e selvagem. Numa orelha trazia um brinco com pérolas e suas vestes eram brancas e muito limpas.”

Sviatoslav foi forçado a fazer a paz e a renovar os antigos tratados, aos quais foi acrescentada nova cláusula: o príncipe russo se obrigava a não se apropriar das possessões bizantinas na Criméia e na Bulgária. O exército varegue, esgotado pela guerra, foi surpreendido, quando se retirava para Kiev, perto dos rápidos do Dnieper, por Kurya, príncipe dos Petchenegues, que o dispersou, perecendo aí o próprio Sviatoslav (972). Foi assim que os Petchenegues consumaram a derrota dos Varegues, iniciada pelos Bizantinos (32).

---

(31). — Apud MARKOFF, *História de Rusia*, 17.

(32). — PLATONOV, *H. R.*, 43; IDEM, *R. C.*, 502; ROTH, *op. cit.*, 86-87; DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 470-472; LOT, *op. cit.*, II, 19; BRIAN-CHANINOV, *op. cit.*, 25; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 89; ECK, *op. cit.*, 7; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 208; MILLER, in *C. M. H.*, IV, 239-240. Vide a curiosa descrição dessa campanha dos Bizantinos contra os Russos in SCHLUMBERGER, *Récits de Byzance et des Croisades*, I, 20-30, e in GUÉRIN-SONGEON, *op. cit.*, 185-194.

## CAPÍTULO V

### A CRISTIANIZAÇÃO DA RÚSSIA.

#### a) O advento de Vladímiro (980-1015).

Sviatoslav tinha tido um filho duma criada de sua mãe, uma eslava, pagã como êle, chamada Maliucha. Esse filho, a quem tinha dado o nome de Vladímiro, era pois fruto duma união ilícita. Assim, seus irmãos o tratavam como bastardo. Mas Vladímiro desarmava tôdas as prevenções pelo seu constante bom-humor, seu "encanto eslavo" e sua aparente indiferença; por isso mesmo êle era o predileto de seu pai. Quando Sviatoslav, obcecado pela idéia de fundar uma nova capital na Bulgária, encarregou cada um dos seus filhos de governar uma das diferentes regiões russas, Vladímiro recebeu a difícil missão de representá-lo junto aos habitantes de Novgorod (vide página 68), sempre críticos e turbulentos. Ele teria sem dúvida fracassado na sua empresa, se não fôsse auxiliado pelo seu tio materno Dobrynia, de quem fez seu voievoda (comandante militar, chefe do exército). Este personagem era um astuto e cruel camponês, não muito honesto, mas empreendedor e ousado, que logo começou a exercer grande influência sobre o sobrinho, ao qual animou nos seus vícios familiares: a intemperança, a violência e sobretudo o pendor pelo belo sexo. Assim, se Sviatoslav não tivesse morrido (972), é bem provável que Vladímiro se tivesse perdido em Novgorod. Yaropolk I (972-980), o primogênito de Sviatoslav, que já suprimira o mais jovem dos seus irmãos e se apoderara do governo de Kiev, não se mostrava muito amigo dos remanescentes. Vladímiro, apavorado, fugiu para a Suécia, onde permaneceu três anos e de onde, à frente dum numeroso bando de guerreiros escandinavos, a quem tinha prometido um abundante saque, voltou para sua pátria. Novgorod, de medo da pilhagem, abriu-lhe as portas. Mas Vladímiro não permaneceu aí muito tempo, logo marchou em direção a Kiev, acompanhado por todos os rufiões de Novgorod. Então desencadeou-se uma luta intestina entre Vladí-

miro e Yaropolk, da qual só o primeiro saiu com vida e poder (980). Mas o Estado de Kiev, abalado com a luta, apresentava sinais de decadência interna e Vladímiro também teve que se esforçar muitíssimo para disciplinar os Varegues que trouxera, enviando os mais turbulentos para Bizâncio (1).

Logo após seu advento, o principal cuidado de Vladímiro foi o de estender e consolidar o Grão-Principado de Kiev, o qual desde o tempo de Sviatoslav ameaçava desmembrar-se. Em 981 êle empreendeu uma expedição contra os Viatchichi, que se tinham rebelado contra o domínio varegue, subjugando-os e forçando-os a pagar tributo novamente. Em 982 êles se revoltaram mais uma vez e foram de novo dominados. Em 984 Vladímiro fez o mesmo com os Radimitch, que tinham se sublevado pelos mesmos motivos. No ano seguinte êle marchou contra os Búlgaros do Volga e derrotou-os, concluindo após, um tratado de paz. Na última década do século X, mais uma vez êle se aventurou numa guerra contra os Búlgaros do Volga. Em 1006 concluiu um tratado comercial com êles, pelo qual os mercadores de ambos os Estados podiam continuar seu comércio entre as duas regiões se estivessem providos dum sinete oficial (2).

A declaração da Crônica de Vladímiro de que êle em 981 tomou os castelos polacos da Rússia Vermelha (a atual Galícia de Leste) é duvidosa, mas é certo que combateu contra o rei da Polônia, Boleslau I-o-Valeroso (982), guerra que terminou por um tratado, pois Boleslau também estava empenhado numa guerra contra a Boêmia. Além disso, a paz foi assegurada pelo casamento de Sviatopolk, filho de Vladímiro e príncipe de Turov, com uma filha de Boleslau. Mas não era só nas fronteiras ocidentais que Vladímiro lutava, pois, sabemos também, através das crônicas russas, que os Petchenegues continuamente invadiam o território do Es-

---

(1). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 208; BRIAN-CHANINOV, *Histoire de Russie*, 25-26.

(2). — PLATONOV, *Histoire de la Russie*, 43-44; IDEM, *La Russie chrétienne*, 502; MILIOUKOV, SEIGNOÛS e EISENMANN, *Histoire de Russie*, I, 89; MARKOFF, *Historia de Rusia*, 18; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 208-209.



tado de Kiev, de maneira que sempre havia guerra com eles. Essas frequentes incursões, que muito perturbavam Vladímiro, o levaram a construir poderosas fortificações a Leste e Sul do seu território e a guarnecê-las com os melhores soldados existentes entre os Eslavos de Novgorod, entre os Krivichi, Tchudes e Viatchichi. Como todos os príncipes varegues, Vladímiro subjugava as tribus eslavas do Sul com as do Norte e com o auxílio de tôdas elas defendia o território de Kiev dos nômade das estepes (3).

\* \* \*

**b) As relações de Vladímiro com Bizâncio. Sua conversão ao Cristianismo.**

Durante o govêrno de Vladímiro as relações de Kiev com Bizâncio modificaram-se completamente, porque o Cristianismo se tornara religião oficial. Sabemos que essa religião tinha começado a se difundir no Grão-Principado de Kiev, logo após a primeira expedição dos Russos contra Constantinopla em 860. E' provável que o próprio príncipe de Kiev dessa época tivesse abraçado a fé de Cristo. Mas durante o govêrno de Oleg, o Cristianismo sofreu um declínio, embora não desaparecesse de todo, como pode ser deduzido do registro das igrejas metropolitanas subordinadas ao patriarca de Bizâncio, publicado pelo imperador Leão VI-o-Sábio (886-911). No tratado de Igor com os Bizantinos em 945, são mencionados russos cristãos e pagãos e os cronistas russos chamam a igreja de Santo Elias (Ilya), em Kiev, de catedral, o que prova a existência de outras igrejas na cidade (4). Entretanto, a tradição russa afirma que foi o imperador bizantino Basílio I (867-886), seguindo aliás seu costume, quem tentou pela primeira vez evangelizar a Rússia; êsse fato, infelizmente, está ainda envolto em obscuridade. Conhecemos, todavia, um historiador contemporâneo (Teófanos continuado) (5), que afirma ter o imperador Basílio I persuadido os Russos a "tomarem parte no batismo salutar" e aceitarem um arcebispo.

(3). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 209.

(4). — *ibidem*, IV, 207.

(5). — Apud VASILIEV, *Histoire de l'Empire byzantin*, I, 439.

Mas não sabemos quais os Russos a que se refere o cronista, porque talvez êle pensasse nos Eslavos, que então se estabeleceram no Peloponeso e que foram, juntamente com os Judeus, obrigados a abraçar o Cristianismo.

Entretanto, parece que a fé cristã não se enraizou entre os Russos, pouco adiantando ter a princesa Olga abraçado o Cristianismo, provavelmente em 954, três anos antes de sua viagem a Constantinopla, empreendida com fito diplomático e não religioso. E' interessante examinar agora como teria ela se tornado cristã. Segundo a tradição, Olga tendo ouvido falar da religião de Cristo pelos mercadores já cristianizados, não se dirigiu primeiramente a Bizâncio, mas sim ao imperador Otão I-o-Grande (936-973). Assim, o Imperador, homem piedoso e muito zeloso na evangelização dos pagãos, pediu a Guilherme, arcebispo de Mogúncia, um missionário experimentado. O escolhido, pessoa de grande mérito, foi Adalberto, filho do conde moselano de Remiche (povoação do ducado de Luxemburgo), que era monge do mosteiro de São Máximo de Tréves. Sagrado em 962, em Mogúncia, Adalberto logo partiu para seu posto. Mas os notáveis e o povo russo não estavam ainda preparados para receber a nova religião. Adalberto foi maltratado e muitos dos seus companheiros foram massacrados e êle próprio teve que abandonar a Rússia, rumo à Alemanha (6).

Durante o govêrno de Vladímiro foi feita também uma tentativa para conquistar os Russos para a Igreja de Roma, em detrimento da Igreja Bizantina. Com a filha de Boleslau-o-Valoroso, chegou à côrte de Sviatopolk em Turov, Reinbern, bispo de Kolberg. Vladímiro, logo que soube dos planos de Reinbern, prendeu Sviatopolk, sua esposa e o bispo. Boleslau, que lutava contra os Germanos, fez a paz com êles (1013) e, recrutando soldados entre êsses seus inimigos da véspera e entre os Petchenegues, investiu contra Vladímiro, mas apenas conseguiu devastar seus domínios (7).

Por outro lado, sabemos que durante muito tempo ainda, e mesmo depois da introdução do Cristianismo

---

(6). -- BRIAN-CHANINOV, *op. cit.*, 22-23.

(7). -- KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 210.

na côrte de Kiev e nas principais cidades, a religião dos camponeses continuou a ser o paganismo, que consistia, como entre todos os Indo-Europeus, na adoração das forças da natureza. Entre os seus deuses notavam-se **Svarog** (o deus do sol), **Perun** (o deus do trovão), **Striborg** (o deus do vento), **Volos** (o deus protetor dos rebanhos), etc. As almas dos antepassados povoavam os campos, as florestas e as águas. Havia santuários, ídolos e até mesmo sacrifícios humanos (8). A mitologia escandinava parece que se harmonizou com a eslava, pelo menos é o que afirma Niederlé (9), talvez por lhe ser muito semelhante, pois ambas pertenciam a povos indo-europeus, como já dissemos. Entretanto, o paganismo dos Eslavos e dos Escandinavos era fracamente desenvolvido e não possuía nenhuma estabilidade interna. Além disso, os Eslavos Orientais aceitavam facilmente as superstições dos feiticeiros tchudes. Por isso, não é de se admirar que, diante do Cristianismo, o paganismo eslavo não pudesse resistir, bastando uma simples evangelização para se obter grandes conversões. Também as relações comerciais com Bizâncio facilitaram muitíssimo o conhecimento da religião de Cristo. Mercadores e guerreiros varegues que, como já mostramos, costumavam dirigir-se a Bizâncio, foram os primeiros a se converter à nova fé. Foram êles que levaram para a Rússia o Cristianismo e aí o transmitiram aos Eslavos Orientais; sabemos também que eram muito numerosos os cristãos na própria **drujina** do grão-príncipe de Kiev, tornando-se logo a nova crença muito popular. E' certo que Sviatoslav (vide página 66) não a apreciava muito, mas em compensação sua mãe a adotara com entusiasmo. Todavia, existia ainda no começo do governo de Vladímir ídolos pagãos (**khumirs**), aos quais se ofereciam sacrifícios humanos. Um cronista chega mesmo a afirmar que a população de Kiev matou em 983 dois Varegues cristãos, pai e filho, porque aquele recusara oferecer seu descendente em sacri-

---

(8). — LÉGER, *La mythologie slave*, 1901, p. 118; NIEDERLE', *Manuel de l'antiquité slave*, II, pp. 136 e 143. Apud LOT, *Les invasions barbares*, II, 16; vide também PEISKER, in *C. M. H.*, II, 424-425.

(9). — NIEDERLE', *op. cit.*, II, 137-146. Apud LOT, *op. cit.*, II, 16.

fício aos deuses. Mas, a-pesar-de tudo isso, o Cristianismo continuou a propagar-se pelo Estado de Kiev e até o próprio grão-príncipe acabou aceitando a nova fé (10).

Existe grande número de lendas a respeito do batismo de Vladímiro. Alguns autores afirmam que êle foi batizado em Kiev, outros situam êsse acontecimento no povoado de Vassilev (a 40 km. de Kiev) e outros ainda dizem que foi na Criméia, após ter tomado a cidade de Cherson aos Bizantinos. A tradição eclesiástica russa contém dados muito curiosos sôbre a conversão de Vladímiro. Ela afirma que o príncipe hesitou entre três religiões: o Islamismo que era gabado pelos Búlgaros do Volga, o Judaísmo que tinha sido adotado pelos Khazares e enfim o Cristianismo, oferecido pelos Alemães em nome do Papado e por um “filósofo” em nome de Bizâncio. Os Gregos levaram a melhor pela descrição entusiasta da liturgia bizantina. Eis o texto da Crônica de Nestor (an. 987, XLI (11) que narra êsse curioso episódio:

Vladímiro, após ter convocado seus “boiardos” e o conselho da cidade, assim falou: “os Búlgaros vieram a mim dizendo: recebei nossa lei. Em seguida compareceram os Alemães e fizeram o elogio da sua fé. Após chegaram os Judeus. E enfim, apareceram os Gregos criticando tôdas as outras religiões, mas louvando a sua e falando longamente da criação, da história do mundo inteiro e sempre com espírito; é maravilhoso e dá prazer ouvi-los. Êles dizem: aquele que escolhe a nossa fé, não morrerá jamais durante tôda a eternidade; mas se escolher outra fé, queimar-se-á no outro mundo no meio das chamas. Qual é a vossa opinião e que dizeis de tudo isso?” Os “boiardos” disseram: “Tu sabes, príncipe, que ninguém censura tua opinião, mas que, pelo contrário, todos a louvam. Se queres te esclarecer com cuidado, envia alguns dos teus homens estudar os diferentes cultos e ver como cada um honra Deus.”

---

(10). — PLATONOV, R. C., 510; IDEM, H. R., 53; MIRSKY, in C. M. H., VII, 599.

(11). — Tradução de LÉGER. Paris. 1884. Apud CALMETTE. *Textes et documents d'Histoire, II, Moyen-Âge*, p. 12.

Outros documentos (*Constantino Porfirogêneta*, t. III, p. 350 e *Crônica de Nestor*, p. 89) (12) nos dão mais alguns pormenores desse episódio. Vladímiro, aceitando, as sugestões dos seus boiardos, enviou embaixadores a diversos países. Quando seus enviados chegaram a Constantinopla, êles foram levados a Santa-Sofia num dia de festa solene e aí, sob as abóbadas douradas da grande igreja, entre os vapores de incenso, na coruscante luz dos círios, os boiardos russos, deslumbrados pelos esplendores da liturgia ortodoxa, imaginaram ter visto, numa alucinação mística, jovens alados, vestidos magnificamente, flutuando no ar, acima dos padres e cantando triunfantemente: “Santo, santo e santo é o Eterno”. E como interrogassem sôbre êsses extraordinários acontecimentos os Bizantinos que os acompanhavam, dêles obtiveram a seguinte resposta: “Se não ignorasseis os mistérios cristãos, saberíeis que os próprios anjos descem do céu para celebrar missa com os nossos padres”. Os embaixadores russos não puderam resistir à atração duma religião que apresentava tais espetáculos, que, diziam êles, “superam a inteligência humana”. Na sua volta êles teriam persuadido Vladímiro a se converter ao Cristianismo de rito grego.

A tradição afirma também que Vladímiro, mergulhado nas trevas do paganismo e ferido pela cegueira, recobrou milagrosamente a vista, moral e fisicamente, no momento do batismo. E finalmente, as crônicas ainda dizem que, para receber a nova religião, Vladímiro acreditava dever sitiar Cherson, conquistá-la e, como vencedor, se apropriar também da religião bizantina (13).

Mas a realidade parece ter sido muito diferente, porque, segundo as narrativas árabes e gregas (14), uma revolta militar chefiada por Bardas Focas obrigou os imperadores bizantinos Basílio II Bulgaróctonos (969-1025) e seu irmão Constantino IX (969-1028), que não

---

(12). — Apud DIEHL e MARÇAIS, *Le monde oriental de 395 à 1081*, 484; VOGT, in *C. M. H.*, IV, 90; DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 752.

(13). — PLATONOV, *R. C.*, 511-513.

(14). — *ibidem*, 512; VOGT, in *C. M. H.*, IV, 88.

possuíam forças suficientes, a apelar para o grão-príncipe de Kiev (987). Uma aliança foi concluída, pela qual Vladímiro concordou em enviar 6.000 Varegues em auxílio de Bizâncio, recebendo em troca a mão da princesa Ana, mas com a condição de se tornar cristão. Graças aos guerreiros varegues, a revolta foi reprimida e Bardas Focas foi vencido, morrendo em 989 na batalha de Crisópolis. Quando o imperador Basílio se viu livre do perigo, hesitou em cumprir a promessa de dar sua irmã em casamento a Vladímiro, além de que a princesa parecia não estar muito disposta a sacrificar-se, casando-se com um bárbaro ainda pagão. O príncipe russo, ofendido pela demora, atacou as possessões bizantinas da Criméia, tomando Cherson (989) depois dum longo cerco. Mas enquanto isso se passava, Basílio II, estando novamente em apuros devido a uma revolta na Bulgária, foi obrigado a conquistar as boas graças de Vladímiro, enviando-lhe sua irmã Ana, que recebeu Cherson — já conquistada pelos Varegues — como dote. Vladímiro foi batizado não sabemos bem quando (988 ou 989?) e onde (Cherson?), mas em todo o caso essa cerimônia realizou-se durante o episcopado do patriarca Nicolau Crisoberges (15).

Como vemos, a tradição sustenta que Vladímiro batizou-se espontaneamente, ou pelo menos com plena convicção do ato que praticava. Mas os historiadores bizantinos não ressaltaram muito esse caráter da sua conversão. Na realidade, as convicções do grão-príncipe parecem ter sido ditadas unicamente pelas preocupações de ordem política e econômica. Tanto é isso verdade que Vladímiro, mesmo instado pelos enviados do Papado — que estava muito longe — preferiu escolher o rito grego, dando assim preferência a Bizâncio, devido ao seu mercado consumidor de produtos russos, já que não podia conquistar essa grande cidade. Essa política lhe permitia também aumentar seu prestígio ante os

---

(15). — MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 89-90; PLATONOV, *R. C.*, 502 e 512; IDEM, *H. R.*, 44; LOT, *op. cit.*, II, 17; VASILIEV, *op. cit.*, I, 427-428; BRIAN-CHANINOV, *op. cit.*, 28-29; DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 477; GWATKIN, in *C. M. H.*, I, 20; VOGT, in *C. M. H.*, IV, 89-90; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 209.

olhos dos seus súditos, introduzindo na sua côrte dignitários e missionários bizantinos, que elevaram de muito o seu nível.

\* \* \*

**c) As consequências da introdução do Cristianismo na Rússia.**

Em 989 Vladímiro volta para Kiev acompanhado por Ana e pelos dignitários e eclesiásticos bizantinos que a acompanharam a Cherson. Nas margens do Dnieper êle fez o batismo dos seus doze filhos (?) e de tôda a população da cidade que não era ainda cristã. O neófito fez também flagelar e precipitar no rio os ídolos eslavos e escandinavos que existiam na cidade e, em seu lugar, fez erigir igrejas de acôrdo com os modelos bizantinos. A nova religião propagou-se pacificamente ao longo de tôdas as rotas comerciais frequentadas pelos Varegues, com exceção de Novgorod, onde Vladímiro foi obrigado a empregar a força, o que vem provar mais uma vez que a cristianização da Rússia foi obra do comércio varegue com Bizâncio. Mas, nas regiões longínquas e selvagens, fora dessas rotas comerciais, o paganismo persistiu ainda durante séculos, sem recuar diante da propaganda cristã: como entre os Viatchichi e Krivichi até o início do século XII e em Murom até o século XIII. Em muitas regiões, as antigas crenças não foram esquecidas e se amalgamaram com a nova religião, formando um todo supersticioso e esquisito (16).

Por outro lado, não devemos pensar que a conversão dos Russos foi simples mudança de religião. O Cristianismo, tornando-se religião oficial do Estado e crença predominante, não se manifestava sòmente pela evangelização e pelo culto, mas também por grande número de novas instituições e ordenanças. Bizâncio organizou a Igreja russa e sua hierarquia eclesiástica: o metropolitano russo (17), consagrado pelo patriarca de Cons-

---

(16). — PLATONOV, R. C., 513-514; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 210.

(17). — O primeiro dêles, Harion, rivalizava nos seus sermões com os mais consumados oradores bizantinos (Apud MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 600).

tantinopla, tinha sua residência em Kiev. As outras cidades receberam bispos — inicialmente foram criados cinco episcopados na Rússia e depois mais dez — subordinados ao metropolitano de Kiev. Nesta cidade e, em todas as outras dioceses, foram fundadas igrejas e mosteiros, cujo clero (secular e regular) estava diretamente subordinado a seus bispos e, através destes, ao metropolitano de Kiev. É interessante notar a grande influência bizantina no alto clero russo, pois entre os 23 metropolitanos de Kiev conhecidos — desde a conversão de Vladimiro até a conquista tártara no século XIII — encontramos 17 prelados bizantinos, 3 russos e 3 de origem desconhecida. O metropolitano russo, cousa que revela sua subordinação a Constantinopla, só podia ser julgado por motivo de faltas graves pelo patriarca bizantino e não pelo grão-príncipe de Kiev, o que, sem dúvida, lhe dava grande independência em face do poder principesco (18).

A conversão da Rússia, a organização da sua igreja e do seu clero, tiveram também repercussões na Igreja bizantina, pois devem ter contribuído para o aumento do seu prestígio e da sua área de jurisdição. Esse fato, sem dúvida, estimulou o patriarca a exigir para si maior liberdade em face do Papado (19). Sabemos também que o acôrdo entre as Igrejas de Roma e de Bizâncio, concluído em 898 e renovado em 920, tinha sido em geral observado e se a opinião da grande maioria dos membros das duas comunidades tivesse encontrado meio de exprimir-se, talvez o Cisma do Oriente pudesse ter sido evitado. Mas durante esse longo período, um dos mais sombrios para o poder do Papado, os patriarcas de Constantinopla, cuja influência crescera com os sucessos externos do Império, tinham ficado quasi independentes de Roma. Longe de repudiar a tradição do patriarca

---

(18). — GOETZ, *Staat und Kirche in Altrussland*. Berlim, 1908. p. 80. Apud LOT, *op. cit.*, II, 18; PLATONOV, *R. C.*, 514; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 92.

(19). — BRÉHIER, *L'Église et l'Orient au Moyen-Âge. Les Croisades*, 38-39. Apud BRÉHIER, in *C. M. H.*, IV, 259; vide também BRÉHIER, *Le Schisme Oriental*, 6-7. Apud BRÉHIER, in *C. M. H.*, IV, 261.



Fócio, êles tinham continuado a manifestar sua hostilidade contra o uso do latim. Na aparência a paz prevaleceu, mas na realidade os defensores dos dois rituais eram inimigos secretos, pois outra cousa não podemos deduzir do fato dos missionários gregos, que instruíram e batizaram Vladímiro na fé cristã (**Crônica de Nestor**) (20), chamarem sollicitamente sua atenção para o erro do emprego do latim e, com o fim de explicá-lo, chegaram à perfeição de inventar um verdadeiro romance, cheio de calúnias, tão odiosas quanto grosseiras. Esse estado de cousas perdurou até o rompimento definitivo de Miguel Cerulário (1054). Como vemos, a conversão dos Russos contribuiu, ainda que muito indiretamente, para a separação das duas Igrejas cristãs.

A Bíblia e outros livros canônicos, traduzidos outrora em eslavão por Cirilo e Metódio, foram transcritos no alfabeto cirílico aperfeiçoado (21), tornando-se assim mais acessíveis, por ser o eslavão língua que todos os Eslavos compreendiam. Foram também criadas inúmeras escolas e iniciada a prática de copiar manuscritos raros, formando-se dessa maneira, paulatinamente, uma literatura de base grega, tanto laica como religiosa. Logo após, começaram a surgir anais e crônicas indígenas, como a de Nestor e a de Novgorod.

O metropolita, e o clero em geral, governavam e julgavam os que lhes estavam subordinados, da mesma maneira que os eclesiásticos bizantinos, baseando-se para isso em obras bizantinas, como a tradução do **Nomocanon**, que continha as leis canônicas dos Apóstolos e dos concílios ecumênicos e também as leis civís dos imperadores de Constantinopla (22). Uma outra obra usada, e que teve grande reputação entre os canonistas russos, foi a *Πρόχειρος νόμος* (**lex manualis** ou **Prochiron**), promulgada entre 870 e 879 por Basílio I (867-886) e continuada por seu filho Leão VI-o-Sábio (886-911).

---

(20). — Tradução LÉGER, p. 19. Apud BRÉHIER, in *C. M. H.*, IV, 264.

(21). — GAUDEFROY-DEMOMBYNES, *Le monde byzantin du VIIe au XIe siècle*, 464; DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 80-81; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 94; DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 776.

(22). — PLATONOV, *R. C.*, 515.

Esse manual tão simples consistia em textos que eram aplicados continuamente; éstos estavam baseados nas traduções gregas e nos comentários das obras de Justiniano e formavam a sua primeira parte. Na segunda parte o **Prochiron** reproduzia as cláusulas da **Ecloga** e continha algumas inovações de Basílio (23).

A Igreja russa possuía terras que o clero e os mosteiros administravam à sua vontade, guiando-se pelas leis bizantinas e aplicando aos agricultores que faziam parte dos seus domínios as normas jurídicas de Bizâncio. Nestas condições, a Igreja russa exerceu uma autoridade jurídica considerável. Numa sociedade dividida em famílias, tribus, cidades, distritos, ela formou um grupo à parte, tendo seus súditos, seu direito e sua jurisdição. Essa comunidade eclesiástica englobava não somente o clero regular, os membros do clero secular e suas famílias, como também todo o pessoal das igrejas e das instituições por ela regidas, como hospitais e hospícios com todas as pessoas neles recolhidas (peregrinos, mendigos, inválidos, escravos, libertos por promessas de seus senhores, etc.); ela compreendia também os que tinham se separado de suas comunidades de origem e, em consequência, perdido sua proteção (filhos iletrados de padres, mercadores arruinados, etc.). De acôrdo com as prerrogativas outorgadas por Vladímiro e seus sucessores, a Igreja e toda sua clientela eclesiástica era julgada em assuntos civís e criminaís, não pelo príncipe, mas pelas autoridades religiosas. Por outro lado, todos os atentados à religião e aos costumes, assim como assuntos de família (discórdia entre esposos, conflitos entre pais e filhos, etc.) eram da alçada da Igreja. Como esta se inspirava nos seus julgamentos, mais nas leis de Bizâncio, do que nos usos e costumes locais, podemos fazer idéia de como a Igreja introduziu na Rússia as regras do direito bizantino e de como influiu posteriormente na sua legislação e na sua jurisprudência (24).

Como mostramos, anteriormente à introdução do Cristianismo na Rússia, o grão-príncipe de Kiev sempre

---

(23). — COLLINET, in *C. M. H.*, IV, 712.

(24). — MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 93; MARKOFF, *op. cit.*, 19.

se esforçara para unificar as tribus eslavas e formar um único Estado, como também sempre pretendia estabelecer vantajosas relações comerciais com os países vizinhos e principalmente com Bizâncio, e também, sempre procurara defender a Rússia dos seus inimigos externos. Mas com a nova fé sua posição mudou: o príncipe tornou-se, não mais o servidor do Estado, mas sim seu senhor. A Igreja contribuiu poderosamente para a unificação do território, como também para o desenvolvimento das novas funções do príncipe: administrador e juiz. Com efeito, o clero propagou a idéia do poder divino do príncipe — de acôrdo com o direito bizantino — mas ao mesmo tempo o obrigou a criar e a manter certa ordem social. Essas idéias contribuíram para transformar o embrionário Estado de Kiev em verdadeira monarquia principesca (25).

A arte russa inicialmente foi mera cópia da arte bizantina, mas logo começou a adquirir traços originais, oriundos em grande parte de influências orientais. Assim, a grande igreja de Santa-Sofia de Kiev, bizantina pela sua forma e mosaicos, possuía traços que a ligavam estreitamente às igrejas da Geórgia, principalmente à pequena igreja de Movki (26). Esse intercâmbio de idéias fez nascer pouco a pouco um estilo artístico russo original. E' difícil dizer até onde essa civilização russa medieval — de origem bizantina — se difundiu nesse imenso país, então ainda não unificado, além do que a invasão tártara do século XIII entrou seu desenvolvimento, impregnando-a, porém, profundamente com seus usos e costumes, chegando mesmo a dar-lhe, às vezes, um aspecto inteiramente oriental. Mas, em todo o caso podemos afirmar que, quando os grão-príncipes de Kiev queriam construir qualquer igreja, ou então desejavam adorná-las com mosaicos e obras de arte, era de Bizâncio que faziam vir os arquitetos, os artistas e pintores de ícones de que tinham necessidade. Sabemos, por outro lado, que a primeira igreja que Vladímiro mandou erigir, foi dedicada a São Basílio e edificada numa co-

---

(25). — PLATONOV, *R. C.*, 503; IDEM, *H. R.*, 50; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 92.

(26). — MARKOFF, *op. cit.*, 19; RUNCIMAN, *La civilisation byzantine*, 301.

lina onde antes existira um ídolo de **Perun**. Dessa época, possuímos ainda (?) os alicerces do templo de **Dsiatin-naya** em Kiev, porque muitas das outras igrejas foram destruídas, principalmente pela invasão dos **Tártaros**, como veremos mais adiante (27).

Notamos também uma curiosa influência bizantina na onomástica russa, principalmente na adoção de nomes de santos gregos. Assim, começam aparecer grande número de pessoas com nomes de Alexandre, Sérgio, Nicolau, Miguel, João (Ivan), Jorge (Yuri), Teodoro (Fedor), Pedro (Piotr), Estevão (Stepan), Maria, Marta (Marfa), Sofia, Irene, Natália, Teodora (Fedora), Ágata (Agáfia), Eufêmia (Ifêmia), Xenia, etc. (28).

Concluindo: a nova religião foi responsável na Rússia por imensas mudanças, pois introduziu novos poderes políticos e religiosos, novas leis e tribunais, novos usos e costumes, principalmente na família, suprimindo a poligamia e as tradicionais vinganças pessoais. A Rússia medieval, é pois, na verdade, filha de Bizâncio.

\* \* \*

d) **Yaroslav-o-Sábio (1019-1054)**.

Vladímiro, antes da sua morte, partilhara entre seus filhos os seus domínios, como outrora o havia feito seu pai Sviatoslav. Imediatamente após seu passamento, surgiu entre seus herdeiros uma guerra civil que durou anos. O mais velho, Sviatopolk I (1015-1019), a quem coubera Kiev na partilha, procurou exterminar seus irmãos com o fito de ficar senhor de tôda a herança paterna. Dos seus cinco irmãos, conseguiu matar três. Dois destes, Boris e Gleb, não chegaram a esboçar nenhuma resistência e foram facilmente assassinados (1015). Seu martírio e inocência, entretanto, excitaram a indignação popular contra Sviatopolk. Uma piedosa veneração cercou a memória de suas vítimas,

---

(27). — DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 517-518; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 93.

(28). — LOT, *op. cit.*, II, 18.

chegando a Igreja até a canonizá-los (29). O fratricídio lhe valeu os epítetos de maldito e de Caim. O quarto irmão, Yaroslav, que se encontrava em Kiev, conseguiu escapar à sanha assassina do irmão e mais tarde, com um exército composto de habitantes de Novgorod e de Varegues, marchou contra êle. A-pesar-da ajuda de seu sogro Boleslau I, rei da Polónia, Sviatopolk foi derrotado e aprisionado, perecendo no exílio. Mas Yaroslav tinha ainda um irmão a disputar-lhe a herança: Mstislav, governador da Rússia Tmutarakana — guerreiro que permaneceu famoso na tradição literária e oral devido à sua bravura aventureira. A rivalidade entre êles logo tornou-se aguda e após um apêlo às armas, com vantagens para Mstislav, resolveram dividir entre si o país. Couberam a Yaroslav, Kiev e os territórios a Oeste do Dnieper, e a Mstislav, Tchernigov e os territórios a Leste do mesmo rio. Mas Mstislav logo morreu e, como não possuía herdeiros legítimos, seus domínios reverteram a Yaroslav (1034), que só assim conseguiu restabelecer a unidade do poder na Rússia (30). Kiev tornou-se então, depois de Bizâncio, a mais rica e a mais bela cidade da Cristandade na Europa de Leste, “clarissimum decus Graeciae et aemula sceptri Constantinopolitani, diz dela Adão de Bremen (31).

O govêrno de Yaroslav é a época áurea do Estado de Kiev, sendo êsse o período em que êle teve mais poderio e prosperidade. Contribuiu para isso também a longa e pacífica administração de Yaroslav. Nesse tempo, o domínio russo estendeu-se e solidificou-se ao longe de tôdas as suas fronteiras, especialmente na direção da Livônia, Lituânia e Polónia. No Sul, as condições também eram excepcionalmente favoráveis: os Petchenegues tinham partido para o Oeste — ouve-se falar dêles pela última vez no Dnieper em 1034 — e foram substituídos

- 
- (29). — Sabemos mesmo que são êles os primeiros santos russos, pois Vladimiro parece ter sido canonizado somente no século XIII (Apud MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 600).
- (30). — MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 94; PLATONOV, *R. C.*, 526-527; MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 600.
- (31). — Apud MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 600.

pelos Torkis (uma outra horda turca), muito menos perigosos, que perturbaram muito pouco as fronteiras (32).

As grandes riquezas dêsse grão-príncipe — oriundas principalmente do tráfego comercial com Bizâncio — permitiram-lhe empreender vastas e soberbas construções. Foi assim que surgiram em Kiev a notável igreja de Santa-Sofia — uma das mais belas e ricas edificações da sua época, que estava ainda de pé e perfeitamente conservada antes da atual guerra teuto-russa — e muitos outros edifícios (templos e mosteiros como o de Pechersk, etc.) em que a pedra substituiu a madeira, material até então usado em abundância nas construções civis e religiosas. No seu governo também foi iniciada em Novgorod a construção duma igreja que recebeu igualmente o nome de Santa-Sofia. Para essas construções, Yaroslav fez vir de Bizâncio arquitetos, pintores de afrescos e materiais, sem se atemorizar com as despesas (33).

Temos um interessante depoimento sôbre o aspecto de Kiev durante o governo de Yaroslav: é o do cronista alemão Thietmar de Merseburgo (34), que visitando Kiev (*Kitava civitas*) em 1018, relata que essa grande cidade, capital do Estado de Kiev (*istius regni caput*), possuía mais de 400 (*sic*) igrejas, 8 mercados e era povoada por gente oriunda de tôdas as partes do mundo, principalmente Escandinavos, a quem chama de *Dani*. Apesar-dêsse depoimento ser muito curioso, achamos que o número de igrejas citado é talvez exagerado. Também é digno de nota o número de Escandinavos encontrados por Thietmar em Kiev, que é mais uma prova da influência exercida pelos Varegues nos primórdios do Estado russo. O próprio Yaroslav era filho duma escandinava, Rogned (*Rognheidhr*), e esposou a princesa Ingigerd, filha de Olavo Skoetkonung (*rei no berço*) (965-1022), rei da Suécia. Mas também é verdade, por outro lado, que pouco a pouco os elementos escandinavos fo-

---

(32). — MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 600.

(33). — PLATONOV, *R. C.*, 528; MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 600.

(34). — Edição KURZE, p. 258. Apud LOT, *op. cit.*, II, 19; PIRENNE, *Histoire de l'Europe*, 151.

ram se mesclando com os Eslavos Orientais e deixaram de ser os dirigentes do Estado de Kiev, perdendo sua influência em benefício do clero, sendo mesmo Yaroslav o último grão-príncipe de Kiev que manteve contacto direto com o Norte da Escandinávia (35).

Temos uma curiosa prova de como Kiev se transformara no centro intermediário do comércio para o Ocidente, nas uniões matrimoniais dos seus príncipes com as dinastias da Europa Ocidental. O próprio Yaroslav casou-se com uma princesa sueca, como já dissemos; dos seus filhos, dois se consorciaram com princesas germânicas; o terceiro, Isiaslav, com Guita, filha de Haroldo I da Inglaterra (o pé de lebre); e o quarto, Ysevold, desposou uma parenta do imperador de Bizâncio, Constantino X Monômaco (1042-1056); suas três filhas casaram-se com os reis de França, da Noruega [Haroldo III Hardrade (o Severo)] e da Hungria [André I (1046-1061)]. De fato, o rei Henrique I (1031-1060) de França, casou-se com Ana, filha de Yaroslav, e desse casamento nasceu Felipe I, o primeiro rei francês que não teve nome germânico (36). Ferdinand Lot (37) afirma que sua mãe talvez lhe tenha dado êsse nome em honra do apóstolo Felipe, ou talvez ainda, devido à glória do pai de Alexandre Magno. Até essa época, as reminiscências da História Antiga eram pouco usuais em França, sendo a rainha Ana, sem dúvida, quem trouxe êsse hábito para a côrte, que até então se preocupara exclusivamente com as passagens da Bíblia. E' interessante notar também que a diferença de credo não impediu o casamento dum rei de França, católico, com uma princesa do rito greco-ortodoxo. Talvez êle tenha sido realizado porque o rompimento definitivo (1054) do patriarca de Constantinopla, Miguel Cerulário, foi posteroir ao enlace de Ana da Rússia. E' possível também que as contínuas quere-las entre o patriarca e o Papado não impressionassem muito os príncipes e o povo, pois quasi sempre elas ficavam restritas ao campo doutrinário. Além disso, o divórcio religioso entre a Rússia e o Ocidente só se operou

---

(35). — LOT, *op. cit.*, II, 19; CALMETTE, *Le monde féodal*, 30; MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 600.

(36). — LOT, *op. cit.*, II, 20; MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 600; ECK, *Le Moyen Âge russe*, 19-20.

(37). — LOT, *op. cit.*, II, 20.

lentamente, pois, durante muito tempo se pensou na possibilidade duma reconciliação entre as Igrejas de Roma e Bizâncio (38).

A maneira pela qual Yaroslav administrava seu povo lhe grangeou o justo cognome de sábio. Esse epíteto também lhe deve ser aplicado porque êle gostava imensamente de livros e tinha o hábito de colecioná-los. Fez traduzir vários livros gregos para o eslavão, constituindo assim uma biblioteca, que reuniu na igreja de Santa Sofia de Kiev, onde todos podiam consultá-la. Mas onde seu culto espírito está melhor representado é no famoso código **Pravda Russkaja** que fez elaborar, e onde se notam ainda sinais bem visíveis da influência escandinava. Esse código foi mais tarde completado por juristas, que nele introduziram leis e regulamentos dos seus descendentes. Ele servia de livro de consulta e referência para os juizes laicos e eclesiásticos, e uma das suas mais importantes finalidades era a extirpação do costume até então vigente da *vendetta*, substituindo-o pelo pagamento duma multa. Essa obra jurídica revela nitidamente que os costumes pagãos tinham sido modificados, em muitos pontos, por influência do Cristianismo e da cultura bizantina que acompanhou a nova fé (39).

Yaroslav não foi somente o grande civilizador da Rússia, mas, também, um príncipe piedoso e hábil, que protegeu as fronteiras do seu Estado contra os inimigos externos, conseguindo mesmo infligir esmagadora derrota aos Petchenegues (vide página 119), expulsando-os para longe de Kiev (1034). A importância dessa vitória não foi diminuída pelo insucesso da incursão que os Varegues fizeram em 1043 contra Bizâncio. Segundo uma crônica bizantina (40) a luta teve origem numa

---

(38). — LEIB, *Rome, Kiev et Byzance à la fin du XIe siècle*, 1924, p. 150. Apud LOT, *op. cit.*, II, 20-21; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 94-95; PLATONOV, *R. C.*, 528; MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 606-607.

(39). — PLATONOV, *R. C.*, 527 e 547-549; LOT, *op. cit.*, II, 19-20.

(40). — CEDRENO, *Hist.*, t. II, p. 551. Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 428.



querela entre “mercadores cítas” (russos) de Constantinopla e Bizantinos, na qual um nobre varegue teria sido assassinado. Parece que êsse incidente foi o invocado como pretêsto para mais uma expedição de saque contra Bizâncio. Yaroslav enviou seu filho Vladímiro, com um grande exército embarcado em numerosos barcos. Mas a frota russa foi quasi totalmente destruída pela marinha bizantina, graças ao famoso “fogo grego”, e o que restou do exército de Vladímiro se apressou a voltar para Kiev (41). Em consequência dessa campanha e para selar a paz que se seguiu, é que uma princesa bizantina desposou Ysevold, filho de Yaroslav, como já dissemos. Essa expedição foi a última que os Varegues empreenderam contra Bizâncio, não porque tivessem resolvido abandoná-las ou houvessem a isso se comprometido por intermédio de tratados, mas porque uma tribu turca (os Polovtzes) suprimiu tôdas as possibilidades de relações diretas entre Kiev e Constantinopla, ocupando as estepes da Criméa, como veremos mais adiante (vide páginas 121-128) (42).

\* \* \*

#### e) A sucessão de Yaroslav-o-Sábio.

A unidade do poder principesco, realizada por Yaroslav, ficou completamente comprometida depois da sua morte, em 1054. Durante a vida de seus filhos e netos, o Estado de Kiev foi perdendo gradualmente sua unidade e se esfacelando em principados independentes: com a impossibilidade de comerciar com Bizâncio, as outras províncias perderam todo o interêsse que tinham em Kiev. Depois disso, a Igreja e a dinastia de Rurik foram os únicos laços que ainda prendiam os princi-

(41). — PSELO, *Cronografia*, ed. Sathas, *Bib. gr. Med. Aevi.*, t. IV. Paris. 1874, pp. 143-147; ed. E. Renauld, t. II. Paris. 1928, pp. 8-13; CEDRENO, t. II, pp. 551-555. Vide também G. SCHLUMBERGER, *Epopée byzantine*, t. III. Paris. 1905, pp. 462-472; VASSILIEVSKY, *Obras* t. I, pp. 303-308 (em russo). Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 428; DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 547-548; PLATONOV, *R. C.*, 527-528; ECK, *op. cit.*, 8.

(42). — VOGT, in *C. M. H.*, IV, 111; MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 600.

pados entre si. Por outro lado, as disputas entre os príncipes acarretaram lutas entre os próprios principados, e essas dissensões tiveram como consequência o aceleração da decadência política e econômica de Kiev. Os Russos, vencedores dos Petchenegues, não puderam dominar as novas tribus turcas invasoras, os Polovtzes (vide páginas 121-128), que souberam aproveitar-se da discórdia reinante entre êles, para devastar os territórios meridionais situados nas proximidades das estepes e para entrar também todo o comércio de Kiev com o Mar Negro, Cáspio e Danúbio, ocasionando-lhe um empobrecimento geral e, posteriormente, a sua ruína. Tanto isso é verdade, que no século XIII, apenas 150 anos depois da morte de Yaroslav, o Grão-Principado de Kiev estava completamente desmembrado e a cidade semi-arruinada (43).

Uma outra causa dessa decadência foi a ordem de sucessão do trono de Kiev (aplicada anteriormente pelos Vândalos na África e talvez costume germânico) que, após a morte de Yaroslav, se tornou regra geral. Segundo a tradição — que nos parece inverossímil, pois o próprio Yaroslav precisou lutar muito para se tornar o senhor único em Kiev — foi êle quem distribuiu as terras do Grão-Principado entre os seus cinco filhos, ficando o primogênito com o maior quinhão. Assim, legou ao filho mais velho, Isiaslav I (1054-1078), as províncias de Kiev e Novgorod, com as duas maiores e mais ricas cidades da Rússia, situadas nas duas extremidades da velha rota do Báltico ao Mar Negro; ao segundo dos seus filhos, deixou Tchernigov e as regiões de Murom e de Riazan; ao terceiro a cidade de Pereiaslav e a longínqua província de Suzdal com a cidade de Bielo-Ozero; ao quarto, Smolensk; e finalmente ao último dêles a Volínia. Essa partilha não implicava ainda na destruição completa da organização política do Estado de Kiev, nem na transformação das províncias em feudos hereditários — cousa que aconteceu mais tarde; pelo contrário, o primogênito permanecia como grão-príncipe, devendo ser considerado como o chefe da família e distribuidor das províncias, vagas pela morte do seu titular, entre seus membros. Como vemos, o Grão-

---

(43). — PLATONOV, R. C., 529.

Principado era considerado como o patrimônio dos descendentes de Rurik e reconhecia-se a todos os príncipes, “netos dum mesmo avô”, tanto o direito de percepção das rendas das terras que lhes eram atribuídas, como o exercício do poder nas mesmas. Mas elas não lhes pertenciam para sempre, pois eram distribuídas de acôrdo com o lugar que êsses príncipes ocupavam na árvore genealógica da família. Assim, não era o filho quem sucedia ao pai, mas sim o mais velho dos tios paternos; e, quem sucedia ao último dos tios, era o mais idoso dos sobrinhos, ou seu filho, se êste fôsse o mais velho dos sobrinhos-netos, etc. Ao mais moço cabia o peor quinhão, mas com a morte dos seus irmãos mais velhos êle ia recebendo cada vez uma outra província melhor. Nestas condições, todos os príncipes tinham a esperança de governar um dia em Kiev. Quando o grão-príncipe morria, era substituído pelo príncipe de Tchernigov e, êste, pelo de Pereiaslav, etc. Todos podiam, pois, “subir na escala”, mas, se um dêles falecia sem atingir o posto máximo, seus descendentes perdiam o direito de sucessão na família, não podendo mais herdar parte alguma das terras do Grão-Principado, e por isso êles eram chamados *izgoi* (ou *izgoj*: desclassificados) pelos outros. Quanto aos filhos do grão-príncipe defunto, êles recebiam das mãos do sucessor do seu pai outras terras e aguardavam sua vez para remontar na escala de sucessão (44).

Êsse era o princípio pelo qual devia ser regulada a sucessão no Grão-Principado de Kiev, mas a prática foi muito diferente do que havia sido imaginado pelo seu autor. O desentendimento começou quando Vseslav, príncipe de Polotsk — que tinha permanecido quieto durante a vida do seu sábio tio — e o neto de Yaroslav, Rostislav — filho de Vladímiro Yaroslavich, que tinha morrido antes do seu pai — pegaram em armas para mudar a partilha que não os havia satisfeito. Mas os dois rebeldes foram vencidos fãcilmente e Vseslav foi levado a Kiev como prisioneiro de guerra. As condições da época de Yaroslav poderiam talvez ter continuado,

---

(44). — *ibidem*, 529-531; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 95-96; LOT, *op. cit.*, II, 21-22; MRSKY, in *C. M. H.*, VII, 600.

se não fôsse a aparição nas estepes meridionais da Rússia dos Polovtzes, que dominaram os Torkis e em 1068 infligiram uma esmagadora derrota, perto de Pereiaslav, aos exércitos unidos de Isiaslav, Sviatoslav e Vsevolod, filhos de Yaroslav-o-Sábio. Essa vitória teve consequências duradouras, como veremos mais adiante, pois assegurou a essa hôrda turca o domínio das estepes e pôs fim à ligação comercial de Kiev com Bizâncio, fechando a rota do Dnieper. Ela teve um efeito ainda mais imediato: a milícia de Kiev derrotada, regressando no encaço de Isiaslav, que fugira desabaladamente do campo da luta, o depôs e proclamou em seu lugar o prisioneiro Vseslav de Polotsk, como grão-príncipe de Kiev. Isiaslav fugiu para o estrangeiro, mas voltando no ano seguinte com um exército polaco, instituiu um regime de terror contra aqueles de quem suspeitava terem favorecido Vseslav. Sviatoslav e Vsevolod ficaram alarmados com o sucesso do seu irmão mais velho que, além do mais, introduzira soldados estrangeiros na Rússia sem consultá-los. Os cidadãos de Kiev, indignados com os métodos de Isiaslav, abriram as portas da cidade a seus irmãos e proclamaram Sviatoslav grão-príncipe (1073-1076). Isiaslav fugiu novamente para o estrangeiro e durante vários anos errou pela Europa Ocidental, procurando interessar em vão pela sua causa o imperador Henrique IV (1056-1106) e o papa Gregório VII (1073-1085), prometendo ao primeiro a submissão da Rússia ao Santo-Império e ao segundo a adesão da mesma ao rito latino. Posteriormente, êle conseguiu mais uma vez o auxílio dum exército polaco com o qual marchou sobre sua capital para reconquistar seu trono. Nesse interim, Sviatoslav tinha morrido e Vsevolod permitiu a seu irmão entrar em Kiev sem resistência (1076). Assim, os primeiros filhos de Yaroslav reinaram em Kiev, mas se Sviatoslav não tivesse tomado o poder à força, êle não teria sido grão-príncipe, porque morreu antes do seu irmão mais velho. Por isso, Isiaslav e Vsevolod, após a sua morte, consideraram seus filhos como *izgoi*. A consequência desse gesto foi uma desastrosa guerra civil que durou muito tempo, desde o govêrno de Isiaslav até o de Sviatopolk II — que sendo o mais velho dos sobrinhos, sucedeu ao mais jovem dos tios vivos: Vsevolod, como veremos mais adiante. Nessa guerra tomaram

parte não sòmente os filhos dos grão-príncipes — Sviatopolk, filho de Isiaslav; Oleg e Yaroslav, filhos de Sviatoslav; Vladímiro Monômaco, filho de Vsevolod — mas também outros príncipes *izgoi*, netos e bisnetos de Yaroslav-o-Sábio, cujos pais tinham morrido antes de ter conseguido chegar ao trono de Kiev. Os *izgoi* eram muito numerosos, porque os grão-príncipes os haviam desherdado, ou então, porque êles os tinham afastado para as províncias mais pobres, situadas nas fronteiras. Querendo uma melhoria na sua sorte, êsses príncipes procuraram fazer justiça pelas próprias mãos e recuperar assim, parte das terras a que se julgavam com direito (45).

Um dos filhos de Sviatoslav, Romano, era príncipe da Rússia Tmutarakana e nessa distante região, fora do alcance dos seus tios, sentiu-se com bastante coragem para oferecer hospitalidade ao seu irmão mais velho Oleg, que andava foragido. Êste, em 1078, partiu para o Norte para defender seus direitos em Tchernigov, levando consigo um exército de Polovtzes, estabelecendo assim funesto precedente, que foi seguido posteriormente por inúmeros príncipes russos. Na batalha que se seguiu, Oleg foi derrotado, porém, Isiaslav foi morto e Vsevolod tornou-se o grão-príncipe de Kiev. O govêrno de Vsevolod I (1078-1093) foi relativamente calmo, embora Oleg e seus irmãos, estabelecidos na Rússia Tmutarakana, molestassem incessantemente o grão-príncipe com o auxílio dos Polovtzes. Mas êstes foram rudemente castigados pelo filho de Vsevolod, Vladímiro Monômaco, neto pelo lado materno do imperador bizantino Constantino Monômaco (1042-1056), que assim adquiriu popularidade universal. Vsevolod, bom cristão e senhor generoso para seus companheiros e cidadãos, era muito estimado pelo povo de Kiev e tinha a aprovação do clero, que mantinha influência predominante sòbre a opinião pública. Assim, êle exerceu um govêrno que a todos agradou (46).

---

(45). — PLATONOV, *R. C.*, 531-532; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 96-97; MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 601.

(46). — MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 601.

Além desses fatores de desequilíbrio do sistema político ideado por Yaroslav, havia outros não menos graves. Em primeiro lugar, o crescimento da família principesca embaralhou a ordem genealógica de tal maneira, que a própria noção de primogenitura perdeu toda a clareza e precisão. Por outro lado, as condições econômicas das províncias variaram muito: enquanto algumas perderam a sua importância primitiva, outras, pelo contrário, adquiriram grande relêvo devido ao estabelecimento de relações comerciais com novos mercados consumidores. Por isso, após longos anos de lutas, os príncipes concordaram, devido à sugestão de Vladímir Monômaco, em reunir-se em Lubetch (1097), no Dnieper, ao Norte de Kiev, para resolverem definitivamente o conflito entre eles. A conferência resolveu que cada príncipe conservasse o seu patrimônio (*otchina*), isto é, a cidade e o território que tinham pertencido ao seu pai, e com essa resolução ficou estabelecido o princípio da hereditariedade. Portanto, Sviatopolk II (1093-1113), ficou com Kiev, que pertencera a seu pai, Isiaslav; os filhos de Sviatoslav receberam Tchernigov, que lhe coubera outrora na partilha de Yaroslav; e Vladímir Monômaco teve por apanágio Pereiaslav, que tinha sido governada por seu progenitor, Vsevolod. Nestas condições, os filhos de Sviatoslav foram reintegrados nos domínios que tinham pertencido a seu pai, e os outros príncipes *izgoi* receberam novas terras na fronteira Sudoeste. Esse acôrdo de Lubetch teve efeito duradouro sobre a constituição territorial da Rússia porque, identificando os diversos ramos da dinastia de Rurik com determinados principados, êle consagrou oficialmente a crescente independência destes. Êle é, pois, um marco importante na transformação da Rússia de Vladímir e de Yaroslav, centralizada em torno de Kiev, na Rússia do século XII, dividida em numerosos centros de importância política e econômica mais ou menos igual (47).

Embora seus efeitos fôssem duradouros no que concerne à constituição territorial russa, o acôrdo de Lubetch não acabou com as lutas entre os príncipes. Imediatamente depois da conferência, Daví da Volínia, suspeitando do seu vizinho Vasilko da Galícia, prendeu-o

---

(47). — *ibidem*.

traíçoeiramente, com a conivência de Sviatopolk, e ce-  
gou-o. Vladímiro Monômaco tentou organizar uma  
guerra punitiva contra Daví, mas êste, aproveitando-se  
do auxilio dos Polovtzes, defendeu-se durante quatro  
anos contra os vingadores de sua vítima. Entretanto,  
novamente por iniciativa de Vladímiro Monômaco, uma  
segunda conferência foi convocada em Vititchev (1100)  
e nela Daví foi obrigado a renunciar à cidade de Vladi-  
mir, na Volínia, e contentar-se com outras de menor ta-  
manho (48). Por outro lado, se muitos príncipes se  
enraizaram em certas regiões, outros continuaram a in-  
vocar o princípio de sucessão estabelecido por Yaroslav,  
mormente quando se tratava do trono de Kiev. Acon-  
teceu também, mais duma vez, que um príncipe, guiado  
apenas pelo seu interêsse pessoal, pretendesse a posse de  
determinadas regiões, sem mesmo invocar outro direito  
que o da força; ou então, que o povo interviesse nas dis-  
putas principescas e escolhesse um príncipe que lhe  
fôsse mais simpático. Assim, quando morreu, sem des-  
cendentes, o grão-príncipe Sviatopolk II (em 1113), os  
habitantes de Kiev recusaram aceitar como soberanos  
os filhos de Sviatoslav, herdeiros legítimos do cargo, por  
considerá-los como os causadores da guerra civil ante-  
rior; e convidaram para governá-los o filho de Vsevolod  
I, Vladímiro Monômaco, príncipe de Pereiaslav, Smo-  
lensk e Rostov, cuja influência, devido aos acórdos de  
Lubetch e de Vititchev e aos sucessos de suas campa-  
nhas contra os Polovtzes, era enorme. Além disso, era  
êle considerado como o defensor da ordem e amante da  
justiça, correspondendo exatamente ao ideal dum prin-  
cipe, como então se concebia em Kiev, dominada pela  
pacífica classe dos mercadores, como podemos ver pelos  
analistas contemporâneos. Guerreiro valente e capaz,  
Vladímiro Monômaco applicava suas virtudes militares,  
não em benefício dos seus próprios interêsses, mas na  
defesa da fronteira russa contra os Polovtzes. Bravo  
mas não ambicioso, másculo e piedoso, bom cristão e  
senhor generoso para com seus companheiros, homem  
prático em conciliar, tanto os príncipes como em alar-  
gar as fronteiras do seu Estado ao Norte, Vladímiro se  
destaca como a figura mais atraente de todo o período

---

(48). — *ibidem*, 607.

de domínio de Kiev na História Russa. Em sua honra, podemos dizer ainda, que recusou inicialmente tomar posse do cargo, alegando os direitos dos filhos de Sviatoslav, mas como os habitantes de Kiev insistissem, acabou aceitando o trono. A vontade popular substituiu definitivamente o direito de sucessão familiar, imaginado por Yaroslav (49).

A eleição de Vladímiro Monômaco (1113-1125) foi muito bem aceita pelos habitantes das outras províncias, que o amavam, e pelos príncipes, que o temiam e respeitavam ao mesmo tempo. Seus filhos conservaram o amor do povo de Kiev e, um após outro, ocuparam o trono principesco. Por outro lado, os descendentes de Sviatoslav viram seus direitos preteridos, mas como não possuissem forças para lutar com sucesso contra os filhos de Vladímiro — enquanto estes permaneceram unidos — suportaram a espoliação à espera de melhores dias. Quando Vladímiro tornou-se grão-príncipe, já não era mais moço, pois contava 60 anos de idade; mas, por ser homem de vontade, muito rico e poderoso, soube ser respeitado. Governou com mão forte e todos os príncipes que ousaram desobedecer-lhe, foram duramente castigados. Assim, pôde êle manter a ordem num país que dela tinha muita necessidade. Tudo isso explica os sentimentos de afeição e devotamento que os Russos lhe demonstraram. Foi êle o príncipe russo mais estimado enquanto viveu, e essa estima perdurou mesmo após sua morte. Os cronistas o chamam de “príncipe maravilhoso”, “clemente acima de toda a medida” e “cheio de misericórdia”. Essas crônicas contêm ainda duas mensagens de sua autoria: a *Instrução*, redigida para uso de seus filhos, é um dos mais notáveis documentos literários russos antigos, um auto-retrato esboçado com nobre dignidade e humildade cristã; e a *Epístola* dirigida ao príncipe Oleg Sviatoslavich, isto é, filho de Sviatoslav. Vladímiro exorta seus filhos a não se entregarem à preguiça, a trabalharem pessoalmente sem contar com os servidores, a serem hospitaleiros, a não serem mesquinhos, a crerem em Deus e a provarem sua fé por intermédio de boas ações, a serem fiéis aos jura-

---

(49). — *ibidem*; PLATONOV, R. C., 532-533; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 97.



mentos prestados, a amarem a paz, a não se orgulharem da sua posição social e a protegerem os fracos. Na sua mensagem ao príncipe Oleg Sviatoslavich, Vladímiro Monômaco lhe censura ter declarado guerra sem prévia tentativa de acôrdo. Durante as hostilidades, êle perdeu um dos seus filhos (Isiaslav), cuja viuva êle pede a Oleg que liberte, por ser esta completamente estranha à luta (50).

A instalação de Vladímiro Monômaco em Kiev, antes dos filhos de Sviatoslav, provocou, como era natural, discórdia nos diversos ramos da dinastia de Rurik. Após sua morte, o trono de Kiev não coube aos descendentes dos grão-príncipes anteriores, mas sim a seus filhos, tornando-se êsse cargo hereditário na família dos Monomacovich (descendentes de Monômaco). A **pax monomachica** continuou sob o govêrno de seu filho primogênito, Mstislav I-o-Grande (1125-1132), que foi o último soberano de Kiev a exercer autoridade moral efetiva sôbre os outros príncipes. Com seu irmão mais jovem, Yaropolk II (1132-1139) começa um novo período de lutas. Enquanto os Monomacovich permaneceram unidos, a família continuou fortemente estabelecida em Kiev; mas, quando os dissentimentos começaram, os filhos e netos de Oleg Sviatoslavich, residentes em Tchernigov, se rebelaram contra êles e se apoderaram de Kiev por diversas vêzes. A família dos Monomacovich estava dividida em duas facções. Os filhos de Mstislav, Isiaslav e Rostislav, ambicionando o trono de Kiev, iniciaram uma luta sem fim contra seus tios, os irmãos mais jovens de Mstislav, dos quais o mais poderoso era Yuri Dolgoruki (Jorge Braço-Comprido), príncipe de Suzdal. Os Olgovich (descendentes de Oleg Sviatoslavich) não perderam tempo em se aproveitar da nova situação: com a morte de Yaropolk II, Vsevolod II (Olgovich) (1139-1146) ocupou Kiev e foi reconhecido pelos seus habitantes como grão-príncipe enquanto viveu, a-pesar-da tradicional devoção dêstes aos Monomacovich. Vsevolod foi um príncipe capaz; mas, com sua morte, seu irmão mais jovem, Igor, sucedeu-lhe no trono. Êste não satisfez aos habitantes de Kiev, que se revoltaram e saquearam

---

(50). — PLATONOV, *R. C.*, 533-534; MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 607.

seu palácio. Êle foi deposto e preso, e o povo abriu as portas da cidade a Isiaslav Mstislavich (Monomacovich). Isiaslav II (1146-1154) era um príncipe guerreiro com grande senso de honra e um culto à palavra dada assaz notável, mas possuía grave defeito: uma grande ambição. Por isso, seu govêrno foi uma guerra incessante contra seus tios Viatcheslav e Yuri Dolgoruki, que tinham ficado muito desgostosos com o advento do sobrinho, pois julgavam-se prejudicados na sucessão do trono de Kiev. O povo dessa cidade combateu firmemente ao seu lado. Em 1147, quando êle estava lutando alhures, vieram notícias de que alguns príncipes mais jovens dos Olgovich, que até então estavam combatendo do lado de Isiaslav, tinham se passado para o inimigo. Furiosos, os habitantes de Kiev arrancaram do convento o infeliz Igor, que desde a sua deposição tinha sido tonsurado à fôrça, e o despedaçaram, a-pesar-dos protestos sinceros, mas ineficazes, de Vladímiro Mstislavich, irmão de Isiaslav. A narrativa dêsse acontecimento pelas crônicas russas é muito interessante, porque revela o sentimento das turbas em torno das famílias principescas locais, o que vem explicar a maior descentralização subsequente do Estado de Kiev. Igor, logo após seu assassinio, foi venerado como santo em Tchernigov (51).

Yuri Dolgoruki chegou a vencer seu sobrinho Isiaslav e tornar-se grão-príncipe de Kiev, mas não conseguiu manter-se muito tempo no poder, porque Isiaslav recuperou seu trono. Para evitar que êle inventasse um novo pretêsto para atacá-lo, Isiaslav convidou seu tio Viatcheslav para grão-príncipe, mas quem de fato governou foi êle mesmo. Com a morte de Isiaslav e do velho Viatcheslav, os habitantes de Kiev convidam para grão-príncipe Isiaslav Davidovich (Olgovich). Entretanto, Yuri Dolgoruki conseguiu novamente apossar-se de Kiev e aí se manteve até sua morte (1154-1157). O povo de Kiev apelou então novamente para Isiaslav Davidovich, mas um dos Monomacovich, o jovem Mstislav Isiaslovich (filho de Isiaslav II), príncipe de Vladimir Volynski, temendo que o trono de Kiev caísse nas mãos dos Olgovich, expulsou Isiaslav Davidovich e instalou em seu lugar o seu tio Rostislav Mstislavich, que

---

(51). — MIRSKY, in *C. M. H.*, VII, 608.

sendo príncipe de Smolensk e de Novgorod, pôde reunir mais uma vez, num único govêrno, tôda a extensão da rota fluvial entre Kiev e Novgorod. Rostislav governou Kiev de 1159 a 1168, e êsse período foi um dos mais pacíficos dessa época atribulada da História Russa. Com a sua morte, o jovem Mstislav tomou seu lugar. Êste príncipe foi um dos mais populares da Rússia Meridional pela sua coragem, que é descrita com entusiasmo pelos cronistas contemporâneos. Mas, infelizmente, êle não permaneceu muito tempo em Kiev, porque um novo pretendente se apresentou e conseguiu expulsá-lo: Andrey Bogolyubski, filho de Yuri Dolgoruki, que tinha organizado um forte Estado na província de Suzdal. Os cidadãos de Kiev, que desde o curto govêrno de Yuri tinham aprendido a não gostar dos príncipes de Suzdal, fecharam as portas da cidade e ofereceram séria resistência. Mas, a-pesar-disso, ela foi tomada de assalto e saqueada sem dó, suas igrejas foram queimadas e roubadas, sua população masculina trucidada e as mulheres e crianças levadas em cativeiro. Para aumentar a humilhação da gloriosa cidade, Andrey não transferiu sua residência para Kiev, mas assumindo o título de grão-príncipe, delegou poderes a seu filho para governá-la como seu preposto. Começava a lenta agonia de Kiev, que terminou sòmente com o seu esmagamento pelos Tártaros em 1240, como veremos mais adiante (52).

Infelizmente, as disputas não terminaram. Os príncipes russos jamais conseguiram estabelecer uma ordem de sucessão fixa, e, conseqüentemente, todos êles aspiravam tornar-se um dia senhores do trono de Kiev. Porém, como nem sempre êles podiam harmonizar suas ambições com seus direitos, costumavam apelar continuamente para a fôrça, em busca da satisfação de seus apetites. Quem sofria com essa situação eram os habitantes da Rússia, que tinham suas terras taladas pela guerra. O grão-príncipe de Kiev perdeu durante essas lutas sua prioridade sôbre os demais principados, sendo apenas obedecido por algumas cidades e províncias; e, isso mesmo, só no início do período de decadência de Kiev, porque depois elas acharam muito mais interes-

---

(52). — *ibidem*, VII, 608-609; PLATONOV, R. C., 534-535; IDEM, H. R., 72-73.

sante fazer um acôrdo com seus próprios príncipes — que por sua vez se proclamaram grão-príncipes, como Andrey Bogolyubski — do que continuar a respeitar e acatar as ordens da sua longínqua capital. Em lugar duma Rússia concentrada em torno de Kiev, vemos aparecer então grande número de principados e províncias isoladas (*volost* ou *volostl*), independentes e hostís entre si (53).

Assim, tendo examinado a evolução da civilização e a História política de Kiev, vejamos agora suas relações com os habitantes nômades da estepe, antes de mostrarmos como êstes conseguiram destruir a rota, tão dificilmente estabelecida pelos Varegues, entre o Báltico e o Mar Negro, isolando completamente Kiev de Bizâncio — fato que repercutiu imensamente na evolução da cultura e civilização russa.

---

(53). — MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 100-101; PLATONOV, *R. C.*, 536-537 e 541-542.

## CAPÍTULO VI

### KIEV E OS NÔMADES DAS ESTEPES.

Como já mostramos, durante milênios as planícies do Meridiano Russo, a Ucrânia dos nossos dias, sempre foram disputadas por povos nômades, na sua maioria oriundos das vastas estepes asiáticas. Essas planícies foram ocupadas, sucessivamente, por povos pré-históricos em marcha para o Oeste, pelos Cimérios, Cítas, Sármatas, Godos, Hunos, Avaros, Khazares, Búlgaros, Petchenegues, Torkis, Polovtzes, Tártaros, Turcos Otomanos, e, finalmente, nos tempos modernos, pelos Eslavos, que de há muito aí se tinham infiltrado, mas que somente em nossos dias alcançaram a preponderância. Como vemos, muitos desses povos são provenientes da Ásia, que continuamente lançava sobre a Europa hordas de nômades, umas após outras, através da depressão situada entre os Montes Urais e o Cáucaso. Essas hordas sempre se localizaram nas regiões litorâneas, compostas de estepes favoráveis ao seu gênero de vida, e jamais procuraram entrar nas regiões florestais da Rússia Central e Setentrional, onde habitavam os Eslavos e os Tchudes.

O clima e o relêvo são os responsáveis pela formação dessas vastas planícies, onde, à medida que se avança para o Sul, as árvores vão se tornando cada vez mais raras, acabando por desaparecer completamente. Mas, o solo aí é muito fértil. Atualmente a agricultura conseguiu expulsar a flora arbustiva da região, substituindo-a por grandes campos de cereais.

Examinemos agora, pois, as relações desses nômades com os grão-príncipes varegues de Kiev, que procuravam estabelecer uma rota comercial permanente com Bizâncio, alvo de todos os povos bárbaros da Alta Idade-Média. Começaremos, entretanto, pelos Khazares, porque as hordas anteriores não apresentam interesse para o tema que nos propusemos tratar.

a) Os Khazares.

Durante o período em que floresceu o domínio dos Avaros (do meado do VI ao meado do século VII), desde a região do Médio-Danúbio até quasi às margens do Dnieper, desenvolveu-se entre o Mar de Azov e o Cáspio um Estado turco muito interessante, que durou vários séculos e cuja origem nos é quasi completamente desconhecida: o Império dos Khazares. A História desses nômades torna-se, entretanto, mais conhecida a partir do início do século VI, quando, tendo atingido a Armênia, atravessaram o Cáucaso e chegaram até ao rio Araxes. Sabemos que êles aí entraram em luta com o rei persa Kawad (ou Kobad) (488-531), que fortificou suas fronteiras com um verdadeiro muro, para ver se conseguia repeli-los. Cosroes I Nushirwan (cuja alma é imortal (531-578), seu filho e sucessor, continuou essa obra de fortificação que, entretanto, de pouco serviu, porque os Khazares conseguiram invadir e devastar a Pérsia (1).

No fim do século VI, os Khazares faziam parte do grande império dos Turcos Ocidentais de Tu-mên. O filho dêste monarca, conhecido pelos autores chineses sob o nome de Sse-kin, e pelos gregos como Askin ou Askil (533-569), governava imenso império que abrangia uma enorme área, desde o deserto de Shamo até o Mar de Oeste, e da bacia do rio Tarim até as tundras do rio Kien (Kem ou Jenissei). Seu sucessor foi o khagan Dizabulos, que em 568 enviou a Bizâncio uma embaixada para propôr a Justino II (565-578) uma aliança contra os Persas, e, ao mesmo tempo, entabolar negociações para a realização dum tratado de comércio, pelo qual êle seria o intermediário no tráfego da sêda entre a China e Bizâncio, sem passar pela Pérsia. O tratado de aliança e comércio foi aceito por Justino, que chegou a enviar para a côrte de Dizabulos o patricio Zemarco como plenipotenciário em 569. Mas êsse acôrdo não foi mantido, devido às guerras intestinas que logo após a morte do khagan dissolveram seu império. Como vemos, o sonho de Justiniano de liberação

---

(1). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 187.

da tutela econômica persa esteve a pique de realizar-se (2).

Durante os séculos VII, VIII e IX o Império dos Khazares foi muito poderoso. Sabemos que logo após sua libertação dos Turcos do Turquestão, eles se expandiram em tôdas as direções, principalmente rumo ao Mar Negro, em detrimento dos Búlgaros do Volga e dos Bizantinos. A-pesar-disso, os Khazares permaneceram fiéis à aliança com Constantinopla, principalmente na luta comum contra os Árabes. No início do século VIII eles já tinham dominado parte da Criméia, com exceção de Cherson, que esteve, entretanto, em suas mãos durante algum tempo. Sabemos também que entre eles se refugiou o imperador Justiniano II (685-694), durante o exílio a que foi obrigado por Tibério III Apsimar, por ter Cherson se recusado a recebê-lo. Justiniano casou-se com uma irmã do khagan Vusir (ou Wazir) Gliavar, chamada Teodora, que lhe salvou a vida quando Tibério persuadiu o khagan a que o entregasse morto ou vivo. Tendo conseguido recuperar o trono (705-711), Justiniano quis se vingar de Cherson, mas não o conseguiu, porque os Khazares a defenderam (3).

Temos notícia, pelos textos bizantinos, que o imperador Leão o Isauriano (717-741) mandou uma embaixada pedir a mão duma princesa khazar para seu filho Constantino V Coprônimo (741-775). Essa princesa foi batizada e recebeu o nome de Irene, tornando-se, em 750, mãe do futuro imperador Leão IV (775-780), que, por sua causa, passou à História com o cognome de Khazar (4).

A organização do poder imperial entre os Khazares é muito curiosa. À frente do Estado estava o supremo **khagan** (ilek), que exercia o poder apenas nominalmente. Quem de fato governava era seu delegado, chamado **khagan bey** ou apenas **khagan** e **isha**, pois era ele quem comandava tôdas as forças da nação e quem administrava todo o país. O **khagan** supremo não tinha

---

(2). — *ibidem*; vide também o nosso trabalho: *O comércio de Bizâncio com o Extremo Oriente*, 11.

(3). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 188-189.

(4). — *ibidem*, IV, 189.

contacto algum com seu povo, pois vivia continuamente no seu harém, só aparecendo em público três vêzes por ano, saindo então a cavalo. Mas, mesmo nessas ocasiões, êle era acompanhado por grande número de guardas, que o seguiam a distância, e pela sua côrte com cêrca de 4.000 cortezãos (5).

O *khagan* supremo praticava a poligamia, tendo 25 espôsas legítimas, tôdas elas filhas de príncipes vizinhos. Além dessas espôsas, muitas impostas pelas necessidades políticas, êle possuía ainda cêrca de 60 concubinas. Um outro dado interessante que possuímos sôbre sua côrte é a composição de sua guarda, que contava perto de 12.000 soldados. Masudi (6), escritor árabe da primeira metade do século X, nos informa que essa guarda era composta por um grande número de Muçulmanos — que se engajavam com a condição expressa de não combater seus irmãos de crença — e por homens de tôdas as nações, principalmente Russos e Eslavos. Esta última afirmação de Masudi nos permite provar mais uma vez, que os Varegues, logo que penetraram no vale do Dnieper, rumo a Bizâncio, entraram em contacto com os Khazares, permanecendo alguns dêles entre êsses nômades como mercadores, ou então, como mercenários, como aconteceu em Bizâncio com a famosa guarda varegue (vide páginas 55-56).

Uma das características mais interessante dêsses Khazares é sua tolerância religiosa, cousa raríssima na Idade-Média. Sabemos que primitivamente êsses nômades eram pagãos e shamanistas, mas desde o século VIII o Judaísmo começou a se difundir entre as classes mais elevadas. Essa tolerância parece que teve causas políticas, porque os Khazares conquistaram, ou dominaram, populações pagãs, como os Eslavos Orientais do Baixo-Dnieper, ou cristãs como os Gregos da região da Criméia, mercadores estrangeiros e tribus caucásicas, sem falar da maioria da guarda, que era de religião muçulmana. O Judaísmo e o Cristianismo tiveram oportunidade de desenvolver-se entre os Khazares com a conquista das regiões do Cáucaso e da Criméia. A existência de comunidades judaicas nesta

---

(5). — *ibidem*, IV, 189-190.

(6). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 190.



última região é atestada por inscrições que datam do século I, nas cidades gregas de Panticapeu, Gorgípia (atualmente Anapa) e Tanais. No século VIII Fanagoria, ou Tamaratarca, foi o principal centro dos Judeus no Bósforo Cimeriano, e no IX ela era ainda considerada como cidade judaica, sendo chamada Samkarsh pelos Judeus (7).

O Islamismo tornou-se preponderante entre os Khazares, somente depois da segunda metade do século X. Por outro lado, o Cristianismo parece que não teve muitos adeptos entre eles, pois sabemos que Constantino — mais conhecido pelo nome de São Cirilo e como um “dos apóstolos dos Eslavos” — após ter sido professor da Universidade de Constantinopla, empreendeu, mais ou menos em 860, a catequese dos Khazares com pouco sucesso, porque uma lenda sobre esse santo faz referência a apenas 200 conversões. Foi depois dessa missão e a pedido do príncipe Rostislav da Grã-Morávia que, juntamente com seu irmão mais velho São Metódio, evangelizou os Eslavos e traduziu para o eslavão as Escrituras, inventando para isso uma escrita derivada do alfabeto grego minúsculo: a escrita glagolítica (8).

Tôdas essas religiões eram igualmente tolerantes umas para com as outras, de tal maneira que esse Estado khazar, semi-nômade, poderia servir de modelo a muitos países dos nossos dias. As côrtes de justiça eram organizadas de acôrdo com as religiões. Sete juizes — ou segundo Ibne Fadlan (9) nove — formavam o tribunal de justiça: dois eram escolhidos pelos Muçulmanos, dois pelos Judeus, dois pelos Cristãos e um pelos Pagãos. Se os juizes da própria religião dos querelantes eram incapazes de resolver uma controvérsia, os litigantes apelavam para os *cadis* muçulmanos, que eram considerados como os melhores juizes entre os julgadores da côrte de justiça. Mas, a-pesar-das vantagens dessa tolerância religiosa, podemos afirmar que a existência simultânea de tantas crenças entre os Khazares, foi um grande obstáculo para a criação duma nação

---

(7). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 190.

(8). — DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 44; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 190-191.

(9). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 191.

unida, porque os seus variados elementos étnicos permaneceram completamente indiferentes entre si, não se originando, portanto, entre êles, um sentimento comum de pátria. Além disso, o Estado era mantido apenas pelos mercenários muçulmanos estrangeiros, o que não deixa de causar certa admiração, pois sabemos que foi somente no fim do século X que o Império dos Khazares começou a apresentar sinais de rápido declínio (10).

A civilização khazar, entretanto, atingiu alto grau de desenvolvimento, como foi evidenciado pelas recentes excavações praticadas nas proximidades de Kharkov (11). Sabemos também que os Khazares, antes de se fixarem nas estepes meridionais da Rússia, levavam vida errante, mas quando aí chegaram, começaram a entregar-se à prática da agricultura, da viticultura, da pesca e principalmente ao comércio, sendo auxiliados neste último mister pela proximidade das grandes rotas comerciais dos Varegues, adquirindo, portanto, suas cidades grande importância mercantil. Entre estas, os textos mencionam especialmente Itil, Balanjar, Samandar e Sarkel. Parece que Balanjar foi a mais antiga capital dos Khazares, a-pesar-de alguns autores afirmarem que êsse papel sempre foi desempenhado por Itil ou Atel. Os historiadores árabes nos fornecem maiores esclarecimentos sobre esta antiga residência dos khagans khazares, situada no estuário do Volga (chamado também pelos Turcos de Itil ou Atel) — ao norte da atual cidade de Astrakhan — do que sobre a cidade de Balanjar. Os autores muçulmanos chamam esta cidade de Al-Baida (a cidade branca), designação que tem certa correspondência com o antigo nome da sua parte ocidental: Sarygshar (a cidade amarela). Os geógrafos árabes relatam que a cidade de Itil era composta de duas partes — de três segundo Masudi (12) — separadas pelo rio Volga. A parte ocidental era a maior e nela residia o khagan supremo. O palácio do soberano era a única construção de tijolo, sendo as outras tôdas de madeira ou de barro. A parte oriental da cidade era provavelmente o

---

(10). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 191.

(11). — CALMETTE, *Le monde féodal*, 33.

(12). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 191.

centro comercial. Mas segundo Ibne Rusta (13), seus habitantes viviam nessa cidade apenas durante o inverno, porque na primavera êles partiam para as estepes onde tinham seus campos, suas vinhas e pastagens. Essa afirmação de Ibne Rusta levou Marquart (14) a opinar que Itil seria o refúgio de inverno (kishlak) e Balanjar a residência de verão (yaulak). Temos também notícia de que os escritores posteriores, principalmente a partir do século XII, dão a Itil o nome de Saksin.

Sôbre o rio Don ficava Sarkel (a cidade branca, nome que os Gregos traduziram corretamente por "Ἀσπρον ὄσπιτιον" e os Russos por *Bêlavêzha*), a cidade fortaleza dos Khazares. Segundo Constantino Porfirogêneta (*De administrando imperio*, 177 e segs.) (15), essa cidade foi edificada pelos Bizantinos durante o reinado do imperador Teófilo (829-842), a pedido do soberano dos Khazares. Relata êle também que o Imperador enviou para lá Petronas, que teria construído a cidade em 833 ou 835, sendo nomeado ao mesmo tempo governador imperial e estrategista da cidade de Cherson. Esta até então gozara plena autonomia, sendo governada por um *πρωτεύων* (proteuôn) eleito pelos cidadãos. Entretanto, Constantino Porfirogêneta não diz contra quem foi construída a fortaleza de Sarkel; mas, segundo Cedreno (escritor do século XI), ela teria sido levantada contra os Petchenegues. Todavia, podemos afirmar que ela foi erigida também contra os Varegues, que por essa época já tinham chegado ao vale do Dnieper e enviado uma embaixada a Bizâncio (vide páginas 26-27). Uspenski (16) prova que essa cidade foi fundada por iniciativa dos Bizantinos, para por em segurança seu território situado nas margens setentrionais do Mar Negro, e, ao mesmo tempo, proteger seus aliados, afirmação que achamos perfeitamente razoável.

---

(13). — *ibidem*.

(14). — *ibidem*.

(15). — Apud DIEHL e MARÇAIS, *Le monde oriental de 395 à 1081*, 313; DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 38; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 192.

(16). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 192.

No meado do século VII, certas tribus eslavas da Rússia (Polianos, Severianos, Radimitchi, Viatchichi) foram dominadas pelos Khazares. Mas essa dominação não foi cruel nem pesada; pelo contrário, ela permitiu aos Eslavos Orientais o acesso aos mercados khazares e lhes forneceu oportunidade de aí comerciar diretamente com os traficantes do Oriente. Essa nossa afirmação está provada pelo grande número de moedas árabes (dirhems) encontradas em diversas partes da Rússia, o que demonstra a intensidade desse comércio nos séculos VII-IX, isto é, na época em que essas tribus estavam sob pleno domínio khazar. Mais tarde, no século X, quando os Khazares tiveram que lutar pela sua independência contra os Petchenegues, os Eslavos Orientais e Varegues contribuíram muitíssimo para a queda do seu Império (17).

A instalação dos Varegues no vale do Dnieper e sua insistência em manter relações diretas com Bizâncio, fizeram com que eles entrassem em contacto com os Khazares, estabelecidos nas estepes situadas entre esse rio e o Don. Os Bizantinos, seus aliados, os auxiliaram na edificação da fortaleza de Sarkel, como já dissemos, porque, instalados em Cherson — admirável observatório para sua diplomacia — tinham percebido o perigo duma investida petchenegue ou varegue rumo ao Mar Negro. Tanto isso é verdade, que eles transformaram Cherson num dos seus temas (*θέματα*) — o de Klimata — para sua melhor defesa (18).

Mas, a-pesar-da ameaça de ataques, sabemos que os mercadores e guerreiros varegues, juntamente com os Eslavos Orientais, frequentavam os mercados khazares, onde tiveram oportunidade de negociar diretamente com mercadores judeus e muçulmanos, o que explica claramente o encontro de tesouros de moedas árabes nos países bálticos e escandinavos (vide páginas 35 e 54-55). Temos também um testemunho preciosíssimo das

---

(17) — KLUTCHEVSKY, *Curso de História da Rússia* (em russo). 4a. edição. Petrogrado. 1916. Tomo I, p. 146. Apud ECK, *Le Moyen Age russe*, 2; PLATONOV, *Histoire de la Russie*, 19-20; IDEM, *La Russie chrétienne*, 479-480; CALMETTE, *op. cit.*, 33.

(18). — DIEHL e MARÇAIS, *op. cit.*, 313-315; DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 39.

relações dos Khazares com os Varegues-Eslavos e Bizantinos no século X: em 1912, um sábio judeu dos Estados Unidos da América do Norte, Schechter, publicou e traduziu para o inglês, fragmentos dum texto medieval judeu que narra essas relações. A importância desse documento está no fato dêle mencionar expressamente o nome de “Helgu (Oleg), rei da Rússia” e de conter outros testemunhos sobre sua expedição a Bizâncio (vide páginas 57-58). Infelizmente, as controvérsias sobre os dados cronológicos e topográficos do texto ainda não estão completamente dirimidas, mas para alguma coisa ao menos serviu essa publicação: provar a existência de relações entre os Khazares e os Varegues e contestar as datas transmitidas pelas antigas crônicas russas (19).

Em 965 o grão-príncipe de Kiev, Sviatoslav, empreendeu uma campanha contra os Khazares. Êle devastou o território dos Khazares e se apoderou de Itil e de Sarkel (vide página 66), pondo fim ao seu Império, mas não os destruiu completamente, porque êles apareceram mais tarde (1083) na região da Rússia Tmutarakana, na atual Criméia, sendo essa a última menção que dêles possuímos. Se Sviatoslav se instalasse em Itil, talvez os destinos da Rússia tivessem sido completamente diferentes porque, não sendo cristão, êle poderia ter se

- (19). — SCHECHTER, *An Unknown Khazar Document*, in *Jewish Quarterly Review*, nova série, t. III. Filadélfia. 1912-1913, pp. 181-219; o nome de Helgu (Oleg) está mencionado nas páginas 217 e 218. Vide P. C. KO-KOVITZOV, *Um novo documento judeu sobre os Khazares e as relações khazaro-russo-bizantinas no século X*, in *Jornal do Ministério da Instrução Pública*, t. XLVIII, 1913, pp. 150-172 (tradução russa do texto judeu com breve comentário também em russo); IDEM, *Nota sobre os manuscritos judeo-khazares de Cambridge e Oxford*, in “*Comptes rendus*” da *Academia de Ciências da União das Repúblicas Soviéticas Socialistas*. Leningrado. Novembro-Dezembro de 1926. pp. 121-124 (em russo). Uma nova interpretação do documento é dada por V. A. MOCHINE, *Algo de novo sobre o documento khazar recentemente descoberto*, in *Publicações da Sociedade Arqueológica russa do reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos* (Iugoslávia), t. I, 1927, pp. 41-60 (em russo): o autor não reconhece o nome de Oleg, e acredita que os acontecimentos em questão, são do período 943-945. Apud VASILIEV, *Histoire de l'Empire byzantin*, I, 425, nota 3.

convertido ao Judaísmo ou ao Islamismo, religiões de grande voga entre os Khazares, e êsse seu gesto acarretaria a conversão em massa dos seus súditos (20).

Logo após, Sviatoslav atacou os Búlgaros do Volga e os venceu, mas não percebeu que, destruindo êsses dois povos, abria o caminho para a hegemonia nas estepes duma nova horda turca, oriunda do Mar de Aral, que procurava dominar todo o litoral setentrional do Mar Negro. Uma outra consequência dêsse gesto de Sviatoslav foi tornar a rota comercial, que atravessava pacificamente o território dos Khazares, mediante um tributo, imediatamente ameaçada pelos Petchenegues, que obrigaram os Varegues a constituir verdadeiras caravanas fluviais armadas, para manter seu tráfego com Bizâncio. Êsses bárbaros atacaram várias vêzes Kiev e foi seu khan Kurya que acabou com um exército varegue e com a própria vida de Sviatoslav nos rápidos do Dnieper em 972, como já mostramos (vide página 70) (21).

Ao Império dos Khazares pertencia, segundo Ibne Rusta (22), um povo chamado Burdas ou Burtas pelos Árabes. Seu território se estendia ao longo do Volga, numa distância de 15 dias de viagem da região dos próprios Khazares. Os Burdas dispunham dum exército de 10.000 cavaleiros, mas sua incapacidade política os impedia de fundar um Estado independente. De fato, Ibne Rusta nos afirma que êles não possuíam outros chefes que os anciãos de suas comunas. Além disso, tinham o hábito de praticar a vendetta em lutas sangüinárias. Seu território era rico em florestas e em caça; praticavam a agricultura e o comércio, devastando também os territórios vizinhos dos Búlgaros e dos Petchenegues. Quanto à sua origem, existe grande controvérsia, mas o escritor árabe Masudi (23) nos informa

---

(20). — *Crônica de Nestor*, trad. Léger, p. 51; MARQUART, *Osteuropäische und Ostasiatische Streifzüge*. Berlím. p. 474; V. PARCHOMENKO, *Kievskaja Rus i khazary*, in *Slavia*, t. VI, 1927. Apud LOT, *Les invasions barbares*, II, 107, nota 8.

(21). — *Crônica de Nestor*, trad. Léger, pp. 59-60. Apud LOT, *op. cit.*, II, 109.

(22). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 192.

(23). — *ibidem*.

serem êles um povo de raça turca, estacionado nas margens do rio do mesmo nome (segundo Marquart, Samara). Sabemos também que exportavam grandes quantidades de peles de raposas pretas e castanhas, geralmente chamadas *burtasianas*. Examinemos agora o povo que vivia ao Norte do seu território: os Búlgaros do Volga.

\* \* \*

#### b) Os Búlgaros do Volga.

Os Eslavos Orientais e os Varegues entraram também em relações com os Búlgaros estabelecidos na confluência do rio Volga com o Kama. Êstes eram um povo de origem asiática, composto talvez dos restos da horda de Hunos que invadiu a Europa no século IV, mesclado com elementos turcos, que os Khazares, no seu avanço para o Oeste, tinham dividido em duas grandes porções: os Búlgaros Negros (ocidentais) e Búlgaros Brancos (orientais). Os últimos remontaram o Volga até a foz do Kama, onde se fixaram. Como as pastagens se tornassem raras, êles se fizeram sedentários e fundaram várias cidades, transformadas mais tarde em centros de intenso comércio. Mercadores árabes e khazares traziam suas mercadorias (baixelas de prata, pratos, taças, etc.), trocando-as aí por peles preciosas, couros trabalhados, peixe sêco, madeiras de construção, barcos, cordoalha, cerâmica, mel, linho, etc. (24).

Os Búlgaros do Volga estavam divididos em três tribus: os Barsuls, os Esegels e os Búlgaros própria-mente ditos. Como seu território distava apenas três dias de viagem das terras dos Burdas, êles fizeram aí inúmeras gazivas com seus velozes cavalos, levando seus habitantes como prisioneiros de guerra. Êsses Búlgaros usavam entre si peles de raposa como moeda, apesar-de possuírem inúmeras peças de prata (*dirhems*, isto é *dracmas*) provenientes do seu comércio com os mercadores árabes. Essas moedas de prata eram utilizadas

---

(24). — SAVITSKY, *Notes géopolitiques* (in apêndice ao livro *Esquisse de l'histoire russe* de VERNADSKY, Paris, 1927), p. 245; FRAEHN, *Drei Münzen der Wolga-Bulgharem aus dem X. Jahrh.* Apud ECK, *op. cit.*, 3; CALMETTE, *op. cit.*, 33; DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 762.

por êles no comércio com os Varegues e Eslavos Orientais, os quais não trocavam suas mercadorias a não ser por dinheiro. O grande número de moedas exóticas encontradas no atual território de Perm, junto do rio Kama, é a melhor prova do intenso comércio que os Búlgaros mantinham desde o século V com as nações estrangeiras, especialmente com o Extremo-Oriente, pois as moedas sassânidas e indo-bactrias são dêsse século. Não obstante possuírem grande número de moedas de prata oriundas do seu comércio, os Búlgaros foram obrigados a cunhar suas próprias peças no século X. Possuímos atualmente apenas três moedas dêsse período (datadas de 950 e 976) estampadas nas cidades de Bulgar e Suvar, durante o reinado dos soberanos Talib e Mumin (25).

O comércio levou até às cidades búlgaras mercadores khazares, varegues, finlandeses, eslavos, bizantinos, armênios, judeus e árabes. A principal via comercial dos Búlgaros era o Volga; as mercadorias do Extremo-Oriente eram levadas para o Ocidente através dêsse rio, e para o Sul por êle e pelo Mar Cáspio, chamado também durante muitos séculos Mar Khazar. Duas outras vias fluviais levavam igualmente essas mercadorias para o Oeste: uma pelo Dvina Ocidental e Dnieper, outra pelo rio Oka acima até sua nascente e daí, por terra, até o rio Desna para alcançar Kiev rio abaixo. As mercadorias eram também dirigidas para o Sul pelo Mar de Azov. Além de tôdas essas rotas fluviais e marítimas havia ainda outra via terrestre pelas estepes do Meridião Russo (26).

O centro econômico e político do reino dêsses Búlgaros Brancos ou Prateados estava situado na região onde o rio Kama se lança no Volga. Ao Norte e ao Sul dessa confluência localizaram-se as principais cidades búlgaras. A capital, chamada Bulgar pelos escritores árabes, estava situada mais ou menos a 20 milhas ao Sul da confluência do Kama e a cêrca de 4 milhas do Volga, entre as atuais cidades de Spassk e Tetiuchi. Nos anais russos de 1164 ela aparece sob o nome de

---

(25). — ECK, *op. cit.*, 3; CALMETTE, *op. cit.*, 33; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 193.

(26). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 193.



“grande cidade” e só depois de 1361 é chamada pela primeira vez de Bulgary (ou Grã-Bulgary). A sua vantajosa situação nas proximidades do Volga foi a principal causa do seu rápido crescimento e seu intenso comércio a tornou famosa em todo o Oriente. A melhor prova da sua grande extensão é talvez a narração de Ibne Haucal (27), autor árabe da segunda metade do século X, o qual nos relata que, mesmo depois da devastação da cidade por Sviatoslav, ela continha ainda mais de 10.000 habitantes. Foi somente depois da invasão tártara no século XIII que Burgar perdeu sua importância; mas, na segunda metade do século XIV, devido às devastações de Tamerlão, ela foi completamente destruída pela Horda de Ouro (28).

A História dos Búlgaros do Volga não é muito conhecida. Sabemos alguma coisa sobre ela somente quando as crônicas russas ou os escritores árabes se referem a esse povo, e mesmo assim, apenas depois do início do século X. A vantajosa situação geográfica e política da região por eles ocupada, favorecia a formação dum Estado independente, pois, ao Norte e Leste (no Alto-Volga), habitavam os Ugrianos, indolentes tribus finlandesas, que não representavam nenhuma ameaça para seus vizinhos. Parte dessas tribus estava sob seu domínio, mas cada qual tinha seu próprio príncipe e pagava somente um tributo que consistia principalmente em peles. Ao Sul viviam os Khazares, de quem os Búlgaros do Volga foram vassallos como certas tribus eslavas, mas que, a-pesar-de serem muito poderosos nas estepes, estavam separados deles pelos Burdas e se achavam mui distantes. Foi somente no século IX que se levantou um vizinho poderoso nas fronteiras ocidentais: o Grão-Principado de Kiev, que com suas expedições predatórias — principalmente a de Sviatoslav — contribuiu muitíssimo para o enfraquecimento e posterior destruição do Estado búlgaro (29).

---

(27). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 193.

(28). — PLATONOV, *R. C.*, 477-478; CALMETTE, *op. cit.*, 33; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 184-185 e 193; GUÉRIN-SONGEON, *Histoire de la Bulgarie*, 50.

(29). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 194; GUÉRIN-SONGEON, *op. cit.*, 50-51.

As relações comerciais dos Búlgaros do Volga com os Árabes e Khazares, contribuíram para propagar entre eles o Islamismo e uma certa cultura de base maometana. Assim, temos notícia de que Ibne Fadlan foi enviado em Junho de 921 pelo califa Muctadir de Bagadá, a pedido do soberano dos Búlgaros Brancos, para instruí-los na fé muçulmana, tendo construído uma mesquita e um castelo para o khan búlgaro, de onde êste podia resistir aos ataques dos seus inimigos. Ibne Fadlan, que chegou a Bulgar no verão de 992, levou a bom termo sua tarefa evangelizadora. Sabemos também, pela sua descrição da viagem, conservada pelo geógrafo árabe Iacute (30), que o trono dos soberanos búlgaros era hereditário e seu poder limitado pelo dos magnatas. Como prova disso, menciona quatro príncipes, súditos do khan búlgaro, os quais foram com seus irmãos e filhos ao encontro da embaixada chefiada por Ibne Fadlan. Provavelmente eram os chefes das tribus búlgaras, embora estejamos informados por outros autores de que elas eram apenas três (vide página 111) (31). Mas voltemos aos Petchenegues.

\* \* \*

### c) Os Petchenegues.

Ao Nordeste dos Khazares, entre os rios Atel (Volga) e Yaik (Ural), existia, segundo Constantino Porfirogêneta (32) a horda nômade turca dos Petchenegues. Os Bizantinos chamavam êsse povo de Πατζινάκται (Patzinakitai), os Árabes de Bajnak, os autores latinos medievais de Pezineigi, Picenati, Bisseni ou Bessi e os Eslavos de Pechenêgs ou Petchenegues (33).

Segundo declarações dos escritores árabes, o território ocupado por êsses Petchenegues no meado do século IX parece ter sido muito maior do que aquele que depois lhe pertenceu e foi descrito por Constantino Porfirogêneta. Êle compreendia as regiões situadas entre

(30). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 194.

(31). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 194.

(32). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 197.

(33). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 197; VASILIEV, *op. cit.*, I, 428.

os rios Ural e Don, tendo ao Oeste os Eslavos Orientais, ao Sul e Sudoeste os Khazares e a Leste e Norte os Polovtzes (Kiptchaks ou Cúmanos) e os Torkis (Guzes) (34).

Como tôdas as tribus turcas, os Petchenegues perturbaram durante vários séculos as diversas nações do Sudeste da Europa, principalmente o Império Bizantino e o Grão-Principado de Kiev, acabando por serem derrotados e absorvidos por essas nações e pelos Polovtzes. Vámbéry (35) afirma que os Petchenegues e os Polovtzes formavam uma mesma nação, a qual, sob diferentes nomes e em períodos diversos, teve sua participação na História dos países do Sudeste da Europa. Kadlec (36) diz que essa opinião pode não estar certa, mas acredita serem os Petchenegues aparentados com os Polovtzes. A região de origem comum dessas duas hordas turcas era a imensa estepe da Asia Central que, como já frizamos, despejava continuamente sôbre as planícies meridionais da Rússia, torrentes de hordas bárbaras e nômadeas. Dessas, a mais ocidental foi a que recebeu o nome de Petchenegues. Quando elas vagueavam pelas estepes situadas nas proximidades do Mar de Aral e do Cáspio, os Chineses as chamavam de Kang-li, nome que compreendia tôdas as outras hordas afins, antes talvez de serem diferenciadas na Europa. Segundo Constantino Porfirogêneta (37), os Petchenegues foram expulsos da região situada entre o Volga e o Ural, mais ou menos 55 anos antes d'êle escrever (950-952) o capítulo 37 da sua obra *De administrando imperio*. Isso significaria que êles teriam atravessado o Volga no fim do século IX, mas por intermédio de outros informes, provenientes dos Varegues-Eslavos e Magiares, podemos supor que êles expulsaram êstes últimos do território compreendido entre o Don e o Dnieper na sétima ou, no máximo, na oitava década do século IX (38).

---

(34). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 197.

(35). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 197.

(36). — In *C. M. H.*, 197-198.

(37). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 198.

(38). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 198.

Constantino Porfirogêneta (39) nos diz também a razão pela qual os Petchenegues deixaram o território que ocupavam primitivamente na Europa. Os Torkis (Guzes ou Ghuzz) teriam feito pressão sobre eles e a maioria emigrou para Oeste, para além do rio Don, expulsando por sua vez os Magiares. Só uma pequena parte dos Petchenegues permaneceu junto dos Torkis e com eles se mesclou posteriormente. Os Magiares ocuparam territórios que até então tinham estado nas mãos dos Eslavos Orientais, situados a Noroeste do Mar Negro e banhados pelos rios Bug, Dniester, Pruth e Sereth. Essa região, o Tivertsy, é chamada por Constantino Porfirogêneta de Atelkuzu, nome que foi até recentemente explicado como sendo o Atelköz Magiar, isto é, a região entre os rios. Westberg (40), entretanto, vê na transcrição bizantina kuzu o nome oriental do rio Dnieper (o Kotsho de Moisés de Khoren). O território dominado pelos Magiares consistia nessa época das regiões do Sudoeste da Rússia, da Bessarábia e da Moldávia. Pauler (41) situa sua chegada nessas regiões no ano 889, segundo a narrativa de Regino de Prüm, enquanto que o relato de Constantino Porfirogêneta diz que a data da sua invasão é de 896-897 (42).

De Atelkuzu, os Magiares continuaram com suas incursões predatórias aos países vizinhos, e certamente em pouco tempo tiveram conhecimento da sua futura pátria: a Hungria. Quando em 892 o rei germânico Arnolfo (887-899) aventurou-se numa guerra contra Svatopluk, príncipe da Grã-Morávia, uma horda magiar, nessa época já na Hungria, juntou-se aos Germânicos e atacou a Grã-Morávia, devastando-a. Dois anos mais tarde, em 894, os Magiares vieram até o Danúbio em número considerável, mas desta vez aliaram-se aos Morávios e devastaram a Panônia e a Germânia (43).

Mas, como a Bulgária estava muito mais perto de Atelkuzu que a Hungria, os Magiares lançaram-se sobre

---

(39). — Apud KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 198.

(40). — *ibidem*.

(41). — *ibidem*.

(42). — CALMETTE, *op. cit.*, 34; KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 198.

(43). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 198.

ela (894), aproveitando-se da luta que existia entre os Búlgaros do Danúbio do *tzar* Simeão (890-927) e os Bizantinos do imperador Leão VI, o Sábio (886-911), aliando-se a êstes últimos. Enquanto o patricio Nicéforo Focas em 895 comandava um exército ao Sul contra os Búlgaros, o patricio Eustácio partia com a frota bizantina para levar reforços aos seus aliados do Norte. Mas o *tzar* Simeão conseguiu o apóio dos Petchenegues, que deviam fazer uma diversão no território dos Magiares. O exército dêstes, que era comandado por um dos filhos de Arpad, venceu Simeão em duas batalhas consecutivas. Não foi senão no terceiro embate, que o *tzar* búlgaro conseguiu derrotá-los, destruindo-os quasi que completamente. Os fugitivos encontraram seu território talado pelos Petchenegues e, por isso, emigraram em massa para a Hungria, sob a chefia de Arpad, mais ou menos no ano 895. Seu território de Atelkuzu foi desde então ocupado inteiramente pelos Petchenegues, que vagavam como nômades nas grandes planícies do Don, em oito hordas, vivendo cada uma delas separadamente, tendo seu próprio centro, como os Ávaros com seus *hrings* (44).

As relações dos Petchenegues com seus vizinhos e nações circundantes são muito interessantes. Os Bizantinos, para impedir que êles invadissem suas possessões da Criméia, enviaram-lhe presentes valiosos e compraram seu auxílio contra seus inimigos, como os Magiares, Búlgaros do Danúbio, Varegues-Eslavos e Khazares. Em tempo de paz, os Petchenegues favoreciam o intercâmbio comercial entre os Varegues e Cherson, mediante tributo, chegando, às vezes, até mesmo, a transportar as suas mercadorias. Mas em tempo de guerra, êles não só roubavam os mercadores varegues, como penetravam nos domínios do Grão-Principado de Kiev em suas incursões predatórias. Os grão-príncipes, todavia, sempre procuraram manter boas relações com os Petchenegues, devido a seu tráfego com Bizâncio, principalmente quando êstes se tornaram preponderantes nas estepes meridionais da Rússia. Muitas vêzes os grão-príncipes de Kiev, quando em luta com outros prínci-

---

(44). — KADLEC, in *C. M. H.*, IV, 198-199.

pes russos, apelaram para os Petchenegues e os persuadiram a ser seus aliados (45).

Os Khazares tinham consentido que os Magiares passassem pelo seu território, quando êstes emigraram para a região de Atelkuzu, mas assistiram impotentes à travessia dos Petchenegues rumo a êsse mesmo local, ficando, entretanto, senhores do vale do Dnieper até o ataque de Sviatoslav. Os Petchenegues, não se contentando com a região de Atelkuzu, invadiram a atual Valáquia, ao Norte do Danúbio Inferior, e os territórios situados entre êsse rio e as margens do Dnieper, chegando, às vêzes, a transpor êsses limites. Assim, êles devastaram o Alto-Vístula e o Baixo-Danúbio, avançando mesmo até a Germânia, e, em 915, espantaram Bizâncio, aparecendo ante seus muros (46). Suas fronteiras ocidentais, do lado da atual Bulgária, eram mais ou menos estáveis, mas a Leste sempre tiveram a hostilizá-los os Khazares. Por isso, quando Sviatoslav derrotou êstes últimos (vide página 66), os Petchenegues, aproveitando a ocasião, os expulsaram primeiramente para além do Dnieper e depois para além do Don, ocupando seus territórios (47).

Os sucessores de Sviatoslav se entregaram com ardor à tarefa de proteger as rotas comerciais do Grão-Principado de Kiev. Todos os seus esforços foram concentrados contra os Petchenegues, que procuravam obstruir a rota de Bizâncio, de vital importância para os Varegues. Para isso, êles empreenderam uma série de expedições armadas contra êsses nômades e estabeleceram um sistema de fortificações para a proteção das fronteiras meridionais do Estado russo. Na época de Constantino Porfirogêneta (912-959), essas praças fortes estavam situadas “a um dia de marcha de Kiev”, mas quando São Bruno, capelão do imperador da Alemanha Henrique II (1002-1024), cumprindo uma promessa, partiu em missão para evangelizar os pagãos das estepes, êle foi acompanhado pelo grão-príncipe de Kiev “até o limite do seu território, a dois dias de marcha da

---

(45). — *ibidem*, 199.

(46). — CALMETTE, *op. cit.*, 34.

(47). — HALPHEN, *Les barbares*, 323-324; VASILIEV, *op. cit.*, I, 428-429.

capital” (48). Como vemos, o Estado de Kiev aumentara sua área em detrimento dos nômades, ao mesmo tempo que fortificara sua posição junto às tribus eslavas do Meridiano Russo. Os Petchenegues procuraram reagir contra esse estado de cousas, mas foram derrotados fragorosamente por Yaroslav-o-Sábio em 1034 (49). Essa derrota teve grande repercussão no Ocidente, pois no fim do século XI a *Chanson de Roland* enumera entre os Sarracenos os Pincenes, que são os nossos Petchenegues (50).

Os imperadores bizantinos da dinastia macedônica (867-1057) consideravam os Petchenegues, entre seus vizinhos do Norte, como os mais perigosos e como a peça essencial do equilíbrio das nações da Europa Oriental de então. O imperador Constantino Porfirogêneta consagra a eles várias páginas do seu livro *De administrando imperio*, aconselhando seu filho e herdeiro presuntivo, Romano II (959-963), a que se mantivesse sempre em paz com esses nômades para o bem do Império, porque, enquanto houvesse acôrdo entre as duas nações, Bizâncio não precisaria temer nem os ataques dos Russos, nem os dos Magiares ou dos Búlgaros do Danúbio. Também em diversas passagens do seu livro (51), êle nos descreve como os Petchenegues se tornaram às vêzes os intermediários do comércio entre Cherson e os Russos, Khazares e outros povos das estepes setentrionais do Mar Negro. De tudo isso, podemos inferir que no século X êles desempenharam grande papel político e econômico na região Sudeste da Europa. Mas na segunda metade desse século e no início do XI, tôdas essas circunstâncias mudaram consideravelmente. Os Búlgaros do Danúbio foram atacados por João I Tzimisces (969-975), e aniquilados mais tarde por Basílio II Bulgaróctonos (969-1025). Os Petchenegues, até então separados do Império pelo território búlgaro, tornaram-se seus vizinhos imediatos. Como eram muito numerosos e sem-

---

(48). — Apud ECK, *op. cit.*, 8.

(49). — PLATONOV, *H. R.*, 42-44 e 49.

(50). — Vide a edição de Bédier, p. 5. Apud LOT, *op. cit.*, II, 110.

(51). — *De administrando imperio*, cap. I-VIII, pp. 67-74. Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 429.

pre dispostos a saquear — além de sofrerem muitas vezes a pressão dos Polovtzes — êles constituíram desde então um perene perigo para Bizâncio. Teofilacto da Bulgária, escritor eclesiástico do século X, assim se refere às repetidas incursões dos Petchenegues, que chama de Cítas (52):

“Sua invasão é como um raio; sua retirada é ao mesmo tempo pesada e ligeira: pesada pelo saque que transporta, ligeira pela rapidez da sua fuga. . . O mais terrível é que êles são mais numerosos que as abelhas na primavera e ninguém sabe quantos milhares, ou dezenas de milhares, êles são; seu número é incalculável. . .”

Entretanto, até o século XI, os Petchenegues não se tornaram perigosos demais para Bizâncio. Só o foram quando transpuzeram o Danúbio, acossados pelos Polovtzes. O imperador bizantino Constantino X Monômaco (1042-1055) cometeu o erro de permitir que alguns milhares dêles se estabelecessem na Bulgária, com a condição de defender as fortalezas do Danúbio contra seus irmãos de raça. Mas os Petchenegues que tinham ficado ao Norte dêsse rio, forçaram a fronteira em grande número (800.000?) (53) e avançaram até Andrinopla, chegando alguns dos seus destacamentos até aos muros de Bizâncio. Constantino obteve sucessos inicialmente, mas na sua última campanha foi completamente derrotado por êles, que marcharam sôbre a capital bizantina. O imperador foi obrigado a comprar custosamente a paz, concedendo grandes honrarias aos chefes nômade, além de inúmeros presentes e o consentimento para habitar as províncias situadas ao Norte dos Balcãs. Assim, nos últimos anos da dinastia macedônica (867-1057), os Petchenegues tornaram-se os inimigos mais encarniçados do Império Bizantino (54).

Os imperadores da dinastia dos Comnenos e Ducas (1057-1185) também tiveram que lutar contra os Pet-

---

(52). — Apud MIGNE, *Patr. Gr.*, 126, col. 292-293. Citado por VASILIEV, *op. cit.*, I, 430.

(53). — CEDRENO, t. II, p. 585. Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 430.

(54). — VASSILIEVSKY, *Bizâncio e os Petchenegues*, in *Obras*, t. I, 24 (em russo). Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 430.



chenegues, principalmente Aleixo I Comneno (1081-1118), pois no seu reinado êles foram chamados em auxílio de Traulus, chefe dum contingente militar fornecido pela colônia maniqueista de Filipópolis, que durante a invasão dos Normandos de Guiscard se mostrara pouco fiel a Bizâncio. Aleixo quis castigar os rebeldes e, inicialmente, conseguiu repelir os Petchenegues (1086), mas no ano seguinte êstes voltaram à carga. Novamente derrotados, êles foram perseguidos pelo exército bizantino, o qual, entretanto, não conseguiu vencê-los perto de Drista (Silístria). Foi uma providencial guerra com os Polovtzes que impediu os Petchenegues de se aproveitarem da sua vitória para invadir e apossar-se de parte do território imperial. De fato, a luta decisiva estava apenas adiada. Durante o período de 1088 a 1090 os Petchenegues estabeleceram-se em território bizantino e ocuparam a região situada entre o Danúbio e os Balcãs. Daí, êles se infiltraram na direção de Filipópolis e Andrinopla. Passaram-se vários anos antes que Aleixo pudesse arregimentar um exército capaz, com alguma probabilidade de êxito, de empreender a luta decisiva contra essas tribus nômades que ameaçavam Bizâncio. Finalmente, na primavera de 1091, o Imperador, tendo chamado em seu auxílio os Polovtzes, conseguiu infligir séria derrota aos Petchenegues perto do rio Leburnium, a qual livrou o Império Bizantino das invasões bárbaras durante muito tempo (55).

\* \* \*

#### d) Os Polovtzes.

Os Petchenegues, após terem dominado completamente as estepes meridionais da Rússia, foram se enfraquecendo ante os repetidos golpes desferidos pelos Vargues-Eslavos e Bizantinos, acabando esmagados pelo avanço de novas hordas turcas oriundas da Ásia: os Torkis (Guzes) e os Kiptchaks — êstes denominados pelos Russos Polovtzes (Polovtsy, Polovtsi, Polovci ou Cúmanos) (56). Essa invasão teve lugar no fim do

---

(55). — CHALANDON, in *C. M. H.*, IV, 330; LOT, *op. cit.*, II, 110.

(56). — Vide as obras de GOLOUBOVSKIY, *Petchenegi, Turcly i Polovtsy*. Kiev. 1884. (em russo); de BORTOLD,

século XI, aproveitando-se os Polovtzes da luta entre os Petchenegues e o imperador Aleixo I Comneno, para derrotar definitivamente seus irmãos de raça, sendo absorvidos por eles os que não fugiram para além dos Balcãs.

Um outro traço interessante desses nômades, é serem eles aparentados com os Turcos Seljúquidas, que já tinham começado a ameaçar nessa época as possessões bizantinas da Ásia Menor. O dicionário ou léxico cúmano, que possuímos, demonstra de maneira convincente que a língua dos Polovtzes era tão estreitamente ligada às outras línguas turcas que não apresenta, em relação a estas, senão diferenças dialetais. Esses laços de parentesco entre Polovtzes e Seljúquidas talvez expliquem o papel que esses dois povos representaram na História de Bizâncio e da Rússia, quando ambos procuraram isolar o Império Grego, cortando suas rotas de comércio com Kiev e com os mercados de especiarias do Oriente (57).

Em 1061 os Polovtzes atacaram pela primeira vez os Russos. Desde então e até 1210 — quando os Tártaros irromperam na Europa — eles não cessaram seus ataques, fazendo mais de 50 incursões, sem contar as inúmeras gazivas, contra o território russo, levando seus habitantes como escravos para vendê-los na Criméia aos Bizantinos, ou, então, conservando-os como prisioneiros para obterem compensadores resgates. Mas os grão-príncipes de Kiev procuravam defender seus súditos, erigindo, como outrora contra os Petchenegues, fortificações ao longo das suas fronteiras meridionais. Um parapeito de terra com um fosso estendia-se por dezenas de quilômetros nas estepes, impedindo seu acesso às terras habitadas por pacíficas populações camponesas. Essa muralha possuía portas especiais, defendidas por burgos fortificados, onde sempre existia numerosa guarda. Quando os Polovtzes conseguiram trans-

---

*Zwölf Vorlesungen über die Geschichte der Türken Mittelasiens.* Berlim. 1935, p. 114; e a *Encyclopédie de l'Islam*, t. II, p. 1081 (in *vocábulo Kipçak*). Apud LOT, *op. cit.*, II, 110.

(57). — VASILIEV, *op. cit.*, I, 429; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *Histoire de Russie*, I, 98.

por essas fortificações, a população dos arredores — composta geralmente de prisioneiros de guerra polacos e lituanos — corria a abrigar-se nos burgos, onde se entrincheiravam até a partida dos nômades. Ao mesmo tempo que fizeram essas obras defensivas, os grão-príncipes mantiveram destacamentos móveis nas estepes, com a missão de velar pelas fronteiras e avisar as guarnições da aproximação do inimigo. Esses destacamentos eram geralmente compostos de Torkis e Petchenegues fugitivos, que tinham velhas contas a ajustar com os Polovtzes, e que sendo também nômades, eram excelentes guardiões. Muitas vêzes as drujinas principescas também estacionaram nas fronteiras. Além dessas medidas de defesa, os príncipes russos tomavam às vêzes a ofensiva e atacavam os Polovtzes nos seus acampamentos, afim de lhes inspirar terror, ou de afastá-los das estepes, para que deixassem livres as rotas comerciais para Bizâncio. Mas, infelizmente, tôdas essas medidas não foram muito eficazes, pois até a própria cidade de Kiev foi tomada de assalto em 1203 por êles, que benevolentemente tiraram dos mercadores estrangeiros encontrados na cidade, apenas a metade dos seus bens (58).

Na luta contra os Polovtzes distinguiu-se, entre todos os príncipes russos, Vladímiro Monômaco (vide páginas 93 e 95), pelo talento guerreiro e por ter levado a guerra até o território dêsses nômades, sem esperar pelos seus ataques. Procurando reconciliar os diversos príncipes para que a Rússia pudesse apresentar uma frente comum ao inimigo, êle convocou reuniões especiais nas quais os exortava à luta, lembrando-lhes que os Polovtzes eram ao mesmo tempo inimigos de todos os Russos e pagãos. Uma das mais famosas reuniões por êle convocada foi a de Dolob, realizada no lago do mesmo nome, nas proximidades de Kiev. Vladímiro nela conseguiu convencer o grão-príncipe Sviatopolk II (1093-1113) a colaborar numa campanha contra os Polovtzes, descrevendo a situação dos camponeses russos da seguinte maneira (59):

---

(58). — ECK, *op. cit.*, 24; LOT, *op. cit.*, I, 22; PLATONOV, *R. C.*, 538-539.

(59). — Apud MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 99.

“Na primavera o camponês russo vai lavar seu campo; um Polovtze aparece, mata-o com sua flecha, apodera-se do seu cavalo, penetra na sua habitação, queima sua granja, apossa-se dos seus bens e leva sua mulher e filhos...”

Essa campanha teve por resultado o aniquilamento dos Polovtzes (1103). Mas, infelizmente, as contínuas discórdias entre os príncipes russos, permitiram aos Polovtzes, não somente restaurar suas forças, como também aumentar sua pressão nas fronteiras, não consentindo que os Russos recomeçassem suas operações de ofensiva, que se tornaram cada vez mais raras. Assim, a campanha empreendida pelos príncipes de Seversk, Igor e Vsevolod (netos de Oleg Sviatoslavich, príncipe de Tchernigov) terminou por uma estrondosa derrota, sendo eles aprisionados pelos nômades. Os pormenores dessa campanha são cantados num célebre poema, sem rival em nenhuma das outras literaturas contemporâneas — **A chamada campanha de Igor (Slôvo o polku Igorevi)** — cujo autor anônimo parece ter sido um bardo da côrte do príncipe Sviatoslav que o compôs mais ou menos em 1187 (60). Os episódios da derrota da **drujina**, o cativo de Vsevolod e de Igor e a feliz fuga dêste, parecem ter impressionado profundamente a imaginação dos Russos, que viram no desastre a consequência da desunião reinante entre os príncipes. Nota-se também no poema — como na **Crônica de Kiev** — um forte sentimento nacionalista, pois seu autor fala da “terra russa” como duma região englobando tôdas as províncias, assim como chama os príncipes e suas **drujinas** de “Russos” e de “exércitos russos”. Segundo o **Slôvo**, quando Igor ficou prisioneiro, êle foi lamentado não somente por Seversk, mas por tôda a “terra russa”; era ela também quem gemia, suportando o peso da guerra civil entre os príncipes. O amor à terra natal, a consciência da sua unidade, a piedade e a amargura, devido aos sofrimentos infligidos pelas discórdias principescas e pelas incursões dos pagãos Polovtzes, são os temas mais interessantes do poema. A-pesar-de seu autor exortar os príncipes à união para a luta contra

---

(60). — LOT, *op. cit.*, II, 110; PLATONOV, *R. C.*, 540; ECK, *op. cit.*, 24, nota 2.

o inimigo comum, êles continuaram a não se entender entre si e, o que é peor, chegaram a apelar para os Polovtzes nas suas disputas, auxiliando assim a obra desagregadora da unidade, tão arduamente conquistada pelos grão-príncipes de Kiev (61).

A província de Pereiaslav, uma das mais meridionais, foi na segunda metade do século XII quasi inteiramente ocupada pelos Polovtzes, que não se contentavam mais em devastá-la. Também as rotas comerciais de Kiev ficaram inteiramente à mercê dêsses nômades, que inicialmente atacavam os mercadores russos no Dnieper e Dniester, pilhando suas caravanas quando estas não estavam fortemente escoltadas, e acabando por impedir completamente êsse tráfego mercantil. Tanto isso é verdade, que o príncipe Rostislav Mstislavich reuniu em 1168, para acompanhar a caravana que rumava para Bizâncio, nada menos de 11 príncipes com suas respectivas *drujinas*. Escolta semelhante a essa foi organizada em 1170 e 1171 (62).

As possessões do litoral do Mar de Azov, que formavam até o século XI um grande principado (Rússia *Tmutarakana*) limitado pelo Don e Donetz, foram perdidas pelos Russos desde o início do século XII, porque os Polovtzes cortaram tôdas as vias de acesso a essa região. Em 1170, por iniciativa do jovem Mstislav Isiaslovitch (vide página 99), os príncipes russos se reuniram para deliberar sôbre as medidas que deveriam ser tomadas para se recuperar as rotas grega (para Bizâncio), a do sal (para a Criméia e também para a Boêmia) e do Baixo-Danúbio, que tinham sido obstruídas por êsses nômades (63).

Henri Pirenne (64) e Gordon East (65) chegam a afirmar ter tido a invasão dos Polovtzes consequências idênticas às da conquista do Mediterrâneo pelo Islão no

---

(61). — PLATONOV, *R. C.*, 538, 540, 549-550; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 109.

(62). — ECK, *op. cit.*, 24, nota 3.

(63). — PLATONOV, *R. C.*, 540; IDEM, *H. R.*, 91; EAST, *Géographie historique de l'Europe*, 201; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 99.

(64). — PIRENNE, *Les villes et les institutions urbaines*, I, 332-333.

(65). — EAST, *op. cit.*, 198.

século VIII, que obrigou a Europa Ocidental a mergulhar verdadeiramente na Idade Média, abandonando os últimos resquícios da Antiguidade ainda existentes, por terem os Muçulmanos cortado as comunicações marítimas entre o Ocidente e o Oriente. Na Rússia, os Polovtzes obstruíram a rota de Kiev para Bizâncio e o Califado, ocupando suas estepes meridionais. Aí, como na Gália, os resultados da interrupção do tráfego mercantil foram os mesmos: o desaparecimento do comércio, a emigração da população urbana para os campos, a substituição da economia urbana pela economia agrícola. Na Gália, as regiões meridionais, já arruinadas pelas invasões bárbaras, perderam sua hegemonia em benefício das províncias do Norte. Na Rússia, Kiev — como Marselha — entrou em decadência e o centro econômico-militar dessa região deslocou-se para Novgorod e depois para Moscou, da mesma maneira que o centro da Gália carolíngia transferiu-se para o Reno. E, para terminar o paralelismo entre a Idade Média do Ocidente e a da Europa Oriental, Pirenne nota ainda um fato muito significativo: o aparecimento, tanto na Rússia como na Gália, duma aristocracia territorial, e a formação dum sistema dominial, no qual a impossibilidade de exportar ou vender, reduziu a produção às necessidades do proprietário e dos seus camponeses. Assim, tanto no Ocidente como no Oriente da Europa, as mesmas causas produziram os mesmos efeitos. A diferença entre as duas regiões está, entretanto, na cronologia, porque a Rússia vivia do comércio na época em que a Gália carolíngia só conhecia o regime dominial, e aquela só inaugurou esse regime quando a Europa Ocidental, tendo encontrado novos mercados, abandonava precisamente a economia de base agrícola. Como vemos, tanto na Rússia como na Gália, essas mudanças econômico-políticas foram produzidas em grande parte por invasões e não por evolução interna.

As medidas tentadas por Mstislav Isiaslavich foram tomadas em vão, porque, além de não conseguir a libertação das rotas, o comércio russo, através do Mar Cáspio, já periclitante desde a época da invasão dos Petchenegues, cessou quasi completamente após a invasão da Pérsia pelos Tártaros. E' interessante notar também que, durante a existência do Império Seljúquida — antes

do seu domínio pelos Mongois — o pôrto de Trebizonda manteve intenso comércio de produtos orientais com a Rússia, tornando-se até necessário aí a cunhagem duma moeda especial. Também os Búlgaros do Volga continuaram a fornecer produtos do Oriente aos comerciantes varegues de Kiev (66).

Mas, ao mesmo tempo que isso acontecia na Rússia, a Europa Ocidental, tendo recobrado a liberdade das comunicações marítimas pelo Mediterrâneo, por intermédio dos Normandos e principalmente do movimento das Cruzadas, não mais necessitava da rota Mar Negro-Báltico para se abastecer de produtos orientais, pois bastava acostar seus navios no Corno de Ouro, em Constantinopla, para obtê-los em grande profusão. Aí os mercadores ocidentais, a princípio de Amalfi e Veneza e mais tarde de Pisa e Gênova, como também Catalães e “Celtas de além dos Alpes”, desenvolveram cada vez mais suas atividades comerciais. Sabemos que a partir do século X já existia em Bizâncio uma colônia de Venezianos, possuindo armazens especiais ao longo do Corno de Ouro, e, a partir do século XIII, foram os Genoveses que aí começaram ter a primazia. Devido à liberalidade dos Imperadores bizantinos, os mercadores ocidentais conseguiram grandes reduções nos direitos alfandegários cobrados na entrada e saída dos Dardanelos, assim como importantes privilégios, e a partir do século XII êles gradualmente se tornaram senhores de todo o comércio de Constantinopla, com grande descontentamento dos seus cidadãos. Com o advento do Império Latino do Oriente (1204-1261), os Venezianos fundaram inúmeras colônias no Mediterrâneo Oriental, Egeu e Mar Negro, monopolizando o comércio com o Extremo-Oriente. Com os Paleólogos, êsse comércio apenas mudou de dono, sem que os Bizantinos pudessem tirar proveito da situação, pois foram obrigados a recompensar os Genoveses, a quem deviam o trono, com o monopólio do comércio das especiarias (67).

---

(66). — MILLER, in *C. M. H.*, IV, 516; PLATONOV, *R. C.*, 540; ECK, *op. cit.*, 25.

(67). — DIEHL, in *C. M. H.*, IV, 762; CLAPHAM, in *C. M. H.*, VI, 478; RUNCIMAN, *La civilisation byzantine*, 179. Vide também o nosso trabalho. *O comércio de Bizâncio com o Extremo-Oriente*, 13.

O escritor russo Klutchevsky (68), afirma, com toda razão, que êsses séculos de lutas entre os Russos cristãos e os Polovtzes pagãos podem ser comparados ao movimento das Cruzadas dos Ocidentais contra os Turcos Seljúquidas — seus próximos parentes — e dos Ibéricos contra os Mouros. E' verdade que os cronistas não falam de Cruzadas, mas é impossível negar, como Jorga (69), que os Russos delas tivessem notícia ou lutassem como cristãos contra os infiéis, mesmo porque, antes de tomar a cruz — como os Ibéricos — êles tinham em mira libertar primeiramente o solo pátrio invadido pelo inimigo pagão. Como vemos, ainda não foi feita justiça aos guerreiros russos cristãos, que contribuíram para repelir a investida do Crescente rumo ao Ocidente.

- 
- (68). — KLUTCHEVSKY, *História da Rússia* (em russo). Tradução inglesa de C. J. HOGARTH, Londres-Nova York, 1914, t. I, p. 192. 2a. edição russa, Moscou, 1906, t. I, pp. 344-345. Vide também B. LEIB, *Rome, Kiev et Byzance à la fin du XIe siècle*. Paris, 1924, p. 276, in nota, e 277. Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 34, nota 3.
- (69). — JORGA, *Choses d'Orient et de Roumanie*. Bucarest e Paris, 1924. pp. 39-40. Apud VASILIEV, *op. cit.*, I, 34-35.



## CAPÍTULO VII

### A DECADÊNCIA DE KIEV E A INVASÃO TÁRTARA.

#### a) A hegemonia de Novgorod.

No fim do século XII a decadência de Kiev tornou-se evidente. Essa grande e soberba cidade, que provocara a admiração dos estrangeiros pela sua opulência e beleza, estava empobrecida e despovoada. Seus habitantes, e os das regiões que a circundavam, tinham procurado abrigo noutros locais, devido às contínuas incursões dos Polovtzes e, principalmente, à cessação do rendoso tráfico mercantil com Bizâncio. Esboçou-se, pois, nessa época, um acontecimento político e geográfico de imensas consequências para o destino ulterior da Rússia: o deslocamento demográfico para o Oeste, rumo aos Cárpatos (Volínia); para o Norte, na direção das regiões florestais dos Viatchichi; ou ainda, em demanda do Alto e Médio-Volga (Suzdal). Os planaltos montanhosos e as densas florestas cobriam as populações russas do perigo das invasões dos nômades das estepes, porque nessas regiões estranhas eles não ousavam penetrar, devido ao gênero de vida diferente que levavam. Nesses locais essas populações estavam ainda ao abrigo das lutas dinásticas, que ensanguentavam o Grão-Principado de Kiev, e também dos príncipes das regiões fronteiriças, que costumavam estabelecer colonos à força nos seus territórios fracamente povoados, incursionando pelas províncias vizinhas e arrebanhando seus habitantes. Assim, no século XIII, nas mais longínquas regiões da Rússia se formaram os três novos centros, que substituíram econômica e politicamente a velha Kiev, servindo ao mesmo tempo de núcleos de cristalização da novel nacionalidade. Esses centros foram: Novgorod-a-Grande, que se tornara um Estado independente e possante; a cidade de Vladimir, fundada em terras do Norte e transformada em poderoso centro de unificação das tribus eslavas; e, enfim, a cidade de Galitch edificada em 1152 por Yuri Dolgoruki no Dniester. A mais sólida

delas foi Novgorod e a de menor importância Galitch, que logo sucumbiu ao domínio estrangeiro. Enquanto Kiev agonizava, essas cidades cresciam, tomavam pé, e enriquecendo, atraíam grande número de imigrantes. Em Novgorod, desenvolveu-se o sistema do *vetche*, fato que a levou ao regime republicano (vide página 45 nota 44). Em Vladimir, o poder autocrático do príncipe foi a forma de governo dominante. E, finalmente, em Galitch, os *boiardos* adquiriram grande influência na direção do Estado. Fato curioso, tôdas essas formas de governo existiam em Kiev de maneira embrionária, sem que, entretanto, uma delas conseguisse prevalecer sobre as demais, contribuindo êsse estado de cousas para sua pouca resistência ante os apetites dinásticos dos príncipes e as sucessivas invasões dos nômades. Por isso mesmo, essas três cidades tiveram evoluções políticas completamente diferentes (1).

A má sorte das regiões de Kiev e do Baixo-Dnieper deixou indiferentes os príncipes das outras partes da Rússia. O interesse comercial, já não tinha a mesma importância que outrora para o conjunto do país, porque o tráfego mercantil se deslocara e localizava-se então principalmente em Smolensk, especializada nas relações por via terrestre com o Ocidente, e em Novgorod que tinha conservado e desenvolvido seu comércio com o Báltico. O destino das províncias meridionais não mais interessava essas cidades mercadoras, cujas atividades se orientavam noutro sentido (2).

Novgorod, depois do declínio de Kiev, tornou-se o maior centro econômico da Rússia, superando de muito Smolensk. Situada sobre a grande rota do Báltico ao Mar Negro, desde o início teve grande importância. Como já mostramos, dela saíram os príncipes varegues que fizeram a glória de Kiev, e, por uma espécie de justiça, foi ela quem sobreviveu e recolheu a herança da sua rival. Com as lutas intestinas que se desencadea-

---

(1). — PLATONOV, *La Russie chrétienne*, 552-553; IDEM, *Histoire de la Russie*, 91; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *Histoire de Russie*, I, 99-100; ECK, *Le Moyen Age russe*, 25; LOT, *Les invasions barbares*, II, 23; BRUCE-BOSWELL, in *C. M. H.*, VI, 454.

(2). — ECK, *op. cit.*, 24-25.

ram pela posse do trono do Grão-Principado, os laços entre as duas cidades foram se tornando cada vez mais fracos, até o estabelecimento em Novgorod dum principado independente. Mas, como seu solo era estéril, Novgorod foi obrigada a procurar recursos para sua subsistência no comércio e na indústria, tornando-se assim, um grande centro econômico. Para isso, ela entrou em estreitas relações com os países do Oriente — através das rotas terrestres — com os Eslavos Bálticos, com a ilha de Gotland, e, mais tarde, com Lubeck, cujos comerciantes acabaram por monopolizar seu comércio em detrimento dos Suecos (3).

Devido ao aumento de suas relações com os países bálticos, Novgorod aumentou o número das suas colônias. Esses longínquos territórios formavam uma espécie de províncias tributárias, distintas das regiões que estavam diretamente sob seu domínio. As peles constituíam o principal produto dessas paragens do Extremo-Norte russo, mas logo Novgorod começou também a extrair prata das minas dos Montes Urais, nos territórios situados além, isto é, ao Norte do rio Kama. Grandes quantidades de peles — zibelinas, fuinhas, castores, martas e esquilos — recebidas como taxas, eram reunidas em Novgorod e daí exportadas para o vasto mercado do Mar Báltico (4).

Mais ou menos na mesma época em que os novos centros econômicos substituíram Kiev, isto é, no início do século XIII, a Rússia foi invadida por um grande número de inimigos. No Sul apareceu uma grande horda de nômades: os Tártaros; no Noroeste, nas regiões litorâneas do Báltico, irromperam os Alemães, que fundaram colônias nas embocaduras do Dvina Ocidental, do Niemen e do Vístula, e esboçaram um movimento em direção da Lituânia e da Rússia; mais ao Norte, no golfo da Finlândia e no Neva, surgiram novamente os Suecos. Os Lituanos, por sua vez, ante a pressão externa, uniram-se mais estreitamente e começaram a incursionar nas províncias fronteiriças da Rússia. Devido à

---

(3). — LANE POOLE, in *C. M. H.*, VI, 129.

(4). — EAST, *Géographie historique de l'Europe*, 200-201; MILLIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 111-112; PLATONOV, *R. C.*, 557-560.

pressão de tantos inimigos, os Russos foram obrigados a reagir seriamente para não perderem sua independência. A região meridional ficou ocupada pelos Tártaros, como veremos mais adiante, mas, ao Norte, os Russos, unindo-se em torno de Novgorod, opuzeram uma feroz resistência aos Alemães e Suecos, conseguindo subsistir. Os heróis populares dessas lutas foram os príncipes que uniram as forças da nação contra o inimigo comum: Alexandre Nevski na Rússia Setentrional; o príncipe Daniel Galitsk na Rússia Meridional e o príncipe Doomont, um Lituano russificado, em Pskov. Pouco a pouco, entretanto, relações comerciais foram se estabelecendo entre êsses invasores e os Russos. Em Novgorod, devido à proximidade da Suécia, a influência escandinava foi predominante do século XIII ao XIV, quando foi substituída pela da Hansa Teutônica, que nessa época tornou-se preponderante no Báltico, fundando inúmeras feitorias e entrepostos, dos quais um em Novgorod (5).

Assim, a decadência do comércio russo com Bizâncio, que arruinou Kiev, repercutiu fracamente em Novgorod, porque esta cidade então já desempenhava o papel de intermediária entre a Rússia e os países ocidentais, principalmente a Alemanha. Êsses contrastes se acentuam ainda mais, devido a uma nova catástrofe para Kiev: a invasão tártara.

\* \* \*

#### b) A invasão tártara.

No início do século XIII, as numerosas tribus tártaras que vagavam pelas estepes da Mongólia, uniram-se sob a chefia do khan Temutchin, mais tarde chamado Grande-Khan ou Gengiscão (Gengis-khan). O primeiro grande movimento dessa horda, conhecida pelo nome de “Horda de Ouro”, foi dirigido contra a China Setentrional, governada pela dinastia Sung, que logo se submeteu. Depois, ela se dirigiu para o Oeste e sua vanguarda, passando pelo litoral Sul do Mar Cáspio, pelo Cáucaso e estepes do Mar Negro, carregou contra os Polovtzes que, apavorados, apelaram para seus velhos

---

(5). — MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 111; LOT, *op. cit.*, II, 19; PIRENNE, *Histoire de l'Europe*, 152; PLATONOV, *R. C.*, 553-554.

inimigos: os Russos. Estes compreenderam o perigo, e uma grande coalisão se formou, composta dos príncipes de Kiev, Kursk, Tchernigov, Smolensk, Volínia e Galitch. O encontro decisivo travou-se no rio Khalka (hoje denominado Kalmin), perto de Mariupol, no dia 31 de Maio de 1223, sendo os Russos e Polovtzes completamente derrotados. O príncipe de Kiev, Mstislav, feito prisioneiro, foi torturado e após morto. Mas os Tártaros, sem aproveitar sua vitória, fizeram meia volta e desapareceram nas estepes russas, parece que a chamado de Gengiscão. Os Russos não puderam perceber a força dos seus adversários nesse breve e rápido encontro, mas infelizmente para eles os Tártaros voltaram (6).

Em 1227, com a morte de Gengiscão, seu sucessor Ogdai enviou seu sobrinho Batu à conquista do Ocidente. Em 1236, os Tártaros chegaram às margens do Volga, onde submeteram os Búlgaros. No inverno de 1237, atravessando o rio gelado, lançaram-se sobre a província de Riazan, exigindo sua submissão e tributos, cousas que lhes foram negadas. Em vista dessa resistência, devastaram a região e massacraram ou levaram em cativeiro seus habitantes. Os príncipes de Riazan, não ousando combater inimigo tão numeroso, refugiaram-se nas suas cidades fortificadas, mas isso de nada lhes serviu, porque os Tártaros as tomaram de assalto. Partindo de Riazan, elles penetraram na província de Suzdal e se apossaram sucessivamente das cidades de Moscou, Vladimir e Suzdal, saqueando também inúmeras outras povoações. O grão-príncipe de Vladimir, Jorge Vsevolodvich, abandonou sua capital e, reunindo um exército, marchou ao encontro do inimigo, mas foi derrotado e morto em Março de 1238. Em seguida, os Tártaros se dirigiram para a zona das florestas, marchando sobre Novgorod, mas foram detidos a 100 verstes da cidade pelo degêlo — que tinha transformado a região num verdadeiro pântano — e por chuvas torrenciais. Em face dêsse insucesso, elles voltaram para as estepes meridionais da Rússia, onde se lançaram sobre os restos dos Polovtzes. Estes, incapazes de resistir, foram dizimados ou se mesclaram com os próprios Tár-

---

(6). — LOT, *op. cit.*, II, 114; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 118; ECK, *op. cit.*, 26.

taros, conseguindo, entretanto, uma pequena parte dêles encontrar refúgio na Hungria e na Península Balcânica. Com a expulsão e extermínio dos Polovtzes, os Tártaros se estabeleceram nas estepes situadas entre o Mar Negro, o Cáspio e o Mar de Azov. Foi daí que Batu começou, em 1239, a conquista da Rússia Meridional. Tomou nesse ano as cidades de Pereiaslav e Tchernigov e em 1240 sitiou a cidade de Kiev, que não resistiu por muito tempo. Esta foi de tal maneira saqueada, que se viu transformada, posteriormente, em pequena aldeia. Seis anos após sua conquista, quando o monge Plano Carpini por ela passou, havia somente 200 casas habitadas. De Kiev, Batu marchou para o Oeste, apoderando-se de várias cidades da Galícia, e incursionando na Hungria, onde, em Mohi, sobre o Theiss, derrotou fragorosamente a cavalaria húngara e obrigou o rei Bela IV a refugiar-se no litoral do Adriático. No mesmo ano, Henrique o Piedoso, duque da Silésia, foi vencido e morto com dez mil cavaleiros na batalha de Liegnitz, perto de Breslau. Devido à resistência encontrada na Hungria e na Polônia, Batu voltou para as estepes meridionais da Rússia, mas aí não permaneceu muito tempo. Deixando as regiões do Mar de Azov e do Mar Negro a um dos seus parentes, êle partiu para as estepes do Don e do Volga, onde, nas margens do rio Akhtuba, fundou uma espécie de capital da Horda de Ouro, a cidade de Saraj, para sua residência (7).

A invasão tártara teve consequências imediatas na História Russa. A principal foi o apóio dispensado pelos khans tártaros aos príncipes de Moscou, ocasionando o predomínio destes sobre os demais príncipes russos, a-pesar-de todos êles pagarem tributos aos invasores. Por outro lado, os Tártaros também exerceram certa influência nas formas exteriores da vida russa, mas seus elementos culturais típicos foram de muito menos importância que os do Oriente em geral, e os orientais de menor intensidade que os bizantinos, porque êstes se manifestaram através da Igreja, sempre unida, em oposição aos príncipes lutando pela supre-

---

(7). — LANE POOLE, in *C. M. H.*, VI, 103; BRUCE-BOSWELL, in *C. M. H.*, VI, 458; MILIOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 118-120; EAST, *op. cit.*, 199; PLATONOV, *H. R.*, 92.

macia. A consequência indireta mais importante foi o rompimento definitivo das comunicações diretas entre a Rússia e Bizâncio. Os Tártaros terminaram assim a obra iniciada pelos Petchenegues e Polovtzes, impedindo por muitos séculos a marcha dos Eslavos Orientais rumo às terras negras das estepes meridionais da Rússia (8).

O jugo tártaro se abateu sobre a Rússia por mais de dois séculos, e sua civilização, após êsse começo tão feliz e tão belo que foi o período de hegemonia de Kiev, viu-se súbitamente isolada de Bizâncio e da Europa Ocidental, justamente na época em que nesta havia uma renovação de civilização. Tudo isso era o fim da Velha Rússia de Kiev. A Idade Média Russa vai começar.

---

(8). — MILOUKOV, SEIGNOBOS e EISENMANN, *op. cit.*, I, 123; RUNCIMAN, *La civilisation byzantine*, 307.





## CONCLUSÃO

A primeira conclusão a se tirar do que expuzemos, é a de terem os Eslavos Orientais, estabelecidos ao longo do Dnieper, encontrado muito mais dificuldades — daí seu mérito — que os Germanos na Europa Ocidental. Estes se localizaram em regiões de velha civilização de cunho mediterrâneo, entre os Romanos vencidos ou entre povos de longa data romanizados. Os Eslavos Orientais, pelo contrário, tiveram que enfrentar condições geográficas muito desfavoráveis, em locais onde anteriormente não existira civilização que se pudesse sequer comparar com as do Ocidente. Na partilha lhes coube somente um clima rude, florestas imensas, vastos lagos e pântanos, estepes enormes, de onde sempre surgiam hordas selvagens para atacá-los. Apesar de tudo isso, eles conseguiram organizar — com o auxílio dos Varegues — um vasto império nas fronteiras da Europa com a Ásia, que ainda desafia os tempos.

Os Eslavos Orientais disseminaram-se através dos rios — únicas vias de comunicação em zonas florestais densas — fundando nas suas margens várias aldeias, que mais tarde se transformaram em grandes cidades. Expandindo-se para o Sul e Sudeste eles entraram em contacto com mercadores árabes, judeus e bizantinos, instalados nos litorais dos Mares de Azov, Negro e Cáspio, e deles receberam elementos culturais que influenciaram posteriormente na elaboração da civilização russa.

Os Varegues, ramo desses Normandos que invadiram a Europa Ocidental desde o fim do século VIII, atravessaram a Rússia rumo a Bizâncio — a maior e a mais rica cidade da Alta Idade-Média — com a intenção de saqueá-la, mas nada conseguiram, devido às suas fortes muralhas e ao famoso “fogo grego”, utilizado pelos Bizantinos. O insucesso da tentativa fez com que eles se estabelecessem entre os Eslavos Orientais e aí organizassem um intenso comércio com Constantinopla. Também entabularam relações através do território dos Khazares e do Volga, diretamente com os mercadores de especiarias. Esse tráfego tomou grande incre-

mento, por ser a rota Báltico-Mar Negro a única via de abastecimento de produtos orientais de que podia dispor a Europa Ocidental, em consequência do fechamento do Mediterrâneo pelo Islão.

A civilização que êsses Varegues introduziram na Rússia, até então dividida pelas disputas entre as diversas tribus eslavas, é muito interessante, pelo seu caráter mercantil. A noção de riqueza dêsses Suecos é muito diferente da então aceita no Ocidente. Para êles, sòmente os bens móveis (principalmente os escravos) tinham valor; a terra — de tamanha importância na Europa Ocidental — nada significava, a não ser quando podiam se apropriar dos seus produtos. Essa concepção é tipicamente normanda, e se ela pôde se manter tanto tempo na Rússia, foi porque nesse país os guerreiros suecos se transformaram em mercadores. Aí está a diferença existente entre os Varegues e os Normandos que invadiram o Ocidente, pois êstes logo foram influenciados pela civilização feudal, que aí desabrochou desde a época da invasão do Mediterrâneo Ocidental pelos Árabes.

A própria concentração dos Varegues nos *gorods*, motivada inicialmente pelas necessidades militares, se transformou admiravelmente numa organização mercantil de primeira ordem. Dessa forma, êles puderam manter submissa a grande massa dos Eslavos Orientais, interessando-os no tráfego com as regiões do Sudeste da Europa e explorando seu trabalho. Essa curiosa organização comercial talvez só tenha subsistido em consequência da grande procura no Ocidente de produtos orientais e, também, porque os Eslavos e Varegues — ao contrário dos habitantes do Oeste da Europa, que permaneceram isolados em grandes grupos por causa da cessação do comércio — mantiveram-se em estreito contacto com Bizâncio e Bagadá, os maiores centros urbanos e manufatureiros da Alta Idade-Média.

Além de dar êsse cunho mercantil à civilização russa dos séculos IX ao XII, os Varegues exerceram grande influência sôbre suas instituições — a começar pela imposição do seu próprio nome ao país e seus habitantes — pois, desde a *drujina* até o direito russo, nelas encontramos seus sinais. Essa influência escandinava, ou

germânica, perdurou pelo menos até o século XII, sendo ainda bem visível no código *Pravda Russkaja* de Yaroslav. Infelizmente, se podemos verificar sua presença, não possuímos meios para saber onde ela começa e onde termina. Essa incapacidade talvez se explique pela semelhança da civilização existente entre os Varegues e os Eslavos Orientais dessa época, pois não devemos nos esquecer de que êsses dois povos eram indo-europeus.

Os contrastes entre a Rússia e a Europa Ocidental dessa época são muito interessantes. Dum lado, encontramos uma aristocracia de mercadores, um grande número de escravos-mercadorias ou instrumentos de trabalho, uma população estabelecida em centros urbanos de grande vida comercial, uma economia de trocas em espécie e monetária; do outro, uma aristocracia guerreira de base territorial, uma grande quantidade de servos da gleba, uma população esparsa pelo campo, com uma economia de simples consumo interno e de tendências autárquicas. E' verdade que posteriormente, com a cessação do comércio e devido às lutas intestinas que levaram Kiev à decadência no fim do século XII, apareceram na Rússia as mesmas instituições que tinham vigorado até então no feudalismo da Europa Ocidental, o qual aliás nessa época já estava se transformando em consequência do renascimento do tráfico mercantil proveniente da reabertura do Mediterrâneo pelos Normandos e pelo movimento das Cruzadas. Poderíamos mesmo afirmar — com as necessárias reservas — que o período de Kiev na Rússia corresponde à Antiguidade do mundo mediterrâneo, e que a Idade Média começa verdadeiramente para essa região com a invasão tártara. Como vemos, a Rússia sempre acompanhou a evolução do Ocidente com um atraso que vai se tornando cada vez menor.

Uma outra consequência muito interessante da invasão varegue na Rússia foi a expansão do Cristianismo nesse país, porque, se os Suecos não tivessem estabelecido um comércio intenso com Bizâncio — grande centro intelectual e religioso — talvez os Eslavos Orientais tivessem abraçado o Islamismo ou o Judaísmo, introduzidos pelos Khazares nas planícies do Meridiano russo, por serem essas duas religiões monoteístas muito superiores ao simples feiticismo e idolatria que até

então êles praticavam. Podemos, pois, afirmar terem sido os mercadores varegues os introdutores na Rússia da civilização bizantina, através do Cristianismo. Esse fato deu à Igreja russa um cunho típico que perdura até nossos dias, tendo resistido a tôdas as invasões e tentativas de destruição, de tal maneira que, após a queda de Constantinopla, os Moscovitas reclamaram para si a herança bizantina, explicando êsse fato, em parte, a política expansionista russa em direção ao Mar Negro e Dardanelos.

Os príncipes varegues de Kiev lutaram durante séculos contra os nômades das estepes (Khazares, Búlgaros do Volga, Petchenegues, Polovtzes e Tártaros), continuando a velha refrega prehistórica dos sedentários contra os nômades. Sem dúvida, essa luta de muito preservou o Ocidente da invasão dêsses elementos selvagens, principalmente dos Tártaros que ficaram durante bastante tempo pelejando na Rússia para submeter os príncipes de diversas províncias. Como cristãos, os Varegues-Eslavos também contribuíram, com parte não pequena, na Cruzada da Cristandade contra o Islão, combatendo os nômades e principalmente os Polovtzes, que eram na realidade próximos parentes ou, talvez mesmo, um ramo dos ferozes Seljúquidas. Os Varegues não tiveram sorte, ou não puderam conter os nômades, e a melhor prova de ser a civilização mercantil de Kiev obra dêles e não exclusivamente dos Eslavos Orientais, é a de que bastou os Tártaros terem destruído — tomando as cidades e taxando-as com produtos da terra — a classe dos mercadores e dos burgueses da bacia do Dnieper, para que a terra, sòmente a terra, ficasse como base econômica da nova sociedade que vai ter Moscou como centro. Com isso, podemos afirmar que a Rússia começou a atingir o estágio da sociedade feudal do tipo carolíngio.

Mas a decadência de Kiev não foi obra exclusiva da invasão tártara e das lutas intestinas pela posse do trono do Grão-Principado. Pelo contrário, porque antes dêsses acontecimentos, essa decadência já havia começado, pois a fundação dos Estados normandos estava terminada e a expansão árabe já havia sido detida no século XI. E como foram êsses acontecimentos que determinaram o nascimento dessa curiosa civilização

mercantil varegue, esta, depois disso, não tinha mais razão de existir. Não podemos negar também, é óbvio, que as invasões dos Polovtzes e dos Tártaros tornaram precário o comércio com Bizâncio, mas elas só apressaram um acontecimento fatal, porque os maiores motivos da decadência de Kiev foram a impotência do Islão — permitindo as navegações dos Normandos e Italianos pelo Mediterrâneo — e o enfraquecimento de Bizâncio, devido às Cruzadas e à formação do Império Latino do Oriente. Com isso, os mercadores ocidentais, principalmente os Venezianos, se encarregaram do comércio da sêda e das especiarias do Oriente para o Ocidente, por via marítima, por ser esta muito mais rápida e econômica, tornando completamente inúteis as rotas terrestres-fluviais do Danúbio e Mar Negro-Báltico muito mais dispendiosas e difíceis de serem mantidas, devido à hostilidade dos povos que habitavam então o Sudeste da Europa.

Com a decadência comercial de Kiev, a Rússia voltou-se inteiramente para si própria, mantendo apenas ligações não muito intensas com o Báltico, através de Novgorod. Neste ponto a invasão dos Tártaros teve grande influência, pois, não podendo conquistar as regiões setentrionais da Rússia, cobertas por densas florestas, êles se contentaram com tributos que eram percebidos pelos príncipes de Moscou. Os Tártaros forjaram, assim, a futura Rússia Moscovita que acabou por conquistar posteriormente as estepes do Meridião.



## BIBLIOGRAFIA

### Abrevia- turas.

- BRIAN-CHANINOV (N.). — *Histoire de Russie*. Paris. Fayard. 1929. 509 pp.
- CALMETTE (Joseph). — *Le monde féodal*. Paris. Les Presses Universitaires de France. Coleção "Clio". Introdução de S. Charléty. LII+490 pp.
- IDEM. — *Textes et documents d'Histoire. II. Moyen Âge*. Paris. Les Presses Universitaires de France. Coleção "Clio". Com a colaboração de J. J. Gruber. 1937. VII+233 pp.
- C. M. H. CAMBRIDGE MEDIEVAL HISTORY (The). — Sob a direção de J. B. Bury. Londres. 8 volumes.
- CAMENA d'ALMEIDA (P.). — *États de la Baltique. Russie*. t. V da "Géographie Universelle" sob a direção de P. Vidal de la Blache e L. Gallois. Paris. Colin. 1932. 352 pp. LXIV estampas e 76 mapas e figuras.
- DIEHL (Charles) e MARÇAIS (Georges). — *Le monde oriental de 395 à 1081*. Tomo III da "Histoire du Moyen Âge" da "Histoire Générale" sob a direção de Gustave Glotz. Paris. Les Presses Universitaires de France. 1936. XXIII+628 pp.
- EAST (Gordon). — *Géographie historique de l'Europe*. Paris. Gallimard. 1939. 398 pp. 58 figs. Tradução do inglês por André Vaillant.
- ECK (Alexandre). — *Le Moyen Âge russe*. Paris. La Maison du Livre Etranger. 1933. Prefácio de Henri Pirenne. XV+574 pp. 1 mapa.
- GAUDEFROY-DEMOMBYNES. — *Le monde byzantin du VIIe au XIe siècle*. In tomo VII-1 da "Histoire du Monde" sob a direção de E. Cavaignac: "Le monde musulman et byzantin jusqu'aux croisades". Paris. De Boccard. 1931. pp. 453-467.
- GLOTZ (Gustave) e COHEN (Robert). — *Histoire grecque. Des origines aux guerres médiques*. Tomo I da "Histoire grecque" da "Histoire Générale" sob a direção de Gustave Glotz. Paris. Les Presses Universitaires de France. 1925. XIX+635 pp. 10 mapas.
- GUÉRIN-SONGEON (R. P.). — *Histoire de la Bulgarie*. Paris. Nouvelle Librairie Nationale. 1913. Com um prefácio de Gustave Schlumberger. 480 pp.
- HALPHEN (Louis). — *Les barbares, des grandes invasions aux conquêtes turques du XIe siècle*. Paris. Alcan. Coleção "Peuples et Civilisations". 1930. 2a. edição. 437 pp. 2 mapas.

Abrevia-  
turas.

- LESCAFT (E. F.). — *Geografia de la Rusia Soviética*. Barcelona e Buenos Aires. 1930. Coleção Labor. 2 volumes. 397+172 pp. 85+86 figs. XVI+XIV estampas.
- LOT (Ferdinand). — *Les invasions barbares et le peuplement de l'Europe. Introduction à l'intelligence des derniers traités de paix*. Paris. Payot. 1937. 2 volumes. 349-319 pp. 45 mapas.
- MARKOFF (Alexis). — *Historia de Rusia*. Barcelona. Labor. 1930. 219 pp. 60 figs. 16 estampas e 2 mapas.
- MILIOUKOV (Paul), SEIGNOBOS (Ch.) e EISENMANN (L.). — *Histoire de Russie*. Paris. Ernest Leroux. 1935. 3 volumes.
- MOSS (H. St. L. B.). — *La naissance du Moyen Age*. Paris. Payot. 1937. 355 pp. 12 mapas. Tradução do inglês por M. R. Mourey.
- OLSEN (dr. Ørjan). — *La conquête de la Terre*. Paris. Payot. 1933-1937. 6 volumes. Tradução do norueguês por E. Guerre.
- H. E. PIRENNE (Henri). — *Histoire de l'Europe des invasions au XVIe siècle*. Bruxelas. Nouvelle Société d'Éditions. 1936. 7a. edição. XV+492 pp.
- M. C. IDEM. — *Mahomet et Charlemagne*. Bruxelas. Nouvelle Société d'Éditions. 1937. 3a. edição. X+264 pp.
- V. I. U. IDEM. — *Les villes et les institutions urbaines*. Bruxelas. Nouvelle Société d'Éditions. 1939. 2a. edição 2 volumes. VIII+431-298 pp.
- H. R. PLATONOV (S.). — *Histoire de la Russie des origines à 1918*. Paris. Payot. 1929. 991 pp. 4 mapas.
- R. C. IDEM. — *La Russie chrétienne*. In tomo VII-1 da "Histoire du Monde" sob a direção de E. Cavaignac: "Le monde musulman et byzantin jusqu'aux Croisades". Paris. De Boccard. 1931. pp. 469-588.
- ROTH (Karl). — *Historia del Imperio Bizantino*. Barcelona. Labor. 1928. 2a. edição. 184 pp. 9 figs. 4 estampas. 3 mapas. Tradução de J. Rovira Ermengol.
- RUNCIMAN (Steven). — *La civilisation byzantine (330-1453)*. Paris. Payot. 1934. 341 pp. Tradução de E. J. Lévy.
- SCHLUMBERGER (Gustave). — *Récits de Byzance et des Croisades*. Paris. Plon. 2 volumes. 306-230 pp.
- SIMÕES DE PAULA (E.). — *O comércio de Bizâncio com o Extremo-Oriente*. São Paulo. 1941. Separata da revista "Filosofia, Ciências e Letras" n.º 8.
- VASILIEV (A. A.). — *Histoire de l'Empire byzantin*. Paris. Picard. 1932. 2 volumes. Tradução do russo por P. Brodin e A. Bourguina. Prefácio de Charles Diehl. IX+ 498-481 pp. 30 estampas. 7 mapas.



## E R R A T A (1).

| Na página                    | em vez de             | leia-se                             |
|------------------------------|-----------------------|-------------------------------------|
| 22, 3ª alinea, 1ª linha      | Hoeskuld. ou          | Hoeskuld ou                         |
| 25, 3ª alinea, última linha  | (1557-1598)           | (1584-1598)                         |
| 37, 3ª linha                 | <b>pagost</b>         | <b>pagost</b>                       |
| 37, 7ª linha                 | <b>pagost</b>         | <b>pagost</b>                       |
| 38, 2ª alinea                | <i>ἐπινομασόμενον</i> | <i>ἐπινομαζόμενον</i>               |
| 39, 3ª alinea, 3ª linha      | fazer se              | fazer-se                            |
| 45, 3ª linha                 | da província          | do principado                       |
| 45, nota 44, 23ª linha       | de mil.               | de mil).                            |
| 46, 11ª linha                | ou <b>muz</b>         | sing. <b>muz</b>                    |
| 46, 12ª linha                | <b>otroki (òtrok)</b> | <b>otroki</b> (sing. <b>òtrok</b> ) |
| 59, 2ª alinea, 3ª linha      | <i>ἐνορκός</i>        | <i>ἐνόρκους</i>                     |
| 77, 2ª alinea, 9ª linha      | <b>Radimitch,</b>     | <b>Radimitchi,</b>                  |
| 77, 4ª linha                 | do, as sugestões      | do as sugestões                     |
| 87, 2ª alinea, 8ª linha      | Ysevold,              | Vsevolid,                           |
| 89, 12ª linha                | Ysevold,              | Vsevolid,                           |
| 103, 3ª alinea, 2ª linha     | Leão o Isauriano      | Leão-o-Isauriano                    |
| 113, 11ª linha               | Burgar                | Bulgar                              |
| 117, 3ª linha                | Leão VI o Sábio       | Leão VI-o-Sábio                     |
| 125, 3ª alinea, 7ª alinea    | vitch                 | vich                                |
| 132, 10ª linha               | Doomont               | Dovmont.                            |
| 134, 18ª linha               | Henrique o Piedoso    | Henrique-o-Piedoso                  |
| 134, 1ª alinea, última linha | Saraj                 | Sarai                               |

(1). — Pedimos aos nossos leitores que nos perdoem as deficiências na impressão das citações russas, oriundas da falta de certos acentos e letras em São Paulo.



## Í N D I C E

|  |     |
|--|-----|
| INTRODUÇÃO .....   | 5   |
| CAPÍTULO I. — O ESTABELECIMENTO DOS ES-<br>LAVOS NAS PLANÍCIES RUSSAS. — OS<br>ANTES ..... | 9   |
| CAPÍTULO II. — Os VAREGUES NA RÚSSIA .....   | 15  |
| a) O significado dos nomes "Rússia" e "Varegue" .....                                      | 15  |
| b) A expansão normanda e o estabelecimento dos<br>Varegues na Rússia .....                 | 22  |
| CAPÍTULO III. — O COMÉRCIO VAREGUE.....  | 31  |
| a) A rota comercial do Báltico ao Mar Negro.....   | 31  |
| b) O ataque russo a Bizâncio em 860 .....  | 42  |
| c) O governo dos grão-príncipes varegues de Kiev .....                                     | 44  |
| d) O comércio de Kiev com Bizâncio .....   | 49  |
| CAPÍTULO IV. — DINASTIA DOS GRAO-PRINCI-<br>PES DE KIEV .....                              | 57  |
| a) Oleg (879-912) .....  | 57  |
| b) Igor (912-945) .....  | 60  |
| c) Olga (945-957) .....  | 64  |
| d) Sviatoslav (957-972) .....  | 66  |
| CAPÍTULO V. — A CRISTIANIZAÇÃO DA RÚSSIA   | 71  |
| a) O advento de Vladimiro (980-1015) .....   | 71  |
| b) As relações de Vladimiro com Bizâncio. Sua<br>conversão ao Cristianismo .....           | 73  |
| c) As consequências da introdução do Cristianismo<br>na Rússia .....                       | 79  |
| d) Yaroslav-o-Sábio (1019-1054) .....  | 84  |
| e) A sucessão de Yaroslav-o-Sábio .....  | 89  |
| CAPÍTULO VI. — KIEV E OS NÔMADES DAS ES-<br>TEPES .....                                    | 101 |
| a) Os Khazares .....   | 102 |
| b) Os Búlgaros do Volga .....  | 111 |
| c) Os Petchenegues .....   | 114 |
| d) Os Polovtzes .....  | 121 |
| CAPÍTULO VII. — A DECADÊNCIA DE KIEV E A<br>INVASÃO TÁRTARA.....                           | 129 |
| a) A hegemonia de Novgorod .....   | 129 |
| b) A invasão tártara .....   | 132 |
| CONCLUSÃO .....  | 137 |
| BIBLIOGRAFIA .....   | 143 |



**BOLETINS DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS  
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.**

**Volumes publicados:**

- I. — ZOOLOGIA n.º 1 — 1937.
- II. — BOTÂNICA n.º 1 — 1937.
- III. — BIOLOGIA n.º 1 — 1937.
- IV. — ZOOLOGIA n.º 2 — 1938.
- V. — FÍSICA n.º 1 — 1938.
- VI. — LETRAS n.º 1 — 1938.
- VII. — BIOLOGIA n.º 2 — 1938.
- VIII. — MINERALOGIA n.º 1 — 1938.
- IX. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA n.º 1 — 1939.
- X. — MINERALOGIA n.º 2 — 1939.
- XI. — ETNOGRAFIA BRASILEIRA E LÍNGUA TUPI-GUARANÍ n.º 1 — 1939.
- XII. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO n.º 1 — 1939.
- XIII. — ZOOLOGIA n.º 3 — 1939.
- XIV. — QUÍMICA n.º 1 — 1939.
- XV. — BIOLOGIA n.º 3 — 1939.
- XVI. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA n.º 2 — 1940.
- XVII. — BOTÂNICA n.º 2 — 1940.
- XVIII. — MINERALOGIA n.º 3 — 1940.
- XIX. — ZOOLOGIA n.º 4 — 1940.
- XX. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO n.º 2 — 1940.
- XXI. — MINERALOGIA n.º 2 — 1941.
- XXII. — ZOOLOGIA n.º 5 — 1941.
- XXIII. — ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANÍ n.º 2 — 1941.
- XXIV. — ETNOGRAFIA E LÍNGUA TUPI-GUARANÍ n.º 3 — 1941.
- XXV. — ZOOLOGIA n.º 6 — 1942.
- XXVI. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL n.º 3 — 1942.

*IMPRESSORA COMERCIAL*  
*Rua Quirino de Andrade, 59-67*  
*SÃO PAULO - 1942*

